

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Leandro Formicki

**A contribuição financeira no Cristianismo Primitivo Paulino à luz de
2Co 8,8-15 e 9,6-9**

Mestrado em Teologia

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Leandro Formicki

**A contribuição financeira no Cristianismo Primitivo Paulino à luz de
2Co 8,8-15 e 9,6-9**

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa.

São Paulo

2022

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____.

E-mail:

Ficha

Leandro Formicki

A contribuição financeira no Cristianismo Primitivo Paulino à luz de
2Co 8,8-15 e 9,6-9

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa – PUC-SP (Orientador)

Prof. Dr. Pe. Jean Richard Lopes - PUCMINAS

Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo – PUC-SP

Aos meus amados pais, Eduardo e Sônia,
À minha amada irmã Larissa.

A presente dissertação foi realizada com apoio de *bolsa parcial* da Adveniat, obra de solidariedade da Igreja Alemã com a América Latina.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta pesquisa, reconheço que é impossível realizar algo importante sem a ajuda de outras pessoas, por isso, fica expressa minha gratidão:

A Deus, o doador da vida, pela sabedoria e cuidado;

À minha família, pelas horas de compreensão e apoio;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa, sua erudição, e prontidão em me atender foram fundamentais para a conclusão desta obra. Muito obrigado pela amizade e pela orientação.

Aos professores da Pós-Graduação, por abrirem meus horizontes;

Agradeço aos amigos e amigas da Pós-Graduação, pela amizade, compartilhamento e aprendizado.

*“[...] O domínio do ser humano sobre os outros
adultera a imagem de Deus.”*

Hans Walter Wolff, em *Antropologia do Antigo Testamento*

FORMICKI, Leandro. *A Contribuição Financeira no Cristianismo Primitivo Paulino à luz de 2Co 8,8-15 e 9,6-9.*

RESUMO

O presente estudo exegético-teológico tem por objetivo pesquisar (2Co 8,8-15 e 9,6-9), a fim de mostrar que o princípio basilar do evangelho de Jesus (o ato de se doar por amor) deve ser o paradigma que os coríntios precisam assimilar e praticar. Além disso, propõe-se destacar a importância da relação de Paulo com a igreja que ele fundou em Corinto para refutar seus opositores, demonstrar, por meio do estudo exegético-teológico na perspectiva comunicativa de (2Co 8,8-15), que a contribuição tinha como princípio o “amor” e, por isso, era utilizada para ajudar os cristãos mais pobres e comprovar, através do estudo exegético-teológico na perspectiva comunicativa de (2Co 9,6-9), que a contribuição era voluntária e gerava um reconhecimento de Deus por parte dos cristãos. Diante disso, propõe-se a hipótese de que o dízimo não era o modelo de contribuição financeira praticado no Cristianismo Primitivo Paulino, ao invés disso, o modelo ideal para contribuição era voluntário, movido pelo amor aos domésticos da fé e sem predefinição de valores. Para tanto, fundamenta-se esta pesquisa, nos estudiosos Massimo Grilli, Maurizio Guidi e Elzbieta M. Obara, respectivamente da comunicação e pragmática na exegese bíblica, além de revisar algumas discussões exegéticas acerca dos textos que são objetos deste estudo.

Palavras-Chave: Amor, Coríntios, Contribuição, Pragmática, Voluntariedade.

FORMICKI, Leandro. *The Financial Contribution in Pauline Early Christianity in the light of 2 Co 8,8-15 and 9,6-9.*

ABSTRACT

The present exegetical-theological study aims to research (2Co 8,8-15 and 9,6-9), in order to show that the basic principle of the gospel of Jesus (the act of giving oneself for love) must be the paradigm that Corinthians need to assimilate and practice. Furthermore, it is proposed to highlight the importance of Paul's relationship with the church he founded in Corinth to refute his opponents, to demonstrate, through the exegetical-theological study in the communicative perspective of (2Co 8,8-15), that the contribution had as a principle of "love" and, therefore, it was used to help the poorest Christians and to prove, through the exegetical-theological study in the communicative perspective of (2Co 9,6-9), that the contribution was voluntary and generated a recognition of God on the part of Christians. Given this, we propose the hypothesis that tithing was not the model of financial contribution practiced in the Pauline early Christianity; instead of this, the ideal model for contribution was voluntary, driven by love for the household of faith, and without pre-definition of values. Therefore, this research is based on the scholars Massimo Grilli, Maurizio Guidi and Elzbieta M. Obara, respectively on communication and pragmatics in biblical exegesis, in addition to reviewing some exegetical discussions about the texts that are the object of this study.

Keywords: Love, Corinthians, Contribution, Pragmatics, Willingness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: A Corinto Grega e Romana	15
1. Corinto na época de Paulo	15
2. Paulo e a Igreja em Corinto	24
3. Ocasão e Propósito da Segunda Carta aos Coríntios	30
4. A Unidade Epistolar de 2 Coríntios 8 e 9	35
CONCLUSÃO	45
CAPÍTULO 2: A Contribuição por Amor em 2 Coríntios 8,8-15.....	47
1. Considerações Preliminares	47
1.1. Texto Grego e Tradução de 2 Coríntios 8,8-15.....	47
1.2. Crítica Textual.....	48
1.3. Delimitação e Unidade	52
1.4. Cotexto Remoto.....	53
1.5. Cotexto Próximo	56
2. Coesão Formal	57
3. Coerência Semântica.....	63
4. Dimensão Pragmática	76
CONCLUSÃO	80
CAPÍTULO 3: A Voluntariedade da Contribuição em 2 Coríntios 9,6-9.....	82
1. Considerações Preliminares	82
1.1. Texto Grego e Tradução de 2 Coríntios 9,6-9.....	82
1.2. Crítica Textual.....	83
1.3. Delimitação e Unidade	86
1.4. Cotexto Próximo	87
2. Coesão Formal	89
3. Coerência Semântica.....	92

4. Dimensão Pragmática	103
CONCLUSÃO	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce depois de verificar-se que alguns pastores interpretam de forma tendenciosa a contribuição financeira no Cristianismo Primitivo. Por meio desta interpretação, muitos são levados a acreditarem que se não derem o dízimo que é “obrigatório”, Deus os castigará. Além disso, esses também são conduzidos a cometerem atitudes que causam um grande prejuízo financeiro para si mesmos.

É notório que o tema proposto, apesar de ter sido pouco explorado no ambiente científico, pode oferecer uma grande contribuição para a realidade pastoral descrita anteriormente. Buscar referências para as comunidades religiosas, sob o crivo acadêmico-científico, pode suscitar novas posturas e atitudes frente às tendências atuais de interpretação dos termos “dízimo” e “oferta”.

Portanto, os resultados desta pesquisa podem levar a uma melhor compreensão sobre o tema e a prática da contribuição financeira no cristianismo paulino. E, assim, alimentar a vida dos cristãos hoje mergulhados numa mentalidade capitalista que promove e sustenta a idolatria do dinheiro e do lucro, em detrimento de uma vivência autenticamente evangélica frente aos bens materiais.

Assim sendo, propõe-se a hipótese de que o dízimo não era o modelo de contribuição financeira praticado no Cristianismo Primitivo Paulino, ao invés disso, o modelo ideal para contribuição era voluntário, movido pelo amor aos domésticos da fé e sem predefinição de valores.

Observa-se, portanto, que o tema da pesquisa apresenta algumas questões a serem analisadas e discutidas, a fim de cumprir-se os objetivos.

Visa-se o estudo exegético-teológico na perspectiva comunicativa do texto de (2Co 8,8-15 e 9,6-9) no sentido de mostrar que o princípio basilar do evangelho de Jesus (o ato de se doar por amor) deve ser o paradigma que os coríntios precisam assimilar e praticar. Quanto aos objetivos específicos, propõe-se: a) Destacar a importância da relação de Paulo com a igreja que ele fundou em Corinto para refutar seus opositores; b) Demonstrar, por meio do estudo exegético-teológico na perspectiva comunicativa de (2Co 8,8-15), que a contribuição tinha como princípio o “amor” e, por isso, era utilizada para ajudar os cristãos mais pobres; c) Comprovar, através do estudo exegético-teológico na perspectiva comunicativa de (2Co 9,6-9), que a contribuição era voluntária e gerava um reconhecimento de Deus por parte dos cristãos.

Ademais, na segunda carta aos coríntios, tanto no capítulo 8 quanto no capítulo 9, percebe-se que há elementos pragmáticos a serem explorados. Em outras palavras, o apóstolo Paulo construiu seu discurso com o objetivo de persuadir seus leitores. Por isso, os dados obtidos por meio da análise pragmática, literário-estrutural e teológica da exegese, trarão uma maior compreensão da intenção do autor em colocar estas perícopes onde estão.

A fonte principal de análise desta pesquisa são os textos de (2Co 8,8-15 e 9,6-9), os quais serão analisados exegeticamente sob a perspectiva sincrônica. Por outro lado, pequenos acenos diacrônicos serão realizados na análise do primeiro capítulo. Portanto, no primeiro capítulo, será analisado o “lugar vivencial” dos cristãos em Corinto, e algumas questões ligadas à unidade da carta. Em seguida, as duas perícopes serão analisadas por meio da tradução, crítica textual, delimitação e unidade, cotexto remoto, cotexto próximo, coesão formal, coerência semântica e dimensão pragmática.

Para tanto será realizado um levantamento bibliográfico, tanto das publicações brasileiras como internacionais, a fim de informar o estado atual das pesquisas sobre a “contribuição financeira” na época do Cristianismo Primitivo, em especial na segunda carta aos Coríntios nos capítulos 8 e 9. Estas obras serão fundamentais para o embasamento teórico acerca do tema desta pesquisa.

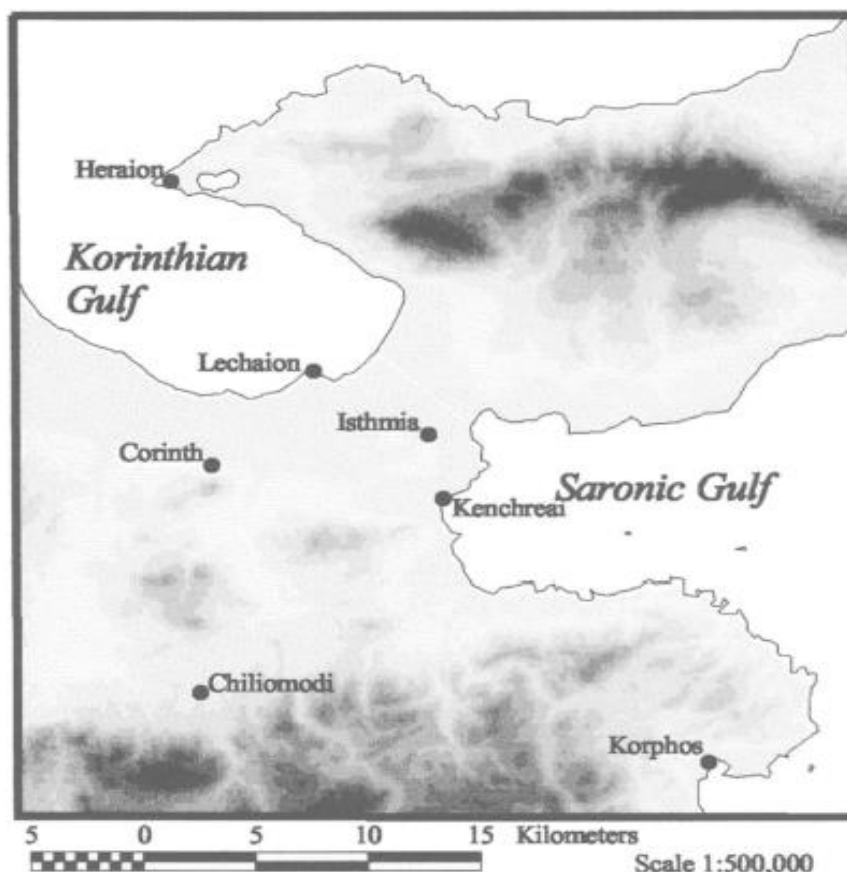
Desta forma, espera-se alcançar os objetivos e confirmar a hipótese levantada na pesquisa, de maneira a trazer contribuições significativas tanto para a comunidade acadêmica como para a comunidade religiosa a respeito da contribuição financeira no Cristianismo Primitivo Paulino.

CAPÍTULO 1

A Corinto Grega e Romana

1. Corinto na época de Paulo

“A cidade de Corinto era o centro da Coríntia [...]”¹. O nome Coríntia aparece nos escritos do geógrafo Pausânias Ἡ δὲ Κορινθία χώρα² “A região Coríntia” ou o Golfo de Corinto. Observa-se na figura a seguir o mapa desta região:



Fonte: Corinth: The First City of Greece an Urban History of Late Antique Cult and Religion³.

¹ROTHAUS, Richard M. *Corinth: The First City of Greece an Urban History of Late Antique Cult and Religion*. Leiden: Brill, 2000, p. 8.

²JONES, W. H. S. *Pausanias's Description of Greece*. In Six Volumes. London: William Heinemann, 1918, p. 246.

³ROTHAUS, Richard M. *Corinth: The First City of Greece an Urban History of Late Antique Cult and Religion*. Leiden: Brill, 2000, p. 9.

Heraion: Heraion

Korinthian Gulf: Golfo de Corinto

Lechaion: Lequeu

Isthmia: Istmo

Corinth: Corinto

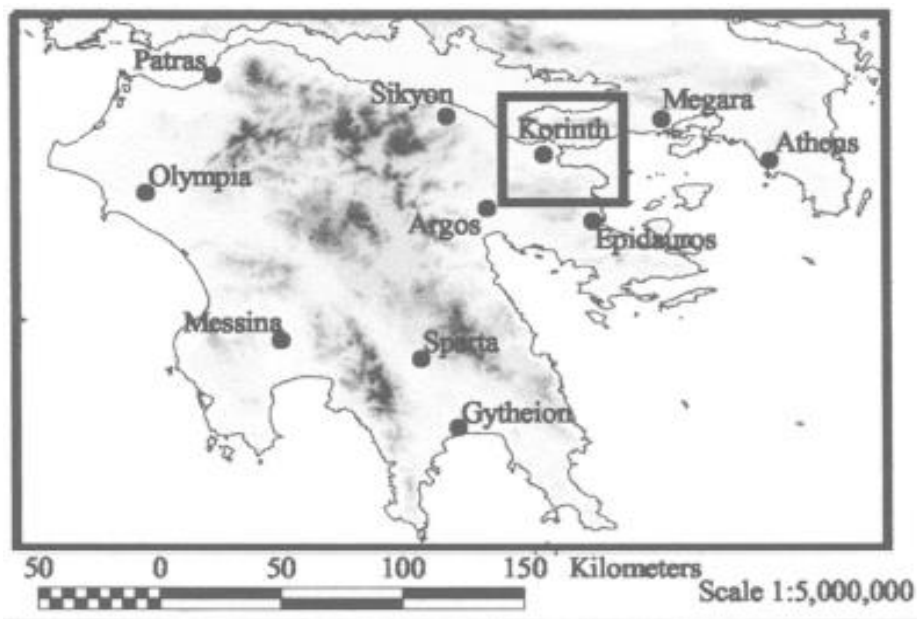
Chiliomodi: Chiliomodi

Korphos: Korfos

Kenchreai: Cencreia

Saronic Gulf: Golfo Sarônico

Além disso, o mapa a seguir mostra as cidades do Peloponeso:



Fonte: Corinth: The First City of Greece an Urban History of Late Antique Cult and Religion⁴.

Patras: Pátras

Olympia: Olímpia

Messina: Messênia

Sikyon: Sicião

⁴Ibid, p. 9.

Argos: Argos

Sparta: Esparta

Gytheion: Gytheio

Korinth: Corinto

Epidauros: Epidauro

Megara: Mégara

Athens: Atenas

A cidade de Corinto tinha uma grande atividade econômica, pelo fato de estar próxima ao mar. Além disso, na cidade havia uma vida religiosa dinâmica. Mas, segundo Murphy-O'Connor, este grande centro comercial “foi destruído pelos romanos em 146 a.C. e fundado como uma colônia romana por Júlio César em 44 a.C. Assim, havia de fato duas Corinto, uma grega e outra romana, cada uma com suas instituições e características distintas”⁵. No entanto, para conhecer mais sobre Corinto, deve-se mostrar algumas fontes primárias que descrevem as particularidades desta cidade. Por isso, inicia-se por Pausânias.

De acordo com Jones, “sobre Pausânias, nada sabemos, exceto o que podemos obter de algumas dicas dispersas em sua própria excursão pela Grécia [...] Pausânias escreveu seu quinto livro em 174 d.C.”⁶ Ademais, Murphy-O'Connor diz que

A Descrição da Grécia é um manual, o primeiro de seu tipo. Foi projetado, não para o viajante da poltrona, mas para aqueles que se deram ao trabalho de visitar os lugares mencionados. Ele direciona os visitantes para o que vale a pena ver, mas não descreve o que eles poderiam ver por si mesmos. As frequentes referências a “guias” (exegetai) implicam que havia locais que, por consideração, poderiam fornecer informações mais detalhadas. Pausânias usou fontes e consultou especialistas, mas não há dúvida de que ele percorreu todas as estradas que descreve⁷.

⁵MURPHY – O'CONNOR, Jerome. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 1, 159.

⁶JONES, W. H. S. *Pausanias's Description of Greece*. In Six Volumes. London: William Heinemann, 1918, p. ix.

⁷MURPHY – O'CONNOR, Jerome. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 3.

No livro 2, Pausânias descreve a cidade de Corinto. Então, em seguida observa-se algumas características desta cidade.

Descrição da Grécia (Origem mítica de Corinto):

2.1.1 A região Coríntia é uma parte do Argivo e recebe o nome de Corinto. Que Corinto era filho de Zeus, nunca soube que alguém falasse a sério, exceto a maioria dos coríntios. Eumelo, filho de Anfítilo, da família dos Báquidas, que se diz ter composto o poema épico, diz em sua História de Corinto (se é que a história é sua) que Éfira, filha de Oceano, habitou primeiro nesta terra; que depois Maratona, filho de Epopeu, filho de Aloe, filho de Hélios (Sol), fugindo da violência sem lei de seu pai migrou para a costa marítima da Ática; que, com a morte de Epopeu, ele chegou ao Peloponeso, dividiu seu reino entre seus filhos e retornou à Ática; e Asopia mudou seu nome tomando de Sicião e Éfira de Corinto⁸.

A cidade de Corinto tem uma origem mítica a qual é parecida com a origem mítica de Roma. No mundo antigo era relevante vincular a origem da cidade aos deuses, a fim de fornecer valor e prestígio para ela.

Pausânias também descreve muitos lugares sagrados em Corinto, dentre os quais estão o Santuário de Posêidon, das Cariátides, de Zeus, o Templo de Apolo, de Dionísio, de Ártemis, o Santuário de Asclépio, de Atena, de Afrodite e o de Hera. Em seguida apresenta-se a descrição de alguns lugares sagrados em Corinto.

Descrição da Grécia (Santuário de Posêidon):

2.1.7 Desde então, eles dizem, o Istmo pertence a Posêidon. Vale a pena ver aqui um teatro e um estádio de mármore branco. No santuário do deus, de um lado, estátuas de retrato de atletas que conquistaram vitórias nos jogos ístmicos; do outro lado, pinheiros crescendo em uma fileira, o maior número deles se erguendo reto. No templo, que não é muito grande, estão os tritões de bronze. No templo anterior, há imagens, duas de Posêidon, uma terceira de Anfítrite e uma do Mar, que também é de bronze. As ofertas internas foram dedicadas em nosso tempo por Herodes, o ateniense, quatro cavalos dourados, exceto pelos cascos, que são de marfim, e dois tritões de ouro, ao lado dos cavalos, com as partes abaixo da cintura de marfim⁹.

Descrição da Grécia (Santuários na Ágora e o Santuário para todos os deuses):

2.2.6-8 Na ágora - onde está a maioria dos santuários e há um de Ártemis, apelidado de Efésia, e as xoanas douradas de Dionísio, exceto os rostos, adornados com tinta vermelha; um é chamado Lísio e o outro Baco. O que é dito sobre as xoanas também vou escrever. Dizem que Penteo tratou Dionísio de maneira insolente e, entre outros desafios, finalmente foi ao Citéron para observar as mulheres e, subindo em uma árvore, viu o que estavam fazendo. Estas, assim que o descobriram, o arrastaram para baixo, e estando vivo o rasgaram membro a membro. Mais tarde, de acordo com os coríntios, a Pítia

⁸JONES, W. H. S. *Pausanias's Description of Greece*. In Six Volumes. London: William Heinemann, 1918, p. 247. INGELMO, María C. H. *Descripción de Grecia de Pausanias: Libro II Corinto Y Argólide*. Madrid: Editorial Gredos, 1994, p. 213, 214.

⁹JONES, W. H. S. *Pausanias's Description of Greece*. In Six Volumes. London: William Heinemann, 1918, p. 251, 253.

previu que encontrariam a árvore e a venerariam como um deus; e por esse motivo eles fizeram essas imagens com madeira dessa árvore. Há também um templo de Tique e uma imagem em pé de mármore deus à luz; ao lado dela, há um santuário para todos os deuses¹⁰.

Descrição da Grécia (Santuário de Afrodite)¹¹:

2.10.4-5 E lá há outro santuário de Afrodite; nele está em primeiro lugar uma imagem de Antíope; pois eles dizem que seus filhos eram de Sicião e que através deles a própria Antíope está relacionada a eles. Depois disso, já existe o santuário de Afrodite. Inclui uma mulher guardiã do templo, para quem não é mais lícito ter relações com um homem, e uma donzela que tem um sacerdócio anual; A donzela é chamada lutrófora¹². Todos os outros têm permissão para ver a deusa da entrada e fazer pedidos a partir daí. A estátua sentada foi feita por Cânaco de Sicião, que também fez o Apolo de Dídimos dos Milésios e o Ismênio dos Tebanos. É feito de ouro e marfim, tem um chapéu sagrado na cabeça e uma papoula em uma mão e uma maçã na outra. Eles sacrificam as coxas das vítimas, exceto os porcos, e queimam o restante com madeira de zimbro, e junto com as coxas queimadas consagram folhas de paidéros¹³.

Em sua obra, Pausânias descreveu, principalmente, a vida religiosa dos coríntios. No entanto, esta religiosidade é vista por meio dos santuários, imagens e sacrifícios. Diferente do cristianismo, os coríntios buscavam a ajuda dos seus diversos deuses, tais como: Apolo, Afrodite, Zeus, etc. Além disso, para que eles obtivessem o favor divino, eles deveriam oferecer sacrifícios aos seus deuses.

Entretanto, Pausânias não foi o único que descreveu a cidade de Corinto. Outro geógrafo que descreveu a cidade de Corinto foi Estrabão. De acordo com Murphy-O'Connor,

Nascido em Amásia, no Ponto, em 64 ou 63 a.C., Estrabão era de sangue grego e asiático misto. Seus ancestrais incluíam generais e sacerdotes eminentes, e a riqueza herdada permitiu que ele dedicasse sua vida a estudos e viagens. Ele passou por Corinto a caminho de Roma em 44 a.C., mas não está claro se os primeiros colonos romanos já haviam chegado naquele momento. Enquanto em Roma, estudou com Tiranión, um geógrafo ilustre, e talvez tenha sido ele quem direcionou o interesse de Estrabão pela geografia histórica¹⁴.

Além do que, Estrabão “fez várias viagens posteriores a Roma, em uma das quais visitou novamente Corinto (Geografia, 10:5.3). Isso foi em 29 a.C. quando teve a

¹⁰INGELMO, María C. H. *Descripción de Grecia de Pausanias: Libro II Corinto Y Argólide*. Madrid: Editorial Gredos, 1994, p. 219, 220.

¹¹Ibid, p. 240, 241.

¹²“Aquela que leva a água para o banho.”

¹³“Embora possivelmente seja uma planta semi-mítica”.

¹⁴MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 51, 52.

oportunidade de ver o que havia sido realizado pela nova colônia”¹⁵. Por fim, “sua Geografia foi concluída por volta de 7 a.C. e revisada superficialmente por volta de 18 d.C., três ou quatro anos antes de sua morte”¹⁶.

Em seguida, Estrabão apresenta o motivo do sucesso de Corinto.

Geografia:

8.6.20 “Corinto é chamada de opulenta devido ao seu comércio marítimo; está localizada no istmo e possui dois portos, um dos quais de frente para a Ásia e o outro para a Itália. Dessa maneira, facilita o intercâmbio de mercadorias entre essas duas regiões, tão distantes uma da outra”¹⁷.

A magnífica Corinto tinha uma atividade comercial muito lucrativa devido a sua localização privilegiada entre dois portos. Por isso, os comerciantes procuravam esta cidade para realizar a troca de produtos. Conseqüentemente, a cidade de Corinto era beneficiada economicamente por meio deste intercâmbio de mercadorias. No entanto, não era só por causa do comércio que a cidade ficou rica. Estrabão, então, apresenta o outro motivo do sucesso de Corinto.

Geografia:

8.6.20 O santuário de Afrodite era tão rico que, como escravas sagradas, tinha mais de mil prostitutas que tanto homens como mulheres haviam oferecido à deusa. Também por causa dessas mulheres, a cidade foi visitada por muitas pessoas e ficou rica; os marinheiros gastaram facilmente todo o seu dinheiro, e é daí que vem o ditado: *a viagem à Corinto não está ao alcance de qualquer um*, também é lembrado que uma prostituta, para uma mulher que a acusou de não amar o trabalho e não tocar em lã, deu-lhe a seguinte resposta: “Pois bem, aqui de onde você me vê, num piscar de olhos, eu já abaixei três redes”¹⁸.

A frase “ἐγὼ ἤδη τρεῖς καθεῖλον ἱστούς” (eu já abaixei três redes) possui outros significados. Segundo Jones, a frase pode significar “terminou três redes”¹⁹. Além disso, o autor afirma que “há um jogo de palavras em καθεῖλον ἱστούς que não pode ser reproduzido em inglês. As palavras também significam “abaixou três mastros”, isto é, “seduziu três capitães de navios”²⁰. Segundo o relato de Estrabão, o santuário de Afrodite era o lugar em que acontecia relações sexuais entre homens casados ou solteiros e as prostitutas do santuário. Os viajantes chegavam à Corinto não só para trocar produtos,

¹⁵Ibid, p. 52.

¹⁶Ibid, p. 52.

¹⁷ESBARRANCH, Juan J. T. *Geografía de Estrabón: Libros VIII-X*. Madrid, Editorial Gredos, 2008, p. 164.

¹⁸Ibid, p. 166.

¹⁹JONES, Horace Leonard. *The Geography of Strabo*. Vol IV. Cambridge: Harvard University Press, 1951, p. 190.

²⁰Ibid, p. 190, 191.

mas também para pagar por um prazer ilícito com as prostitutas de Afrodite. De acordo com Murphy-O'Connor,

Corinto tinha uma certa reputação em questões sexuais. Aristófanes (c. 450-385 a.C.) criou o verbo *korinthiazesthai* 'para agir como um coríntio', isto é, para praticar fornicação [...] Em sua lista de produtos especiais de cada cidade grega, Antífanes (c. 388-311 a.C.) associa 'colchas' com Corinto (Athenaeus, *Deip.*, 27d). Platão (c. 429-347 a.C.) usou *korinthia kore* 'uma garota coríntia' para significar uma prostituta (*República*, 404D)²¹.

A cidade de Corinto, como visto acima, tinha a fama de ser um lugar em que a prostituição era amplamente praticada. Além do que, o lugar de adoração aos deuses era também o mesmo lugar para a busca da satisfação sexual ilícita.

Até agora observou-se as características da cidade de Corinto grega, mas, quais eram as características da cidade de Corinto romana?

Segundo Hafemann,

Depois de ser restaurada em 44 d.C. como cidade romana, Corinto recebeu uma rápida afluência de gente. Não demorou a se tornar a terceira cidade do império, depois de Roma e Alexandria. Além dos veteranos e das muitas pessoas das classes mais baixas que se mudaram para Corinto, a cidade foi povoada em grande parte por "libertos" provenientes de Roma, que ocupavam a posição de servos alforriados, um pouco acima da de um escravo. O repovoamento de Corinto proporcionou a Roma um meio de atenuar sua superlotação e fez com que os libertos se beneficiassem da oportunidade socioeconômica oferecida por aquela nova cidade. Além disso, Corinto também se orgulhava de uma importante comunidade de judeus, que exerciam o direito de governar seus negócios internos (cf. *At* 18,8.17)²².

Fílon de Alexandria relata a presença da comunidade judaica, não só em Corinto, mas também em vários continentes e ilhas. Em *Legatio ad Gaium*, Fílon diz que

XXXVI (281) "Em relação à cidade santa, devo agora dizer o que é necessário. Como já afirmei, é o meu país de origem e a metrópole, não apenas do país da Judéia, mas também de muitos, em razão das colônias que enviava de tempos em tempos nos distritos fronteiriços do Egito, Fenícia, Síria em geral, e especialmente a parte chamada Cele-Síria, e também com as regiões mais distantes da Panfília, Cilícia, a maior parte da Ásia Menor até a Bitínia e os cantos mais distantes do Ponto. E da mesma maneira na Europa, na Tessália, Beócia, Macedônia, Etólia, Ática, Argos, Corinto e todos os distritos mais férteis e mais ricos do Peloponeso. (282) E não são apenas os continentes cheios de colônias judaicas, mas também todas as ilhas mais famosas; como Eubéia, Chipre e Creta. "Não digo nada dos países além do Eufrates, pois todos, exceto uma porção muito pequena, e Babilônia, e todas as satrapias ao redor, que têm vantagens em solo ou clima, têm judeus assentados neles"²³.

²¹MURPHY – O'CONNOR, Jerome. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 56.

²²HAFEMANN, Scott J. "Coríntios, Cartas aos". In: HAWTHORNE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 281.

²³YONGE, C. D. *The Works of Philo: Complete and Unabridged*. New Updated Version. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1993, p. 1027, 1028.

Além do testemunho de Fílon, Murphy-O'Connor diz que

A única evidência da presença judaica até agora revelada pelas escavações foi um lintel inscrito com as palavras [Syna]ôgê Hebr[aiôn] ‘Sinagoga dos hebreus’. As letras são muito grosseiras e a data não pode ser fixada com precisão [...] esse lintel pode pertencer à sinagoga mais antiga de Corinto²⁴.

De fato, havia uma presença da comunidade judaica em Corinto. Isso é provado pelas testemunhas de (At 18,8.17), pelo relato de Fílon (*Legatio ad Gaium* XXXVI – 281, 282) e de um lintel inscrito com as palavras “Sinagoga dos Hebreus” em Corinto. Portanto, “no tempo de Paulo, Corinto era um lugar de mistura pluralista de culturas, filosofias, estilos de vida e religiões, e dava a impressão de uma cidade em grande progresso econômico”²⁵. Assim sendo, em (1Co 12,13) está expresso os grupos sociais presentes na cidade de Corinto que representam esta diversidade de culturas e crenças. Estes grupos são formados por judeus, gregos, escravos, livres e cristãos.

A língua oficial da Corinto Romana era o latim²⁶, mas os gregos também falavam vários dialetos. Segundo Koester, “alguns dialetos limitavam-se a determinadas regiões e apesar de usados esporadicamente em inscrições locais não aparecem mais na literatura que chegou até nós”²⁷. O autor também diz que

O ático logo assumiu uma função dominante na literatura, no comércio e nas relações diplomáticas [...] O ático foi usado por Alexandre Magno e seus sucessores como língua oficial da administração, e assim se tornou a *língua franca* do mundo helenístico, a coiné, isto é, a língua “comum” do período helenístico e romano²⁸.

Alguns cultos “podem ter sido praticados no centro da cidade (de Corinto)²⁹ no período helenístico”³⁰. “Os nomes de várias deidades têm sido associados com os templos arcaicos: Apolo, Zeus, Zeus e Era juntos, ou Atenas”³¹. Em relação a organização cultural da Corinto romana, Bookidis diz que

²⁴MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *St. Paul’s Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 78, 79.

²⁵HAFEMANN, Scott J. “Coríntios, Cartas aos”. In: HAWTHONE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 281.

²⁶MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *St. Paul’s Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 159.

²⁷KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. Vol 1. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005, p. 112.

²⁸Ibid, p. 113.

²⁹(de Corinto) é acréscimo nosso.

³⁰BOOKIDIS, Nancy. “Religion in Corinth: 146 a.C a 100 d.C.” In: SCHOWALTER, Daniel N; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth*. Cambridge: Harvard University Press, 2005, p.142.

³¹Ibid, p. 142, 143.

A estrutura e organização da cidade primitiva era romana [...] presumivelmente, a terra destinada aos santuários cívicos também teria sido definida nessa época. Até que o mecanismo de votação estivesse em vigor, os primeiros oficiais e sacerdotes teriam sido trazidos de Roma e estabelecido um calendário sagrado. Como foi o caso em Roma, presumo que outros cultos possam ser gradualmente adicionados ao calendário³².

A autora ainda verifica três níveis simultâneos diferentes no funcionamento da religião na Corinto romana primitiva. Então, os níveis são descritos desta forma:

O primeiro é a dos cultos romanos oficiais da cidade-mãe, reunidos principalmente no fórum. Eles se inspiraram, em grande parte, na casa de Augusto e, possivelmente, em Marco Antônio. O segundo nível é o dos cultos, como os de Apolo, Afrodite, Asclépio, Deméter e Coré, que tinham raízes gregas na cidade, mas eram no primeiro século d.C. uma parte da religião cívica romana. Reintegrados em seus lugares originais, eles foram organizados de acordo com as necessidades e costumes dos novos praticantes. O terceiro nível é o dos cultos gregos marginais³³.

Pausânias fornece um exemplo do terceiro nível de culto na Corinto romana. Ele diz que, “mas depois que Corinto foi devastada pelos romanos e os antigos coríntios foram exterminados, os novos colonos quebraram o costume de oferecer esses sacrifícios aos filhos de Medéia, nem seus filhos cortaram seus cabelos ou vestiram roupas pretas”³⁴. Portanto, o terceiro nível de culto é caracterizado pela ruptura do sistema cultural tradicional.

Segundo Foulkes,

A Corinto dos meados do primeiro século era uma cidade rica, com imponentes edifícios públicos e monumentos. A vida da cidade girava em torno das praças e edifícios dedicados à atividade econômica (produção e comércio), às funções do governo e à prática da religião³⁵ [...] A nova cidade de Corinto, que contava com apenas cem anos na época de Paulo, ostentava uma economia baseada no comércio³⁶ (justamente pelo fato de estar localizada entre dois portos). Um alto volume de mercadorias passava pela cidade, ponto de transferência entre dois mares, e de passagem terrestre entre duas regiões da Grécia³⁷[...] Vários membros da igreja de Corinto participaram dessa atividade comercial, seja como líderes de uma “casa” (Estéfanos, 1Co 16.15-18), seja como representantes mais humildes (os de Cloé, 1Co 1.11)³⁸. Como cidade importante do império, Corinto contava com uma pequena elite de representantes do governo romano, que se ocupava da administração política e econômica desta cidade-colônia³⁹.

³²Ibid, p. 152.

³³Ibid, p. 163.

³⁴JONES, W. H. S. *Pausanias's Description of Greece*. In Six Volumes. London: William Heinemann, 1918, p. 251, 263.

³⁵FOULKES, Irene. *Problemas Pastorales en Corinto. Comentario Exegetico-Pastoral a 1 Corintios*. San Jose-Costa Rica: DEI, 1996, p. 42.

³⁶Ibid, p. 43.

³⁷Ibid, p. 43.

³⁸Ibid, p. 43.

³⁹Ibid, p. 45.

Entretanto, na sociedade greco-romana tinha um regime de escravidão, no qual os “numerosos escravos eram empregados na agricultura, especialmente nos grandes latifúndios da classe senatorial romana, na manufatura, indústria e mineração”⁴⁰. Mas, “a situação econômica dos escravos variava muito, dependendo de sua educação, treinamento profissional e habilidades”⁴¹. Para Koester⁴², “os escravos passavam a uma situação melhor depois da alforria, pelo menos se conseguissem um emprego apropriado, o que poderia ser difícil para mulheres sem vínculo estável”. De acordo com o autor,

Depois de livres, porém, a condição de dependência dos escravos não terminava. Havia alguns benefícios. Agora eles 1) recebiam um nome verdadeiro – como escravos, frequentemente tinham nomes insultuosos com “Feliz” (Felix), “útil” (Onesimos), “Primeiro” ou “Segundo”. 2) Se o senhor era cidadão romano, seus escravos recebiam a cidadania ao serem alforriados. 3) Libertos e libertas tinham o direito de contrair matrimônio. 4) Eles não tinham mais obrigações legais com seus antigos senhores, mas o sistema de patronato, especialmente na sociedade romana, ainda os ligava ao seu senhor, que agora se tornava seu patrono⁴³.

Além disso, “na sociedade romana, alguns libertos alcançaram notoriedade por sua riqueza. Mas mesmo que tivessem se tornado cidadãos romanos, não teriam sido aceitos pela sociedade dos que nasceram livres como iguais”⁴⁴.

Finalmente, a comunidade eclesiástica de Corinto nasce e se desenvolve debaixo desta organização colonial romana e da cultura e religião grega. No entanto, qual era a relação da comunidade com o apóstolo Paulo? Em seguida apresentar-se-á a resposta para esta pergunta.

2. Paulo e a Igreja em Corinto

“A unidade básica da sociedade greco-romana em que Paulo vivia e pregava era a casa ou lar (**oikos, oikia**)”⁴⁵. Além do que, “a ‘casa’ foi estruturada com base na família estendida, isto é, englobava pessoas de várias gerações e graus de parentesco, e também

⁴⁰KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. Vol 1. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005, p. 62.

⁴¹Ibid, p. 62.

⁴²Ibid, p. 64.

⁴³Ibid, p. 64, 65.

⁴⁴Ibid, p. 65.

⁴⁵TOWNER, Philip H. “Casas e códigos domésticos”. In: HAWTHONE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 204.

incluía escravos e libertos que trabalhavam no negócio doméstico”⁴⁶. Entretanto, a casa tinha uma pessoa que comandava todos os moradores. Ele era o “o chefe de família (“senhor”, *kyrios* ou *despotês*)”⁴⁷. É importante notar que o apóstolo Paulo faz referência a *oikía* “casa” em suas cartas: 1Co 11,22; 16,15; F1 4,22; ITm 5,13; 2Tm 2,20; 2Tm 3,6; *oĩkos*: Rm 16,5; 1Co 1,16; 11,34; 14,35; 16,19; Cl 4,15; ITm 3,4; 3,5; 3,12; 3,15; 5,4; 2Tm 1,16; 4,19; Tt 1,11; Fm 1,2). Mas, é só em quatro cartas que ele menciona a “casa” como sendo o lugar de reunião da igreja (Rm 16,5; 1Cor 16,19; Cl 4,15; Fm 1,2).

Assim sendo, “a Igreja de Corinto reunia-se em várias casas, pois não havia possibilidade de um lugar de encontro público, como uma sinagoga, para um movimento religioso recém-constituído, que ainda não era reconhecido oficialmente (cf. Rm 16,23)”⁴⁸. “Portanto, era necessário fazer uso das únicas instalações disponíveis, a saber, as moradas de famílias que se tornaram cristãs”⁴⁹. Por certo, “no cristianismo do primeiro século d.C., e por muito tempo depois, as casas particulares foram os primeiros centros da vida da igreja”⁵⁰.

Segundo Murphy-O’Connor,

Quatro casas do período romano foram trazidas à luz em Corinto (Wiseman, 1979: 528). Destas, apenas uma pode ser atribuída ao tempo de Paulo, a vila de Anaploga. O magnífico piso de mosaico do triclinium (sala de jantar) é datado do final do primeiro século d.C., e a cerâmica quebrada no preenchimento estabelecido para fornecer uma cama nivelada vem do período 50-75 d.C., mas o edifício já existia quando o mosaico foi criado (cf. Miller)⁵¹.

Em relação ao número de membros de uma igreja em Corinto, Murphy-O’Connor faz a seguinte suposição:

Vamos supor por um momento que esta era a casa de Gaius, um membro rico da comunidade cristã em Corinto (Rom 16:23), e tentar imaginar a situação quando ele hospedou “toda a igreja” (1 Co 14:23). Nas cartas de Paulo, conhecemos os nomes de 14 membros masculinos da comunidade de Corinto (Theissen: 94-95). Devemos supor que, como Áquila, todos eram casados. Isso nos leva a 28 pessoas, que é obviamente o valor mínimo. Nem Lucas nem Paulo pretendem dar uma lista completa; menções de nomes particulares foram ocasionadas por circunstâncias específicas. Além disso, somos informados de que as famílias de dois membros da comunidade, Crispo (Atos 18:8) e Estéfanos (1 Co 1:16; 16:15-16), foram batizadas com eles. Assim, temos que adicionar um número indeterminado de filhos, servos / escravos e talvez

⁴⁶FOULKES, Irene. *Problemas Pastorales en Corinto. Comentario Exegetico-Pastoral a 1 Corintios*. San Jose-Costa Rica: DEI, 1996, p. 44.

⁴⁷TOWNER, Philip H. “Casas e códigos domésticos”. In: HAWTHONE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 204.

⁴⁸HAFEMANN, Scott J. “Coríntios, Cartas aos”. In: HAWTHONE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 282.

⁴⁹MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 153.

⁵⁰Ibid, p. 153.

⁵¹Ibid, p. 155.

relações. Seria mais realista, portanto, pensar em termos de cerca de 50 pessoas como um número de base⁵².

Assim sendo, a comunidade eclesial em Corinto se reunia em casas com no máximo 50 pessoas. Com certeza, este número é uma hipótese, mas o que importa é que ele reflete a realidade do cristianismo primitivo em Corinto, uma vez que indica que as congregações cristãs se reuniam em espaços domésticos pequenos. Como este ambiente era totalmente domiciliar, provavelmente, todos os membros da igreja se conheciam.

A comunidade cristã de Corinto que foi fundada pelo Apóstolo Paulo (At 18; 1Co 3,10-11) se desenvolve debaixo de uma organização colonial romana e de uma cultura e religião grega, de modo que, devido a este fato, há indícios que a igreja em Corinto era composta majoritariamente por gentios. Contudo, observa Carson,

Não se deve enxergar em 1 Coríntios a situação vigente em 2 Coríntios, pelo menos não sem observar algumas diferenças. Especificamente, não há nenhum indício de que, na data em que escreveu 1 Coríntios, o apóstolo Paulo estava diante de uma igreja que fora dominada por líderes vindos de fora. Já na data de 2 Coríntios 10-13 isso certamente havia acontecido⁵³.

De fato, “os problemas que 1Coríntios aborda estão, essencialmente, dentro da Igreja e não são tensões entre a Igreja e seu apóstolo”⁵⁴. Segundo Jerome Murphy-O’Connor,⁵⁵

Se examinarmos com cuidado 1Co 1-4, em que Paulo está explicitamente preocupado com divisões na comunidade, surge um grupo cujos membros acreditavam que a posse da “sabedoria” tornava-os “perfeitos” (2:6). Como possuidores do “Espírito que vem de Deus”, eram todos “homens espirituais” (2:15). Consideravam-se “saciados (de bênçãos divinas)”, “ricos”, “reis” (4:8), “sábios”, “fortes”, “objetos de consideração” (4:10). Olhavam com superioridade os outros membros da comunidade que não tinham alcançado a mesma posição espiritual exaltada, tratando-os como “criancinhas”, capazes de beber apenas “leite” (3:1), e como “loucos” que eram “fracos” e “desprezados”.

Isso são evidências que “os coríntios inclinavam-se ao orgulho intelectual e davam grande valor a seu “conhecimento” e suas experiências espirituais (cf. 1Co 1:5; 8:1.7.10.11; 12:8; 13:2; etc.)”⁵⁶. O motivo do orgulho era ser considerado mais espiritual e sábio do que os outros membros da igreja (cf. 1Co 1,5; 8,1-13; 12,8; 13,2; 14,37). Assim

⁵²Ibid, p. 156, 158.

⁵³CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 310, 311.

⁵⁴HAFEMANN, Scott J. “Coríntios, Cartas aos”. In: HAWTHONE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 283.

⁵⁵MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *Paulo Biografia Crítica*. Tradução: Barbara Theodoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 286.

⁵⁶HAFEMANN, Scott J. “Coríntios, Cartas aos”. In: HAWTHONE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 283.

sendo, havia um conflito dentro da igreja de Corinto entre os “espirituais” e os “outros membros” que eram considerados menos espirituais, menos sábios e, portanto, mais fracos (cf. 1Co 1,5, 10-12; 3,4.5; 11,18.19; 14,37). Por isso, “em 1 Coríntios, o enfoque dos argumentos paulinos está, assim, sempre nos coríntios e seu comportamento, e o modo da abordagem paulina não é apologético, mas orientador”⁵⁷.

Entretanto, “quando Paulo escreveu 2 Coríntios, tudo tinha mudado”⁵⁸. Segundo Hafemann, “durante algum tempo, entre a redação de 1 e 2 Coríntios, a Igreja como um todo esteve em franca rebelião contra Paulo e seu evangelho, devido à influência dos adversários paulinos que haviam chegado recentemente (cf. 2Cor 11:4)”⁵⁹. Na primeira carta aos coríntios, Paulo lidou com as desavenças internas da igreja, já na segunda carta aos coríntios, Paulo precisou defender a legitimidade do seu apostolado, a fim de refutar os seus adversários que vieram de fora da igreja de Corinto e que estavam anunciando um outro Jesus (cf. 2Co 11,4; 11,5.13).

De fato, há um debate entre os estudiosos a respeito da identidade destes **ὑπερλίαν ἄποστόλων** “apóstolos além da medida” ou **ψευδαπόστολοι** “falsos apóstolos” (2Co 10,2.12; 11,5.12–13.15.18.19.21b.23a; 12,11). Segundo Furnish,

Pode-se simplesmente observar que a maioria das propostas sobre a identidade dos oponentes de Paulo em 2Co pode ser listada sob um ou outro dos três principais títulos: (1) aqueles que os identificam como algum tipo de judaizantes (por exemplo, Windisch, 23-26; Oostendorp 1967; Gunther 1973, especialmente 299-303), talvez representantes oficiais da igreja palestina (por exemplo, Käsemann 1942; Barrett, 28-32 e 1971); (2) aqueles que os identificam como algum tipo de gnósticos (por exemplo, Lütgert 1908; Bultmann, especialmente 132-41 e 1947; Schmithals 1971); e (3) aqueles que os identificam como propagandistas cristãos de origem judaica-helenística (por exemplo, Friedrich 1963b; Georgi 1964; Bornkamm 1971: 169-71)⁶⁰.

Segundo o relato de Paulo, certamente, estes estranhos que se infiltraram na igreja de Corinto eram judeus-cristãos (1Co 11,22), no entanto, eles estavam “menos interessados (até onde sabemos) na circuncisão e na observância minuciosa da lei mosaica e mais preocupado com prestígio e poder, de conformidade com os valores dos sofistas da época”⁶¹. Além disso, Kistemaker afirma que “os judaizantes vieram para atacar seu apostolado e a pregação do evangelho de Cristo”⁶². Em (2Co 11,6), Paulo fala que é

⁵⁷Ibid, p. 283.

⁵⁸Ibid, p. 283.

⁵⁹Ibid, p. 283.

⁶⁰FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians: Translated With Introduction, Notes, and Commentary*. New Haven/London: Yale University Press, 2008, p. 49.

⁶¹CARSON, D.A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 314, 315.

⁶²KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 46.

ιδιώτης τῷ λόγῳ “amador, inexperiente” no “discurso”, mas **οὐ τῇ γνώσει** “não no conhecimento”. De fato, Paulo está opondo os falsos apóstolos que dominam a “arte da persuasão- retórica”, que ele não domina, com ele mesmo, que tem a posse do “conhecimento”. Esta oposição entre “retórica” e “conhecimento” está presente nos diálogos platônicos, tais como: Górgias, Fédrion, Apologia. Segundo a personagem Sócrates, há dois extremos: o conhecimento e o aparente. O *parecer conhecer* (retórica) “é condição suficiente para persuadir uma multidão ignorante daquilo sobre o que se discute”⁶³. Já, “a busca pelo *conhecimento* tem como fim a supressão do aparente”⁶⁴. Em outras palavras, a retórica é um “simulacro”, pois não é a verdade sobre um determinado assunto. Aquele que tem o conhecimento sobre aquilo de que se está falando, consegue julgar se é verdade ou não o que está sendo dito por alguém. Por isso, Paulo deixa claro que estes opositores (que eram judeus), tinham o objetivo de se utilizar de uma boa retórica para “pregar outro Jesus” e “ensinar outro evangelho” (2Co 11,4). Mas, ele tinha o conhecimento verdadeiro sobre quem era Jesus e sobre seu verdadeiro evangelho. Consequentemente, ao contrário dos falsos apóstolos, ele torna manifesto este conhecimento à igreja de Corinto.

Outra questão que surge entre os estudiosos, é se os “os apóstolos além da medida”, “os falsos apóstolos” e os “judaizantes” eram o mesmo grupo? “Alguns comentaristas argumentam que os judaizantes foram mandados pelos apóstolos em Jerusalém e que, por isso, tinham uma posição superior ao do apostolado de Paulo”⁶⁵. Entretanto, esta argumentação não se sustenta. Segundo Martin, “a designação **ὁ ἐρχόμενος**, lit., ‘quem vem’ é reveladora: este grupo é evidentemente liderado por um líder”. O autor ainda afirma que

Mais precisamente, a observação é que (1) o partido veio de fora, em contraste com 10:14.15 e (2) veio por sua própria vontade e não foi enviado como uma verdadeira missão apostólica, aos olhos de Paulo. Simplesmente “veio”, não enviado e sem autorização divina; portanto, eles não eram verdadeiros apóstolos. Pelo contrário, eles eram **ψευδαπόστολοι** (11:13) - aqui o grupo está claramente em vista como uma das várias formas plurais, como em 11:12 (**τῶν θελούντων**), 18 (**πολλοί**)⁶⁶.

⁶³LOPES, Daniel R. N. *Górgias de Platão*. Obras II. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 212.

⁶⁴Ibid, p. 212.

⁶⁵Consultar, por exemplo, Barrett, *Second Corinthians*, pp. 31, 277-78; Héring, *Second Epistle of Paul*, p.79. Citado por: KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p, 46.

⁶⁶MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 335.

O autor considera que o particípio substantivado singular “alguém que vem” representa o grupo dos **ὑπερλίαν ἀποστόλων** “apóstolos além da medida” ou **ψευδαπόστολοι** “falsos apóstolos”.

Da mesma forma, Furnish diz que

Os argumentos que foram avançados em favor de distinguir os “superapóstolos” dos “falsos apóstolos” não são convincentes. As evidências sugerem fortemente que Paulo tem apenas um grupo em mente - ou seja, aquelas pessoas que, pelo menos, do seu ponto de vista, se colocaram em Corinto como seus concorrentes⁶⁷.

Portanto, de fato os oponentes de Paulo eram os judaizantes que dominavam a arte da retórica e por isso eram considerados superapóstolos, pois “pareciam” conhecer a Jesus e seu evangelho, mas na verdade eram “falsos apóstolos”, porque ensinavam um falso evangelho (cf. 2Co 11,3-23).

De um lado, Paulo tem como objetivo principal mostrar a fidelidade e legitimidade do seu ministério apostólico para esta comunidade que está sofrendo com ensinamentos enganosos por parte destes “falsos apóstolos” (cf. 2Co 6, 7 e 11). Por outro lado, Paulo também quer

1. “poupar os coríntios (1:23–2:2,4) e a si mesmo (2:3) de outra visita dolorosa”.
2. “demonstrar sua afeição pelos coríntios (2:4)”.
3. “colocar à prova a obediência dos coríntios à autoridade apostólica (seja como investido em si mesmo ou como incorporado em certos princípios) (2:9)”.
4. “tornar os coríntios conscientes, aos olhos de Deus, de sua genuína preocupação e real afeição por ele como seu pai espiritual (7:12; cf. 1 Coríntios 4:15)”⁶⁸.

Estes ensinamentos que não giravam em torno da prática da lei mosaica, mas, provavelmente, estavam baseados no acúmulo de “prestígio e poder” (cf. 2 Co 2:17; 12:10-21), defraudavam “os coríntios ao vender-lhes uma palavra de Deus diluída”⁶⁹ e podiam conduzir-lhes a uma negação dos princípios fundamentais do evangelho que é o “amor a Deus e ao próximo”.

⁶⁷FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians: Translated with Introduction, Notes, and Commentary*. New Haven/London: Yale University Press, 2008, p. 49.

⁶⁸HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 4.

⁶⁹KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 135.

3. Ocasão e Propósito da Segunda Carta aos Coríntios

O apóstolo Paulo foi um dos maiores pensadores cristãos. Seu ministério foi direcionado para os gentios. Durante suas viagens missionárias, ele funda igrejas e lida com questões doutrinárias. Ao escrever suas cartas, ele leva em consideração tanto sua própria situação, ou seja, o confronto ideológico contra seus oponentes quanto a situação que se encontrava as igrejas.

Além disso, Paulo era filho do seu tempo, isto é, ele aprendeu com sua antiga religião judaica, mas após sua conversão, ele expressa sua nova concepção a respeito do homem e de Deus. Ele, neste momento, anuncia as boas novas acerca de Jesus. As consequências da morte e ressurreição do filho de Deus para a humanidade caída. Então, a partir deste novo entendimento a respeito da humanidade caída em relação com o Deus gracioso, Paulo parte para evangelizar o mundo dos gentios.

Aproximadamente em 45-47 d.C.,⁷⁰ ele começa, em sua primeira viagem missionária, por Perge. Com ele foram Barnabé e João Marcos. Logo em seguida, eles foram para Listra e Derbe (cf. Atos 12,24.25; 13; 14). Paulo sempre ia primeiro na sinagoga com o objetivo de pregar o evangelho para os “semijudeus”⁷¹ ou “semipagãos”⁷² entre os judeus. Estes semijudeus ou semipagãos também são chamados de “tementes a Deus”. Segundo Crossan e Reed, os “tementes a Deus ou adoradores de Deus não eram nem plenos judeus ou nem eram puro pagãos, eles eram simpatizantes dos judeus”⁷³. Eles ajudavam os judeus financeiramente e politicamente⁷⁴. Consequentemente, é notório que Paulo se desentende com Barnabé por causa de João Marcos. Os dois se separam e Paulo segue para sua segunda viagem missionária.

Desta vez, em 50-54 d.C.,⁷⁵ Paulo e Silas vão para Trôade (cf. At 15,36-18,23). Nesta cidade, Paulo tem uma experiência visionária na qual um homem macedônio pedia para que ele fosse à Macedônia. Então, em direção à Macedônia, Paulo e Silas passam por Filipos onde eles expulsam um espírito imundo de uma escrava, mas esta atitude

⁷⁰Datas aproximadas. REESE, Edward; KLASSEN, Frank. *A Bíblia em Ordem Cronológica: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 1161.

⁷¹CROSSAN, J. Dominic; REED, L. Jonathan. *Em Busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 39.

⁷²Ibid, p. 39.

⁷³CROSSAN, J. Dominic; REED, L. Jonathan. *Em Busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 26, 32, 33, 39, 43, 44, 45.

⁷⁴Ibid, 43.

⁷⁵Datas aproximadas. Ibid, p. 1166.

gerou alguns açoites por parte dos donos da escrava. Enfim, chegaram à Tessalônica, onde se hospedaram na casa de um cristão cujo nome era Jasom. Os judeus ouviram que Paulo e Silas tinham chegado na cidade e foram até eles. Quando chegaram, os judeus os levaram às autoridades da cidade. Eles alegaram que os dois que estavam propagando mentiras pelo mundo, também estavam querendo fazer isto na cidade. Consequentemente, Paulo e Silas fogem de Tessalônica e vão para Bereia. Lá os bereanos eram fiéis à Palavra de Deus e examinavam tudo o que era dito a respeito da sua doutrina. Eles chegam à cidade de Corinto, onde ficam por um ano e meio (cf. At 18). Na Corinto romana, Paulo estabelece o fundamento para o surgimento da igreja de Corinto. Então, em Corinto, Paulo escreve a primeira e a segunda carta aos tessalonicenses. Ao partir de Corinto, Paulo chega à Éfeso, onde vai novamente para sinagoga debater com os judeus. Depois disso, ele parte para Cesaréia, onde visita a igreja desta região, e, então, vai para Antioquia (cf. At 18,18-22).

Finalmente, em 54-58 d.C.,⁷⁶ Paulo inicia sua terceira viagem missionária. Ele parte de Antioquia da Síria para Éfeso (cf. At 18,23-19,1-41). Em Éfeso, Paulo escreve a primeira carta aos coríntios. Ele mostra uma grande preocupação com a divisão dentro da igreja. Aqueles que se achavam “espirituais” e “sábios” contra os que eram considerados “menos espirituais” e “menos sábios”. Paulo deixa Timóteo em Éfeso e parte para a Macedônia (cf. 1Tm 1,3; At 20,1). Na Macedônia, Paulo escreve a segunda carta aos coríntios (cf. 2,13; 7,5; 9,2). Mas, qual foi a data da composição da segunda carta aos coríntios?

Segundo Kistemaker, “a epístola inteira foi completada em 56, provavelmente na segunda metade do ano. Da Macedônia Paulo foi a Corinto, onde passou o inverno de 56/57, supervisionou a obra da coleta, e compôs a epístola aos romanos”⁷⁷. De acordo com Harris, “embora a carta tenha sido composta em etapas, ela forma um todo integral e foi enviada como uma carta única”⁷⁸. O autor conclui que “cerca de dezoito meses se passaram entre as duas cartas e que 1 Coríntios foi enviado na primavera de 55 d.C. e 2 Coríntios no outono de 56 d.C.”⁷⁹. Já, segundo Plummer, “a Primeira Epístola provavelmente foi escrita na primavera de 55 d.C., e é provável que a Segunda Epístola

⁷⁶Datas aproximadas. Ibid, p. 1174.

⁷⁷KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 33.

⁷⁸HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 65.

⁷⁹Ibid, p. 67.

tenha sido escrita no outono do mesmo ano. Em nenhum dos casos, no entanto, o ano é bastante certo”⁸⁰. Para Kruse,

Ele (Paulo) teria chegado a Corinto para sua primeira visita no começo de 50 d.C. Após permanecer ali dezoito meses, foi levado perante Gálio (segunda metade de 51 d.C.). Permaneceu “muitos dias” em Corinto após essas acusações, e em seguida velejou para Antioquia. Depois de “algum tempo” ali, Paulo viajou através da Galácia até Éfeso, onde ficou dois anos e três meses (52-55 d.C.). Depois de deixar Corinto, e possivelmente durante sua estada em Éfeso, o apóstolo teria escrito sua carta “anterior”. Pelo final desse tempo em Éfeso (55 d.C.), ele escreveu 1 Coríntios, fez a visita “dolorosa” e escreveu a carta “severa”. A seguir, Paulo saiu de Éfeso, viajando via Trôade até a Macedônia, onde se encontrou com Tito; dali escreveu 2Coríntios 1-9, e logo depois 2 Coríntios 10-13 (56 d.C.). Em seguida, o apóstolo fez sua terceira visita a Corinto e passou três meses na Grécia, antes de partir com a coleta para Jerusalém, na esperança de ali chegar a tempo para a festa do Pentecoste em 57 d.C.⁸¹

No entanto, Martin diz que

Finalmente eles se conheceram na Macedônia. Tito trouxe as boas novas de que a carta de Paulo fez seu trabalho bem, produzindo nos coríntios uma tristeza arrependida. Sua alegria em saber que a crise acabou é a ocasião imediata do que conhecemos como 2Coríntios (pelo menos, caps. 1–9), escritos no outono de 55 d.C. ou, menos provável, 56 d.C., e os últimos quatro capítulos pouco tempo depois. Essa é a visão tradicional da maneira mais simples⁸².

Para Kistemaker, Harris e Kruse, a segunda carta aos coríntios foi escrita em 56 d.C., já para Martin e Plummer, a segunda carta aos coríntios foi escrita em 55 d.C. Realmente, não há uma diferença muito grande entre as datas. Para a datação das cartas aos coríntios leva-se em consideração o edito de Cláudio. Mas, quem era Cláudio?

Os imperadores (Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero) pertencem a dinastia Júlio-claudiana. Eles são provenientes de duas famílias⁸³. A primeira família é a dos “*Julii* (Augusto era sobrinho de *C. Julius Caesar*, antes de se tornar seu filho adotivo, e a segunda família é a dos *Claudii* (nome do primeiro marido de Livia, *Ti. Claudius Nero*)”⁸⁴. O imperador “*Tibério Cláudio César Augusto Germânico* nasceu em Lião no dia 1 de agosto a. C. Era filho de Druso e de Antônia, e irmão de Germânico”⁸⁵. Ele sofreu muito por causa de sua precária condição física, pois tinha muitas doenças, no entanto,

⁸⁰PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915, p. xix.

⁸¹KRUSE, Colin G. *2 Coríntios: Introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 58.

⁸²MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. xxxv.

⁸³GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 2015.

⁸⁴Ibid, p. 340.

⁸⁵Ibid, p. 326.

ele sucedeu a Calígula em 41 d. C.⁸⁶ Ele avançou contra a Bretanha e anexou a Mauritània para os domínios do império romano. Ele teve vários casamentos, mas só ordenou que matasse sua esposa Messalina. Logo após isso, ele casou com Agripina e se tornou o padrasto de Nero. Ele teve sua morte registrada em outubro de 54 d.C.⁸⁷ No entanto, o fato mais importante para os cristãos, foi que “os Judeus, sublevados constantemente por incitamento de Cresto, foram expulsos de Roma por ele”⁸⁸, ou seja, “o imperador Cláudio expulsou os judeus de Roma por causa dos distúrbios causados por ‘Crestos’. Este nome certamente se refere a Cristo (‘Crestos’ e ‘Cristos’ seriam pronunciados quase do mesmo modo)”⁸⁹. “Então o edito de Cláudio foi, sem dúvida, o resultado de distúrbios na comunidade judaica, causados pelo crescimento da igreja. Em At 18:1-2 também menciona este edito ao falar de Áquila e Priscila, judeus que tiveram de sair de Roma”⁹⁰.

O historiador Paulo Orósio (Paulus Orosius) diz no livro 7, capítulo 6:15-16:

15. No nono ano do reinado do mesmo imperador, Josefo nos diz que os judeus foram expulsos da cidade por Cláudio. No entanto, estou mais interessado em Suetônio, que fala da seguinte maneira: “Cláudio expulsou os judeus de Roma, porque eles estavam constantemente se revoltando por causa de Cristo”. 16. Não está absolutamente claro se ele ordenou que os judeus fossem contidos e reprimidos porque estavam se revoltando contra Cristo, ou se ele desejava expulsar os cristãos ao mesmo tempo, alegando que eles tinham uma religião relacionada⁹¹.

Para Jewett,

Isso coloca o Editto de Cláudio entre 25 de janeiro de 49 d.C. e 24 de janeiro de 50 d.C. Como as edições atualmente disponíveis de Josefo não têm essa referência ao nono ano de Cláudio e como Orósio às vezes é impreciso, os céticos tendem a desaproveitar essas evidências, mas isso deixa inexplicável a notável congruência entre duas partes de material não relacionado⁹².

Fragmentos de uma inscrição, descobertos durante escavações em Delfos, contêm a reprodução de uma carta do imperador Cláudio.

Em (At 18,12-17) está descrito que Paulo foi levado pelos judeus ao encontro do procônsul Gálio, na Acaia. É importante salientar que “fragmentos de uma inscrição, descobertos durante escavações em Delfos, contêm a reprodução de uma carta do

⁸⁶Ibid.

⁸⁷Ibid.

⁸⁸SUETÔNIO. *A Vida dos Doze Césares: Texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 263.

⁸⁹PATTE, Daniel. *Paulo, sua Fé e a força do Evangelho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p. 339.

⁹⁰Ibid, p. 339-340.

⁹¹FEAR, A. T. *Orosius Seven Books of History against the Pagans*. Liverpool: Liverpool University Press, 2010, p. 332, 333.

⁹²JEWETT, Robert. *Romans*. Hermeneia, Philadelphia, Fortress Press, 2006, p. 19.

imperador Cláudio”⁹³. Além disso, “pelo conteúdo dessa inscrição se pode inferir que Gálio exerceu suas funções em Corinto desde a primavera de 51 d.C. até a primavera de 52 d.C.”⁹⁴ Entretanto, Murphy-O’Connor diz o seguinte:

Como a carta de Cláudio na qual Gálio é mencionado provavelmente foi escrita em abril ou maio de 52 d.C., o último ano em que Gálio poderia ter sido procônsul foi em 1 de julho de 51 d.C. a 30 de junho de 52 d.C. No entanto, não podemos argumentar que isso era de fato o ano do título dado a Gálio na carta. Mesmo se ele já estivesse fora do cargo, ele teria naturalmente recebido o título que autorizava seu relato ao imperador⁹⁵.

O irmão de Gálio, Sêneca, disse as seguintes palavras: “lembrei-me das palavras de meu mestre Gálio, quando ele começou a desenvolver febre na Acaia e embarcou imediatamente, insistindo que a doença não era do corpo, mas do lugar”⁹⁶.

Murphy-O’Connor diz que “à luz da declaração de Sêneca de que seu irmão não terminou seu mandato, é impossível colocar o encontro de Gálio com Paulo (cf. Atos 18:12-17) na última parte do ano proconsular 51-52 d.C. O encontro deve ter ocorrido entre julho e outubro de 51 d.C.”⁹⁷

Com base no relato de Paulo Orósio, Sêneca e Lucas (cf. At 18,12-18) sugere-se a seguinte cronologia da relação de Paulo com os coríntios. O edito do imperador Cláudio ocorreu em (49 d.C.). Segundo este edito, os judeus tiveram de sair de Roma. Então, Áquila e Priscila se dirigem para Corinto. Em sua segunda viagem missionária, Paulo também chega a Corinto e se encontra com Áquila e Priscila em (50 d.C.) (cf. At 18,1.2). Ele permaneceu em Corinto durante um ano e seis meses. Até que ele foi levado pelos judeus até o procônsul Gálio no segundo semestre de (51 d.C.). Ele ficou “muitos dias em Corinto” (cf. At 18,18). Quando saiu de Corinto foi para Antioquia. Ele permaneceu pouco tempo em Antioquia. Logo após sua saída desta cidade, ele partiu para província da Galácia e da Frígia e chegou a Éfeso, onde permaneceu durante dois anos (52-55 d.C.) (cf. At 19,10). Em Éfeso, Paulo escreveu a primeira carta aos coríntios, provavelmente, no segundo semestre de (55 d.C.). Então, Paulo deixa Timóteo em Éfeso e parte para a Macedônia (cf. 1Tm 1,3; At 20,1). Na Macedônia, Paulo escreve a segunda carta aos

⁹³KRUSE, Colin G. *2 Coríntios: Introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 57.

⁹⁴Ibid, p. 57.

⁹⁵MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 146.

⁹⁶GUMMERE, Richard M. *Seneca Epistles 93-124*. (Loeb Classical Library). Cambridge: Harvard University Press, 1925, p. 191.

⁹⁷MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983, p. 149, 150.

coríntios (56 d.C.) (cf. 2,13; 7,5; 9,2). Logo a seguir, Paulo faz sua terceira visita a Corinto e permanece três meses na Grécia (cf. At 20,2.3). Ele recebe a coleta dos coríntios (cf. 2Co 8 e 9) e parte para Jerusalém, a fim de chegar no dia de Pentecostes em (57 d.C.) (cf. At 21,17).

O propósito da segunda carta aos coríntios é múltiplo. Em primeiro lugar, Paulo precisa mostrar aos coríntios que seu apostolado não é fruto de enganação, mas ele tem sua origem divina e, portanto, ele é legítimo (cf. 2Co 6). Ao contrário dos superapóstolos, os judaizantes que dominavam a arte da retórica, que “pareciam” conhecer a Jesus e seu evangelho, mas na verdade eram “falsos apóstolos”, porque ensinavam um falso evangelho (cf. 2Co 11,3-23). Em segundo lugar, ele deseja mostrar seu amor e cuidado pelos coríntios (cf. 2Co 2,4). Em terceiro lugar, ele quer provar a obediência dos coríntios ao seu ministério (2Co 2,9). Em quarto lugar, ele precisa mostrar aos coríntios que a afeição e o respeito por ele como um líder espiritual genuíno era bom aos olhos de Deus (cf. 2Co 7,12). Por fim, ele deseja ensinar que a ajuda aos irmãos mais necessitados é a vontade de Deus (2Co 8,5), é a evidência do amor genuíno (2Co 8,8), é o exemplo de Jesus (2Co 8,9), gera a igualdade (2Co 8,14), é reconhecer a grandeza de Deus e submissão a Deus (2Co 9,11-13), e, reflete o dom indescritível de Deus (2Co 9,15).

4. A Unidade Epistolar de 2 Coríntios 8 e 9

Uma questão importante discutida entre os estudiosos é sobre a quantidade de cartas enviada aos coríntios e a divisão de 2 Coríntios. De acordo com Kistemaker, “Paulo redigiu pelo menos quatro cartas. Os estudiosos por conveniência as chamam de A, B, C e D”⁹⁸.

“A epístola A, já inexistente, é o conselho de Paulo para não se associarem com as pessoas imorais (1Co 5.9)”.

“A epístola B é o livro canônico de 1Coríntios”.

“A epístola C é a carta contristada (2Co 2.4), que alguns estudiosos consideram ser 2 Coríntios 10-13; outros, que seria 1Coríntios; e ainda outros, que não mais existe. O caso é discutido adiante”.

⁹⁸Ibid, p. 16.

“A epístola D é o livro canônico 2 Coríntios”⁹⁹.

A segunda carta aos Coríntios ainda é dividida em mais epístolas. Mas, de acordo com Betz,

A investigação dos problemas literários de 2 Coríntios remonta ao início da investigação histórico-crítica do Novo Testamento. Em seu comentário de 1776 de 2 Coríntios, Johann Salomo Semler (1725–91), professor da faculdade teológica liberal de Halle desde 1753, propôs pela primeira vez a hipótese de que a Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios é composta por vários fragmentos distintos¹⁰⁰.

“A importância deste insight para Semler estava em seu uso como argumento contra a doutrina ortodoxa do cânon, e particularmente contra a teoria predominante da “perfeição final das Escrituras”, *perfectio finalis scripturae*”¹⁰¹. Além disso, o autor diz que

As observações que provocariam uma mudança decisiva no curso dos estudos em 2 Coríntios são encontradas no *Parafrasis II: Epistolae ad Corinthios* de 1776. Na introdução, Semler propôs que a obra é composta de duas cartas separadas. A primeira carta consiste de 2 Cor 1–8; Rom 16; 2Cor 9, juntamente com a conclusão em 13:11–13. Esta carta foi enviada aos cristãos da Acaia e foi levada a eles por Tito. Uma segunda carta foi composta mais tarde, depois que chegaram notícias angustiantes sobre a situação em Corinto; esta carta inclui 2Cor 10:1–13:10¹⁰².

A partir da tese de Johann Salomo Semler, vários estudiosos formularam hipóteses a respeito da unidade ou divisão da segunda carta aos coríntios. Segundo Hafemann, “a questão da unidade literária de 2 Coríntios foi respondida de várias maneiras por causa das transições e mudanças de assunto aparentemente bruscas na carta”¹⁰³. A seguir, o autor descreve as duas principais linhas de interpretação da segunda carta aos coríntios. Em relação aos estudiosos que consideram 2Co como vários fragmentos de cartas, Hafemann diz que

As questões primordiais são as evidentes mudanças de raciocínio entre 2 Coríntios 2:13 e 2:14, 7:4 e 5, 6, 13 e 14, e 7:1 e 2; os tratamentos diferentes da coleta nos capítulos 8 e 9; e a unidade distinta de 2 Coríntios 10:1-13:13. Se cada uma dessas transições marca um documento independente, 2Coríntios se toma a composição dos seis seguintes fragmentos principais, que mais tarde foram, então, unificados em uma única carta: 2 Coríntios (1:1-2:13 e 7:5-16); (2:14-6,13); (6:14-7,1); (8); (9); (10-13)” [...] Alguns biblistas procuram isolar cada uma dessas seções como parte original de um escrito independente e atribuí-las à história da interação de Paulo com os coríntios delineada acima. Nesse cenário, como mencionamos, alguns consideram 2 Coríntios 10-13 parte

⁹⁹Ibid, p. 16, 17.

¹⁰⁰BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 3.

¹⁰¹Ibid, p. 3.

¹⁰²Ibid, p. 3.

¹⁰³HAFEMANN, Scott J. “Coríntios, Cartas aos”. In: HAWTHORNE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 286.

da “carta escrita entre lágrimas”; 2 Coríntios 2,14-6,13 parte de uma carta de defesa que foi perdida; 2 Coríntios 1,1-2,13 e 7,5-16 a carta paulina de reconciliação depois do relato de Tito; 2Coríntios 6,14-7,1 parte de outra carta paulina perdida ou de um escrito não-paulino, parte da “carta escrita entre lágrimas”, ou até mesmo parte da “minha carta” de 1Coríntios 5,9¹⁰⁴.

Já, a respeito dos estudiosos que afirmam a unidade literária da segunda carta aos coríntios, Hafemann diz que

Entretanto, uma minoria de estudiosos ainda afirma a unidade literária da carta como um todo. Os que defendem essa posição tentam explicar a integridade das transições da carta em todos os pontos. Além disso, consideram as mudanças de assunto em 2 Coríntios o resultado da natureza heterogênea da comunidade coríntia. Os capítulos 10-13 formam a última defesa e o último ataque diretos de Paulo aos adversários, depois de primeiro se dirigir à maioria reconciliada da Igreja nos capítulos 1-9 e, talvez, depois de algum intervalo ou da chegada de novas informações ameaçadoras¹⁰⁵.

Por fim, Hafemann diz que há um consenso crescente entre alguns estudiosos a respeito da interpretação da segunda carta aos coríntios. Ele, então, descreve desta forma:

O consenso cada vez maior é que os capítulos 1-9 são, de fato, uma composição unificada escrita depois do encontro de Paulo com Tito (cf. 2Co 7:5-13). Os capítulos 10-13 são, então, considerados uma obra subsequente, escrita depois de novos contratemplos em Corinto e anexada à seção anterior em alguma ocasião no início dessas tradições, pois não há nenhuma prova crítica textual de que os capítulos 10-13 alguma vez tenham circulado independentemente dos capítulos 1-9¹⁰⁶.

Segundo Betz, “os defensores das hipóteses da divisão e da unidade inconscientemente empregam os mesmos tipos de argumentos, voltando-os primeiro para um propósito, depois para outro”¹⁰⁷. O autor diz que

Três tipos de observações parecem estar subjacentes a quaisquer propostas encontradas nesses trabalhos: (1) interrupções na linha de pensamento, (2) descontinuidades nos relatos dos eventos, (3) mudanças repentinas no tom da apresentação. Os contra-argumentos são igualmente especulativos, com base em deduções de (1) a estrutura subjacente do pensamento de Paulo, (2) reconstrução do curso dos eventos, (3) estado psicológico de Paulo no momento da composição¹⁰⁸.

Então, Betz conclui que “nenhum desses argumentos opera no nível do próprio texto, mas em construções hipotéticas por baixo do texto: a linha de pensamento, o plano da carta, o curso dos eventos e a psicologia”¹⁰⁹.

¹⁰⁴Ibid, p. 286.

¹⁰⁵Ibid, p. 286.

¹⁰⁶Ibid, p. 286.

¹⁰⁷BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 26.

¹⁰⁸Ibid, p. 26.

¹⁰⁹Ibid, p. 26.

Martin¹¹⁰, Furnish¹¹¹, Harris¹¹², consideram os (capítulos 1-9) uma epístola ou Epístola D. E os capítulos (10-13) a Epístola E. Por outro lado, Betz¹¹³ considera o capítulo 8 como uma carta para a igreja de Corinto e o capítulo 9 como uma carta para os cristãos da Acaia.

Ao contrário de Betz, Furnish conclui que

Nenhum problema sério impede a leitura desses dois capítulos como uma discussão única e integrada do projeto de coleta, precedida pelas garantias preliminares de confiança em 7:4–16. Após o apelo propriamente dito, 8,1–15, Paulo elogia os representantes que ele está enviando, 8:16–9:5, identificando suas credenciais (8:16–24) e indicando por que sua missão é justificável (9,1–5). Toda a discussão é então concluída em 9:6–15 com algumas observações gerais sobre os valores da generosa doação¹¹⁴.

Da mesma forma, Kistemaker afirma que

O vocabulário é semelhante (por ex., considere estas palavras e expressões: macedônios, assistência aos santos, dádiva, generosidade, necessidade, os irmãos). Além disso, a referência ao “ano passado” nos dois capítulos (8.10 e 9.2) indica um fato já do conhecimento dos coríntios. Também, o termo *irmãos* vem à tona em 8.23 e 9.3; o termo se refere a “representantes das igrejas”, que os coríntios conheciam bem. O elo entre os últimos versículos do capítulo 8 e os primeiros do capítulo 9 parece ser bem forte. E, por fim, por que Paulo enviaria duas cartas curtas sobre o mesmo assunto para a igreja em Corinto, quando uma só já alcança seu propósito?¹¹⁵

Nesta pesquisa considera-se que (2Co 1-13) compõe uma epístola enviada por Paulo aos cristãos de Corinto. Em primeiro lugar porque “todo códice maiúsculo e minúsculo transmitem a escrita na forma e na extensão em que chegou até nós”¹¹⁶ e em segundo lugar porque o apóstolo Paulo constrói seu discurso unificado em torno de um esquema argumentativo ligado por meio de conectivos. Isto é evidente, somente, quando se observa o grego. No capítulo 1, ele se apresenta, **Παῦλος ἀπόστολος Χριστοῦ** “Paulo Apóstolo de Jesus Cristo”, no capítulo 2, ele continua seu relato com a utilização da conjunção coordenativa **γάρ** “pois, mas, etc.” No capítulo 5, novamente, ele utiliza o **γάρ**

¹¹⁰MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014.

¹¹¹FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians: Translated with Introduction, Notes, and Commentary*. New Haven/London: Yale University Press, 2008.

¹¹²HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005.

¹¹³BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985.

¹¹⁴FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians: Translated with Introduction, Notes, and Commentary*. New Haven/London: Yale University Press, 2008, p. 433.

¹¹⁵KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 24.

¹¹⁶PITTA, Antonio. *La Seconda Lettera ai Corinzi*. Roma: Borla, 2006, p. 18.

“pois, mas, etc.” Já no capítulo 6, aparece a partícula pospositiva **δέ** “e”. No capítulo 8, também, começa com a partícula pospositiva **δέ** “e”. Já no capítulo 9, ele utiliza novamente **γάρ** “pois, mas, etc.” No capítulo 10, aparece de novo a partícula pospositiva **δέ** “e”. No capítulo 13, ele conclui a carta **13 Ἡ χάρις τοῦ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ καὶ ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ καὶ ἡ κοινωνία τοῦ ἁγίου πνεύματος μετὰ πάντων ὑμῶν**. “A graça do Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós”¹¹⁷.

A partícula pospositiva **δέ** assume várias funções que é importante destacar. No dicionário de grego do Anatole Bailly¹¹⁸ esta partícula é classificada desta maneira:

A) Uma oposição ao enunciado anterior

- 1 - Marca uma oposição claramente determinada de “ao contrário” (mas...).
- 2 - Marca uma oposição de simples correspondência, mas sem a ideia de contradição, “por outro lado”.
- 3 - No raciocínio para introduzir uma (objeção, reserva, pergunta)
- 4 - Para marcar a resolução de uma condição ou hipótese anterior.

B) Uma ligação de ideias

- 1 - Marca a transição de um discurso.
- 2 - Anuncia um parêntese.
- 3 - Liga diversos qualificativos de uma mesma palavra.
- 4 - Após uma palavra repetida.

¹¹⁷(Tradução Nossa).

¹¹⁸BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000, p. 434, 435.

5 - No diálogo particular para a) marcar uma ligação com uma ideia expressa anteriormente; b) após um vocativo.

6 - Introduzir uma explicação no sentido de γάρ.

7 - Marcar uma progressão “mais, mesmo”.

8 - Reforçar uma afirmação, particularmente, após um pronome demonstrativo.

9 - Marcar uma coordenação com conjunções do tipo ἐπεί, ἐπειδή, ὅτε....

C) Construção e localização de δέ:

1 - Em correlação com μέν...para marcar oposição...podem ser vários δέ para somente um μέν.

2 - Com τε... para conferir uma continuidade no discurso (e também; de outra parte)

3 - Com καί... para enfatizar uma adição (cf. B-7).

De acordo com Murachco, a partícula δέ

É também uma pontuação oral. É pospositiva. Como todas as pontuações orais, não teria um significado próprio, mas tem um valor aditivo-intensivo, às vezes com nuances opostas de desigualdade.

- **Empregada sozinha**, sem ter sido anunciada por μέν, ela dá uma leve inflexão à linha narrativa ou expositiva do segmento anterior do enunciado. Muitas vezes pode ser traduzida por e, ou então, se o significado do segundo segmento encerra uma ideia contrária à do segmento anterior, pode ser traduzida por **mas**.

Mas não há uma antítese; apenas uma nova ideia, marcada por uma pausa, alguma coisa de diferente. Não há uma regra absoluta para seu uso, nem ela tem um significado absoluto.

As traduções mais comuns são as seguintes: e, por outro lado, porém. Ou então não se traduz; uma vírgula marca a pausa¹¹⁹.

¹¹⁹MURACHCO, Henrique. *Língua Grega: Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. Volume I. São Paulo: Discurso Editorial / Editora Vozes, 2001, p. 638.

Além disso, a partícula pospositiva **δέ** em um contexto narrativo significa “mudar para um novo passo no relato, mudando para um diferente caráter, etc. (e, agora, em seguida; e quanto a ..., e em relação a ...; em contraste: mas...)”¹²⁰. A função da partícula **δέ** utilizada em (2Co 6, 8 e 10) é a (B5a) do dicionário do Bailly, de modo que ela “marca uma ligação com uma ideia exprimida anteriormente”. Na mesma linha de raciocínio, Murachco enfatiza a mesma função exposta por Bailly ao dizer que esta partícula “dá uma leve inflexão à linha narrativa ou expositiva do segmento anterior do enunciado”. E, por fim, na gramática grega de Cambridge, os autores também afirmam a função da partícula **δέ** de ligar um assunto anterior com um assunto posterior.

Não é só no contexto narrativo que **δέ** tem a função de continuar um assunto anterior. No texto argumentativo de Paulo em 2Coríntios o **δέ** assume a mesma função. Portanto, a conjunção coordenativa **γάρ** “pois, mas” e a partícula **δέ** “e” conferem ao texto paulino de 2Coríntios uma unificação, uma vez que mostra a progressão do argumento de Paulo até o último capítulo. Sendo assim, o capítulo 8 e 9 fazem parte de uma carta unificada.

<p>2Co 1,1¹²¹: Παῦλος ἀπόστολος Χριστοῦ Ἰησοῦ διὰ θελήματος θεοῦ καὶ Τιμόθεος ὁ ἀδελφὸς τῆ ἐκκλησίᾳ τοῦ θεοῦ τῆ οὔσῃ ἐν Κορίνθῳ σὺν τοῖς ἁγίοις πᾶσιν τοῖς οὔσιν ἐν ὅλῃ τῇ Ἀχαΐᾳ, (Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por meio da vontade de Deus e o irmão Timóteo à igreja de Deus, a qual está em Corinto com todos os santos, os quais estão em toda Acaia)¹²².</p>	
<p>2Co 2,1: Ἐκρίνα γάρ ἑμαυτῷ τοῦτο τὸ μὴ πάλιν ἐν λύπῃ πρὸς ὑμᾶς ἐλθεῖν. (Pois decidi por mim mesmo isto: não ir novamente em sofrimento até vocês).</p>	γάρ
<p>2Co 3,1: Ἀρχόμεθα πάλιν ἑαυτοὺς συνιστάνειν; ἢ μὴ χρῆζομεν ὡς τινες συστατικῶν ἐπιστολῶν πρὸς ὑμᾶς ἢ ἐξ ὑμῶν;</p>	

¹²⁰BOAS, Evert V. E; RIJKSBARON, Albert; HUITINK, Luuk; BAKKER, Mathieu DE. *The Cambridge Grammar of Classical Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 671.

¹²¹NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

¹²²(Tradução nossa).

<p>(Começamos novamente a recomendar a nós mesmos? Ou não precisamos como alguns de cartas de recomendações para vocês ou de vocês?)</p>	
<p>2Co 4,1: Διὰ τοῦτο, ἔχοντες τὴν διακονίαν ταύτην καθὼς ἠλεήθημεν, οὐκ ἐγκακοῦμεν (Por isso, tendo este ministério conforme temos recebido misericórdia, não desanimamos)</p>	
<p>2Co 5,1: Οἶδαμεν γὰρ ὅτι ἐὰν ἡ ἐπίγειος ἡμῶν οἰκία τοῦ σκίηνους καταλυθῆ, οἰκοδομῆν ἐκ θεοῦ ἔχομεν, οἰκίαν ἀχειροποίητον αἰώνιον ἐν τοῖς οὐρανοῖς. (Pois sabemos que, se a nossa moradia terrestre do tabernáculo for destruída, temos da parte de Deus uma edificação, uma moradia não feita por mãos humanas, eterna, nos céus).</p>	γὰρ
<p>2Co 6,1: Συνεργοῦντες δὲ καὶ παρακαλοῦμεν μὴ εἰς κενὸν τὴν χάριν τοῦ θεοῦ δέξασθαι ὑμᾶς· (E trabalhando juntos também exortamos que vocês não recebam a graça de Deus em vão).</p>	δὲ
<p>2Co 7,1: Ταύτας οὖν ἔχοντες τὰς ἐπαγγελίας, ἀγαπητοί, καθαρίσωμεν ἑαυτοὺς ἀπὸ παντὸς μολυσμοῦ σαρκὸς καὶ πνεύματος, ἐπιτελοῦντες ἀγιωσύνην ἐν φόβῳ θεοῦ. (Portanto, tendo promessas, amados, purifiquemos a nós mesmos de toda impureza da carne e do espírito, terminando a santificação no temor de Deus).</p>	
<p>2Co 8,1: Γνωρίζομεν δὲ ὑμῖν, ἀδελφοί, τὴν χάριν τοῦ θεοῦ τὴν δεδομένην ἐν ταῖς ἐκκλησίαις τῆς Μακεδονίας, (E a vocês, fazemos conhecer, irmãos, a graça de Deus dada nas igrejas da Macedônia),</p>	δὲ
<p>2Co 9,1: Περὶ μὲν γὰρ τῆς διακονίας τῆς εἰς τοὺς ἁγίους περισσόν μοί ἐστιν τὸ γράφειν ὑμῖν· (Pois, sobre a ajuda para os santos, para mim é supérfluo escrever para vocês).</p>	γὰρ

<p>2Co 10,1: Αὐτὸς δὲ ἐγὼ Παῦλος παρακαλῶ ὑμᾶς διὰ τῆς πραΰτητος καὶ ἐπιεικειᾶς τοῦ Χριστοῦ, ὃς κατὰ πρόσωπον μὲν ταπεινὸς ἐν ὑμῖν, ἀπὼν δὲ θαρρῶ εἰς ὑμᾶς·</p> <p>(E eu mesmo, Paulo, solicito a vocês, por meio da mansidão e benevolência de Cristo, que, por um lado, quando estou presente com vocês, sou humilde, mas, por outro lado, quando estou ausente com vocês, sou ousado),</p>	δὲ
<p>2Co 11,1: Ὅφελον ἀνείχεσθέ μου μικρὸν τι ἀφροσύνης· ἀλλὰ καὶ ἀνέχεσθέ μου.</p> <p>(Tomara suportásseis a mim em um pouco de loucura. Mas também suportais a mim).</p>	
<p>2Co 12,1: Καυχᾶσθαι δεῖ, οὐ συμφέρον μὲν, ἐλεύσομαι δὲ εἰς ὄπτασίας καὶ ἀποκαλύψεις κυρίου.</p> <p>(É necessário se orgulhar, por um lado, não é oportuno, mas chegarei as visões e revelações do Senhor).</p>	
<p>2Co 13,1: Τρίτον τοῦτο ἔρχομαι πρὸς ὑμᾶς· ἐπὶ στόματος δύο μαρτύρων καὶ τριῶν σταθήσεται πᾶν ῥῆμα.</p> <p>(Esta é a terceira vez que vou até vocês. Pela boca de duas testemunhas e de três será exposta toda palavra).</p>	

Diante deste contexto, está inserido as coletas para os cristãos em Jerusalém (cf. 2Co 8 e 9). De acordo com Carson, “o fato de Paulo ainda contar com a participação dos coríntios é prova de que, apesar da visita dolorosa, ele não considerava a igreja essencialmente apóstata”¹²³. Certamente, Paulo vê nos coríntios a vontade de ajudar com seus recursos a igreja de Jerusalém tanto na presença de Tito quanto na presença dos macedônios (cf. 2Co 7,14; 9,2). Para Carson,

Provavelmente ele (Paulo) estava receoso de que a hostilidade contra ele degenerasse em indisposição de cooperar com o plano de ajuda financeira; e que os intrusos estivessem, com suas exigências insistentes de sustento financeiro (11:7, 12-20; 12:14), exaurindo os recursos que Paulo achava que deviam ser enviados para ajudar os crentes pobres de Jerusalém¹²⁴.

¹²³CARSON, D.A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 310, 296.

¹²⁴Ibid, p. 296.

Entretanto, isso não aconteceu, e os coríntios decidiram de boa vontade começar a contribuir financeiramente para os cristãos de Jerusalém (2Co 8,10-12). Mas, por que ajudar os irmãos mais pobres? E, de que forma fazer isto? Nos capítulos 8 e 9 da segunda carta aos coríntios, Paulo explica os motivos que conduzem a isto, a consequência da contribuição e a forma pela qual deve-se contribuir. Os motivos são: 1) A vontade de Deus (**θελήματος θεοῦ- 8,5**), 2) Uma disposição benéfica para com alguém (**χάρις- 8,7**), 3) O amor genuíno (**ἀγάπης γνήσιον- 8,8**), 4) O exemplo de Jesus (8,9), 5) Receber o suprimento divino (9,8-11), 6) Reconhecer a grandeza de Deus e submissão a Deus (9,11-13), 7) Reflete o dom indescritível de Deus (**ἀνεκδιηγήτω δωρεᾷ- 9,15**). A consequência é: 1) A promoção da igualdade (**ισότης-8,14**). Por outro lado, a contribuição deve ser da seguinte forma: 1) Voluntária (8,3), 2) De acordo com o que escolheu no seu coração (**καθὼς προήρηται τῆ καρδίᾳ- 9,7**), 3) Não com tristeza (**μὴ ἐκ λύπης- 9,7**), 4) Não por obrigação (**ἐξ ἀνάγκης- 9,7**), 5) Mas, com alegria **ἰλαρός- 9,7**).

Diante do exposto, percebe-se que, segundo Paulo, o ato de se doar (por amor) em interesse dos outros é o princípio basilar do evangelho de Jesus. Tanto que Cristo foi o principal exemplo disto. Por isso, Paulo fala para os coríntios continuarem a exercer este princípio. Mas, a forma pela qual deve-se doar, não pode ser “sob pressão”¹²⁵ ou “obrigação”, ao invés disso, deve ser voluntária (8,3). Isto é uma evidência de que a ajuda financeira praticada pelos cristãos da igreja de Corinto não era regida pelo princípio judaico do dízimo, segundo o qual havia a necessidade de contribuir obrigatoriamente com o valor de dez por cento dos seus bens¹²⁶. Provavelmente, esta característica dos cristãos em Corinto se deve ao fato que Paulo os ensinou dessa maneira. Portanto, Paulo rompe com o princípio da obrigatoriedade do dízimo para dar lugar ao princípio da voluntariedade do evangelho que é motivado por amor. A partir deste momento, não importa a quantidade delimitada que se deve ajudar (dez, vinte, trinta por cento, etc.), mas o que importa é o se doar por completo (sem estipular valores) em benefício dos cristãos e isso tem que ser feito por amor (1Co 13).

¹²⁵Com preposição. **ἐξ ἀνάγκης** *sob pressão* (trag., Thu., Epict. 2, 20, 1; Jos., Bell. 5, 568; POxy. 237 IV, 33; PI e 19, 1) 2Cor 9:7. BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Christian Literature*. 4rd ed. Chicago Press, 2001, p. 52.

¹²⁶A palavra hebraica para dízimo é **עֲשֵׂרִית** que significa “uma décima parte”. KOEHLER & BAUMGARTNER. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. 2 vols. Boston: Brill Academic, 2001. O dízimo era uma exigência da lei que era estipulada pela aliança sinaítica. Ex: (Levítico 27:30, Números 18:26, Deuteronomio 14:22-29, 2 Crônicas 31:5).

Entretanto, no imaginário e na pregação de alguns grupos cristãos da atualidade, como por exemplo, os neopentecostais, se convencionou que o dízimo é uma contribuição financeira obrigatória por parte dos membros da igreja e que a oferta é uma contribuição financeira opcional. Esta interpretação está baseada no fato de que Jesus ordenou a prática do dízimo em (Mt 23). Esta ordenança que foi feita para os fariseus se estende automaticamente aos cristãos. Assim sendo, os cristãos devem dar o dízimo na igreja. No entanto, o contexto de (Mt 23) abrange mais questões do que apenas “ordenar” o dízimo. Se é que Jesus realmente ordena o dízimo. O dízimo aparece no ambiente da controvérsia da comunidade mateana com os fariseus que passaram a guiar as sinagogas após 70 a.C. O que é destacado neste contexto é a prática da justiça, da misericórdia e da lealdade. Por outro lado, segundo esta interpretação, os cristãos podem voluntariamente dar a oferta na igreja. A oferta não é obrigatória e foi praticada em (2Co 8 e 9). Entretanto, como visto anteriormente, esta divisão nunca foi feita pelo Cristianismo Primitivo Paulino. O que havia, por certo, era a disposição voluntária de contribuir para o benefício dos irmãos em Cristo. E, a única “lei” que deviam seguir, era a lei do amor (cf. Gl 5; 1Co 13; Rm 8).

CONCLUSÃO

Este capítulo foi uma proposta de exposição do ambiente cultural em que nasceu e se desenvolveu a comunidade eclesial de Corinto. Além disso, o objetivo também foi de destacar a relação do apóstolo Paulo com a igreja que ele fundou em Corinto. Isso ocorre quando apresenta-se a identidade dos cristãos coríntios, juntamente, com os problemas que eles vivenciavam. Em seguida, estabeleceu-se o propósito da segunda carta aos coríntios e a unidade epistolar de (2Co 8 e 9).

A cidade de Corinto teve duas fases. A primeira delas foi a fase grega, a qual era conhecida pelo rico comércio, pela religião grega e também pelos prazeres sexuais ilícitos. Já a segunda fase foi a romana. Nesta fase, o comércio ainda era muito praticado, mas a religião e a organização sofreram influências de Roma. A religião grega não era a única que era praticada, de modo que surge também os cultos romanos e os cultos marginais. Além disso, a estratificação social também mudou. Surgiu, então, várias

classes sociais, a saber, os escravos, os libertos (escravos libertos), os livres, os judeus e os cristãos.

Os cristãos coríntios cultuavam em casas pequenas com no máximo 50 pessoas. Isso é uma evidência de que os membros da mesma igreja se conheciam e compartilhavam da mesma condição socio-econômica. No entanto, havia uma disputa entre aqueles que se consideravam mais “espirituais e sábios” e aqueles que eram considerados “menos espirituais” e “menos sábios”. Mas, na ocasião da redação da segunda carta aos coríntios algo tinha mudado. Está registrado na carta que surgiu no meio dos cristãos coríntios os “superapóstolos” ou “falsos apóstolos” que desejavam ensinar um outro evangelho para eles. Este foi um dos motivos da redação da segunda carta aos coríntios. Outro motivo foi ensinar aos cristãos coríntios que ajudar os “irmãos mais pobres” é a evidência do amor genuíno que foi praticado por Jesus (cf. 2Co 8 e 9).

Por fim, mostrou-se que (2Co 1-13) não são várias cartas, mas é uma carta única que foi escrita de forma coesa. A coesão é expressa conforme as partículas e conjunções gregas, tais como: **δέ** e **γάρ**. Estes conectores textuais fornecem uma conexão entre o assunto anterior e o posterior na carta. Portanto, os capítulos 8 e 9 não fazem parte de duas cartas diferentes, mas são parte de uma carta única escrita pelo apóstolo Paulo em 56 d.C.

CAPÍTULO 2

A Contribuição por Amor em 2 Coríntios 8,8-15

1. Considerações Preliminares

Verifica-se nesta etapa da pesquisa a estratégia comunicativa elaborada pelo autor, a fim de transmitir seus pressupostos para os seus destinatários. Dessa forma, o autor cria uma estratégia textual em que ocorre um diálogo entre ele e os leitores originais, de modo que mostra, por meio desta estratégia, quais são os leitores e o que o texto requer. Portanto, neste primeiro passo há uma primeira abordagem ao texto, a fim de definir os seus limites, confiabilidade e localização (contexto literário).

1.1. Texto Grego e Tradução de 2 Coríntios 8,8-15

8 Οὐ κατ' ἐπιταγὴν λέγω ἀλλὰ διὰ τῆς ἐτέρων σπουδῆς καὶ τὸ τῆς ὑμετέρας ἀγάπης γνήσιον δοκιμάζων·

9 γινώσκετε γὰρ τὴν χάριν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὅτι δι' ὑμᾶς ἐπτώχευσεν πλούσιος ὢν, ἵνα ὑμεῖς τῇ ἐκείνου πτωχείᾳ πλουτήσητε.

10 καὶ γνώμην ἐν τούτῳ δίδωμι· τοῦτο γὰρ ὑμῖν συμφέρει, οἵτινες οὐ μόνον τὸ ποιῆσαι ἀλλὰ καὶ τὸ θέλαιν προενήρξασθε ἀπὸ πέρυσι·

11 νυνὶ δὲ καὶ τὸ ποιῆσαι ἐπιτελέσατε, ὅπως καθάπερ ἡ προθυμία τοῦ θέλαιν, οὕτως καὶ τὸ ἐπιτελέσαι ἐκ τοῦ ἔχειν.

12 εἰ γὰρ ἡ προθυμία πρόκειται, καθὸ ἐὰν ἔχη εὐπρόσδεκτος, οὐ καθὸ οὐκ ἔχει.

13 οὐ γὰρ ἵνα ἄλλοις ἄνεσις, ὑμῖν θλίψις, ἀλλ' ἐξ ἰσότητος·

14 ἐν τῷ νῦν καιρῷ τὸ ὑμῶν περίσσευμα εἰς τὸ ἐκείνων ὑστέρημα, ἵνα καὶ τὸ ἐκείνων περίσσευμα γένηται εἰς τὸ ὑμῶν ὑστέρημα, ὅπως γένηται ἰσότης,

15 καθὼς γέγραπται· ὁ τὸ πολὺ οὐκ ἐπλεόνασεν, καὶ ὁ τὸ ὀλίγον οὐκ ἠλαττόνησεν.¹²⁷

¹²⁷Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28^o Edição (Bible Works 10).

8 Não falo conforme uma ordem, mas pelo zelo de outros e provando a autenticidade do vosso amor.

9 Pois, conheceis a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós, sendo rico se tornou extremamente pobre, a fim de que vós vos tornásseis ricos pela pobreza dele.

10 E nisto dou minha opinião; pois isto convém a vós que começastes desde o ano passado não somente o fazer, mas também o querer;

11 E também agora, completai o fazer, a fim de que, assim como a prontidão do desejar, assim também completar a partir do que vós possuís.

12 Pois, se a prontidão está presente, conforme o que se tiver é aceitável, não conforme o que não tem.

13 Pois, não (digo estas coisas), a fim de que para outros haja alívio, (e) para vós tribulação, mas para igualdade.

14 No tempo presente, a vossa abundância (seja) para a necessidade deles, a fim de que também a abundância deles seja para a vossa necessidade, a fim de que haja igualdade,

15 Como está escrito: O que muito (colheu) não teve mais do que o necessário, e o que pouco (colheu) não teve de menos¹²⁸.

1.2. Crítica Textual

A seguir será apresentado algumas definições importantes sobre a tarefa da crítica textual na análise dos textos antigos.

Segundo Paroschi, “a crítica textual é uma ciência que procura restabelecer o texto original de um trabalho escrito cujo autógrafo não mais exista”¹²⁹. Da mesma forma, Cambraia afirma que o “objetivo primordial da crítica textual é a restituição da forma genuína dos textos”¹³⁰. Similarmente, Greenlee explica que o “criticismo textual é o

¹²⁸(Tradução Nossa).

¹²⁹PARÓSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 13.

¹³⁰CAMBRAIA, César. N. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 1.

estudo de cópias de qualquer trabalho escrito do qual o autógrafo (o original) é desconhecido, com o propósito de descobrir o texto original”¹³¹. De conformidade com os autores anteriores, Bernabé mostra que a crítica textual

É o conjunto de operações exercidas sobre um ou vários textos alterados por diversas vicissitudes sofridas desde o momento em que foram escritos até aquele em que chegam a nós, e dirigidas a tratar de restituir o que se considera que era sua forma original”¹³². (BERNABÉ, p. 10).

Sob o mesmo ponto de vista anterior, Porter e Pitts afirmam que “o objetivo do criticismo textual é definido em dois caminhos distintos”:

O criticismo textual é tradicionalmente visto como a ciência e a arte da reconstrução dos autógrafos Gregos originais tão próximo quanto possível. Estudiosos mais recentes, entretanto, inclinam-se a perceber o criticismo textual como um meio de rastrear a história da transmissão textual, a fim de obter uma visão sobre a história social do Cristianismo Primitivo, especialmente como o Cristianismo e seus textos se desenvolveram no segundo século¹³³.

Por fim, na mesma linha de pensamento anterior, Fischer diz que:

A Crítica textual é a porta de entrada da exegese, sendo que não existe outra porta, na lateral ou nos fundos. Muito raramente se leva em conta o fato de que nem a igreja nem o mundo acadêmico dispõem do que seria ‘o’ texto bíblico, pois tudo que temos são cópias que chegaram até nós ao longo da história da transmissão do texto. Isto significa que o texto não é apenas a base da interpretação ou exegese bíblica, mas ele próprio é objeto de pesquisa histórica. Não faz nenhum sentido explicar ou fazer a exegese de um erro de cópia! Por isso, a igreja e o mundo acadêmico têm o dever de disponibilizar e responsabilizar-se por um texto confiável, do qual foram eliminados erros decorrentes do processo de transmissão e cópia. A crítica textual se dedica a essa tarefa, lançando, assim, o fundamento para todo o trabalho de interpretação que virá a seguir¹³⁴. (FISCHER, p. 153).

De acordo com estes autores, o objetivo da crítica textual é reconstituir através das diversas cópias de manuscritos o texto original perdido. Assim sendo, segundo este ponto de vista, a tarefa do crítico textual é apenas analisar quais variantes fazem parte ou não do texto original. Entretanto, a tarefa da crítica textual não é somente essa.

Então, qual é a outra tarefa?

Segundo West,

A crítica textual não é a essência nem a finalidade da erudição clássica, que é o estudo de uma civilização. Mas é uma parte indispensável disso. De longe, a

¹³¹GREENLEE, J. H. *Introduction to New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: Baker Academic, 1995, p. 1.

¹³²BERNABÉ, Alberto. *Manual de Crítica Textual y Edición de Textos Griegos*. Madrid: Ediciones Akal, 2010, p. 10.

¹³³PORTER, Stanley E; PITTS, Andrew W. *Fundamentals of New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2015, p. 1.

¹³⁴FISCHER, Alexander A. *O Texto do Antigo Testamento: Edição Reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernst Würthwein*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 153.

maior parte de nosso conhecimento dessa civilização chega até nós pelo que os antigos escreveram. Em quase todos os casos, esses escritos sobreviveram, se sobreviveram mesmo, apenas em cópias distantes em muitas etapas dos originais, cópias das quais nenhuma delas está livre de erros. Muitas vezes, os erros são tão grandes que não é mais possível dizer o que o autor quis dizer.

Daqui resulta que quem quer fazer uso sério de textos antigos deve prestar atenção às incertezas da transmissão; até a beleza dos odes corais que ele tanto admira pode ter uma mistura de conjecturas editoriais, e se ele não estiver interessado na autenticidade e confiabilidade dos detalhes, ele pode ser um verdadeiro amante da beleza, mas ele não é um estudante sério da antiguidade. Os perigos são obviamente mais abrangentes, se o texto estiver sendo usado como fonte de eventos históricos, da vida antiga e costumes antigos, do uso linguístico grego ou latino, ou do que quer que seja.

Mas a prática da crítica textual é mais do que preventiva contra o engano. Traz benefícios que vão além de seus objetivos imediatos de verificar o mais exatamente possível o que os autores escreveram e definir as áreas de incerteza. Quando os estudiosos discutem sobre se Aristófanes escreveu δέ ou τε em tal e tal passagem, o debate pode parecer trivial ao ponto de absurdo, e de fato o sentido pode não ser minimamente afetado. Mas, fazendo a pergunta "qual de fato o poeta escreveu? Os estudiosos podem ser levados a investigar o uso das partículas e dos hábitos de Aristófanes mais de perto do que jamais lhes ocorreria fazer de outra maneira".

Da mesma forma, ao fazer essas perguntas por todo o texto, eles aprendem todo tipo de coisas que não sabiam e nunca se perguntaram, às vezes coisas que não eram conhecidas por ninguém. Portanto, nossa compreensão das línguas, metros e estilos dos Gregos e Romanos tem sido continuamente refinada pelas observações de críticos inteligentes. Isso, por sua vez, nos ajuda a formar julgamentos corretos sobre passagens em que o sentido é afetado. Isso não diz nada do interesse e valor que o estudo de assuntos como as tendências dos escribas e os processos que governam a disseminação de textos em diferentes períodos tem por si próprio¹³⁵.

Para West, a crítica textual é fundamental para estabelecer um texto fidedigno ao original perdido, a fim de que não haja engano sobre um determinado dado histórico. Ademais, aprende-se sobre a característica literária peculiar de um determinado autor. Portanto, a crítica textual ou baixa crítica é uma fase essencial para o estabelecimento do texto que será analisado posteriormente na fase da alta crítica ou exegese. Além disso, o importante não é só o estabelecimento do texto mais fidedigno que remonta ao texto original, mas também é a averiguação do estilo de escrita de cada autor bíblico. Isso é importante na fase da análise hermenêutica, a fim de descobrir o significado correto de um determinado texto bíblico.

Os pressupostos da Crítica textual foram utilizados para o estabelecimento do texto escolhido e traduzido nesta pesquisa. Em seguida, apresenta-se a justificação desta escolha. A perícopes de (2Co 8,8-15) não apresenta variantes textuais significativas para

¹³⁵WEST, Martin L. *Textual Criticism and Editorial Technique*. Springer Fachmedien Wiesbaden 1973, p. 7, 8.

alterar o sentido do texto. Opta-se por selecionar as variantes que estão presentes no versículo 9.

8,9: No Aparato Crítico consta uma leitura alternativa com a inclusão do pronome **ἡμᾶς** nos manuscritos C K 6 263 323 614 1319 1962 l 59 l 156 l 165 l 422 l 592 l 617 l 884 l l 441¹³⁶.

O texto estabelecido por Nestlé – Aland; Barbara Aland e Kurt Aland com a leitura de **ὐμᾶς** é testemunhado pelos manuscritos \mathfrak{P}^{46} \aleph B D F G Ψ 048 075 0150 0243 33 81 104 256 365 424 436 459 1175 1241 1573 1739 1852 1881 1912 2127 2200 2464 Byz.

Segundo Omanson, “o pronome da segunda pessoa do plural **ὐμᾶς**, que se encaixa muito bem na argumentação do apóstolo, tem sólido apoio da evidência externa”¹³⁷. Isto é evidente, pois, muitos manuscritos atestam esta leitura e, além disso, muitos deles são mais antigos. Em relação a mudança de leitura, o autor ainda diz que “uma vez que, num estágio posterior da língua grega, as vogais **η** e **υ** passaram a ter pronúncia idêntica, copistas às vezes faziam confusão entre elas, escrevendo **ἡμᾶς** em vez de **ὐμᾶς**”¹³⁸. Por isso, muitos manuscritos também trazem a leitura **ἡμᾶς**.

Opta-se pelo texto estabelecido por Nestlé – Aland; Barbara Aland e Kurt Aland que traz a leitura do pronome **ὐμᾶς**, uma vez que é mais coerente que Paulo se refira a sua audiência, portanto, (vós). Além disso, os verbos gregos **γινώσκετε** e **πλουτήσητε** estão na segunda pessoa do plural (vós), indicando que Paulo está comunicando uma mensagem para um grupo de pessoas. Assim Sendo, este grupo conhece a graça de Jesus, o qual por causa deles (vós), se tornou pobre para que eles (vós) se tornassem ricos pela pobreza dele (Jesus).

¹³⁶ALAND, Barbara; ALAND, Kurt. KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M; METZGER, Bruce M. *The Greek New Testament*. Fifth Revised Edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014, p. 604. NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2013, p. 567.

¹³⁷OMANSON, Roger L. *Variantes Textuais Do Novo Testamento: Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”*. Tradução: Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 372.

¹³⁸Ibid, p. 372.

1.3. Delimitação e Unidade

De acordo com Silva, “delimitar um texto, portanto, significa estabelecer os limites para cima e para baixo, ou seja, onde ele começa e onde ele termina. O trecho da Escritura resultante dessa delimitação recebe o nome de “perícopo”¹³⁹. Um dos propósitos da segunda carta aos coríntios é mostrar que a ajuda aos irmãos mais pobres da igreja em Jerusalém é a essência do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. Todavia, no capítulo anterior, Paulo argumenta que os membros da igreja em Corinto foram prudentes em reconhecer a sua liderança espiritual, pois esta atitude de respeito e amor foi irrepreensível diante de Deus (cf. 2Co 7,11.12). Em seguida, Paulo termina seu argumento quando diz que ele pode confiar nos coríntios, pois eles se mostraram verdadeiros e obedientes. No capítulo 8 começa um novo assunto marcado pela partícula pospositiva **δέ**. Entretanto, ainda que seja um novo assunto, a partícula também indica a progressão do argumento de Paulo desde o primeiro capítulo da carta. Em outras palavras, Paulo escreveu uma carta unificada com diferentes propósitos e assuntos. Deste modo, a simples mudança de assunto não significa que isto é uma carta separada.

O argumento do capítulo 8 tem um começo, meio e fim. Assim sendo, o capítulo está dividido em quatro partes principais:

- 1) vv. 1-5: A contribuição das igrejas da Macedônia;
- 2) vv. 6-7: O pedido de contribuição à igreja de Corinto;
- 3) vv. 8-15: A contribuição por amor;
- 4) vv. 16-24: A retirada da contribuição.

O capítulo 8 aborda o tema principal da “ajuda aos irmãos mais necessitados” cujo objetivo é demonstrar o amor de Jesus.

Os vv. 1-5 mostram que às igrejas da Macedônia são um exemplo de amor ao próximo, pois no meio de muita tribulação e necessidade conseguiram ajudar aos irmãos de Jerusalém.

Os vv. 6-7 afirmam que os coríntios tinham abundância de fé e conhecimento, mas precisavam mostrar abundância na contribuição aos irmãos mais necessitados.

Os vv. 8-15 relatam que a contribuição deve ser motivada pelo amor, a fim de que haja igualdade de suprimentos entre os irmãos.

¹³⁹SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 68.

Os vv. 16-24 comunicam o envio de Tito para recolher a contribuição da igreja de Corinto.

Portanto, a perícopre de 2Coríntios 8 tem um início no versículo 1 marcado pela partícula pospositiva **δέ**. E, também, tem um fim marcado pela partícula conclusiva **οὕτως**. Esta partícula “liga conclusivamente um fato ou um argumento concreto anterior ao que se segue: *então, nessas condições portanto, por isso, afinal*”¹⁴⁰.

1.4. Cotexto Remoto

Segundo Silva, “o contexto remoto refere-se ao relacionamento de nossa perícopre com outras um pouco mais distantes, menos estreitamente a ela ligadas”¹⁴¹. “Esse passo ocupa-se do percurso estrategicamente desenvolvido ao longo da carta”¹⁴², na qual encontra-se (2Co 8). Nesta pesquisa diferencia-se o contexto do cotexto. O primeiro refere-se ao âmbito sociocultural que influencia o texto. Já o segundo refere-se ao âmbito literário de um determinado texto tanto anterior quanto posterior a ele. Em outras palavras, a análise do cotexto tem como objetivo verificar a relação de um texto ou de uma perícopre com os demais textos de um livro ou de uma carta.

De acordo com Bailey, “todo material que nós temos de Paulo veio para nós na forma de cartas”¹⁴³. Este material é “o mais comum gênero literário do Novo Testamento”¹⁴⁴. O autor ainda afirma que “muitas das cartas de Paulo estão localizadas entre o privado e o acadêmico”¹⁴⁵. Além disso, as cartas paulinas seguem uma estrutura fixa de três partes: uma abertura, uma parte principal, e um fechamento parecida com as cartas

¹⁴⁰MURACHCO, Henrique. *Língua Grega: Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. Volume I. São Paulo: Discurso Editorial / Editora Vozes, 2001, p. 674.

¹⁴¹SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 275.

¹⁴²NEF ULLOA, Boris A; LOPES, Jean R. Análise da estratégia literáriopragnática em 1Cor 8,1-13. *Revista de Cultura Teológica*. Ano XXVIII - Nº 97 - Set - Dez 2020, p. 234.

¹⁴³BAILEY, James L.; BROEK, Lyle D. Vander. *Literary Forms in The New Testament*. Louisville: Westminster/ John Knox Press, 1992, p. 23.

¹⁴⁴Ibid, p. 23.

¹⁴⁵Ibid, p. 23.

helenísticas¹⁴⁶. O *praescriptum* ou uma introdução paulina “apresenta sempre três elementos: o remetente, o destinatário e a saudação”¹⁴⁷.

O remetente de (2Co) é o autor Paulo e o co-autor Timóteo. É importante destacar que “O remetente é seguido, quase sempre, de uma titulação”. Neste caso aparece **1 Παῦλος ἀπόστολος Χριστοῦ Ἰησοῦ διὰ θελήματος θεοῦ**¹⁴⁸ (Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, por meio da vontade de Deus¹⁴⁹ cf. 2Co 1,1). Já “os destinatários também são seguidos de títulos que determinam seu *status* como”¹⁵⁰: **τοῖς ἁγίοις πᾶσιν** (todos os santos cf. 2Co 1,1). A segunda carta aos Coríntios é endereçada à **τῇ ἐκκλησίᾳ τοῦ θεοῦ τῇ οὔσῃ ἐν Κορίνθῳ** (igreja de Deus, a qual está em Corinto cf. 2Co 1,1). E, por fim, segue-se a saudação inicial de Paulo aos destinatários da carta. Esta saudação tem o seguinte padrão¹⁵¹:

Rom 1:7 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ**

1Cor 1:3 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ**

2Cor 1:2 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ**

Gal 1:2 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ**

Ef 1:2 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ**

Fp 1:2 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ**

Col 1:2 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν**

1Ts 1:1 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη**

2Ts 1:2 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς [ἡμῶν] καὶ κυρίου**

¹⁴⁶Ibid, p. 23.

¹⁴⁷NEF ULLOA, Boris A; LOPES, Jean R. Epistolografia Paulina: Origem e Estrutura. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 48, n. 3 - Set./Dez. 2016, p. 595.

¹⁴⁸Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28ª Edição (Bible Works 10).

¹⁴⁹(Tradução Nossa).

¹⁵⁰NEF ULLOA, Boris A; LOPES, Jean R. Epistolografia Paulina: Origem e Estrutura. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 48, n. 3 - Set./Dez. 2016, p. 595.

¹⁵¹ADAMS, Sean A. “Paul’s Letter Opening and Greek Epistolography: A Matter of Relationship”. In: PORTER, Stanley E; ADAMS, Sean A. Paul and the Ancient Letter Form. Leiden/Boston: Brill, 2010, p. 47.

Ἰησοῦ Χριστοῦ

1Tim 1:2 **χάρις ἔλεος εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς καὶ Χριστοῦ Ἰησοῦ
τοῦ κυρίου ἡμῶν**

2Tim 1:2 **χάρις ἔλεος εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς καὶ Χριστοῦ Ἰησοῦ
τοῦ κυρίου ἡμῶν**

Tito 1:4 **χάρις καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς καὶ κυρίου Ἰησοῦ
Χριστοῦ τοῦ σωτήρος ἡμῶν**

Fm 3 **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου
Ἰησοῦ Χριστοῦ**

A estrutura que mais se repete na saudação paulina é **χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ** (graça a vós e paz da parte de Deus nosso pai e da (parte) do Senhor Jesus Cristo). O complemento (da parte de Deus nosso pai e da (parte) do Senhor Jesus Cristo) “não deixa dúvidas na mente do leitor a respeito da fonte desta graça e paz, e fornece uma base teológica e tom para a carta como um todo”¹⁵².

O corpo da carta ou a parte principal “apresenta três pontos principais de contato com as cartas gregas privadas: 1. A divisão em três partes; 2. O uso de fórmulas estereotipadas; 3. Contém as informações principais”¹⁵³. Nesta parte principal, Paulo expõe aos seus destinatários os seus pressupostos teológicos. Após a sua apresentação no capítulo 1, Paulo procura mostrar que o seu ministério é fruto da nova aliança do Espírito (cf. 2Co 3,3) e, por isso, é Deus que o capacita a exercer o anúncio do evangelho, de modo que esta capacidade não vem dos seus próprios esforços e talentos naturais (cf. 2Co 3,4-6). Estas afirmações culminarão na defesa do seu apostolado, uma vez que ele não é um ministério de enganação, mas pelo contrário, é um ministério legitimado pelo próprio Deus (cf. 2Co 6). Todavia, o ministério verdadeiro é confrontado pelo ministério inautêntico dos “falsos apóstolos” que anunciava um evangelho ilegítimo (cf. 2Co 11,3-23). No entanto, a defesa do verdadeiro evangelho e a denúncia do falso evangelho tem como objetivo o amor e cuidado pela igreja de Corinto (cf. 2Co 2,4). Mas, Paulo também procura provar se os coríntios são obedientes ao verdadeiro evangelho (cf. 2Co 2,9). De fato, como os coríntios se mostraram obedientes aos preceitos santos e verdadeiros, eles são dignos de confiança (cf. 2Co 7,12-16). A obediência deles não foi só na **πίστει καὶ**

¹⁵²Ibid, p. 47, 48.

¹⁵³NEF ULLOA, Boris A; LOPES, Jean R. Epistolografia Paulina: Origem e Estrutura. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 48, n. 3 - Set./Dez. 2016, p. 597.

λόγω καὶ γνώσει (fé, palavra e conhecimento 2 Co 8,7), mas também foi na ajuda aos irmãos mais necessitados (cf. 2Co 8-9). A disposição em ajudar a quem precisa reflete o dom indescritível de Deus (cf. 2Co 9,15).

O *postscriptum* ou conclusão da carta segue o modelo de “saudação, bênçãos e autografia”¹⁵⁴. Em 2Coríntios 13,12-13 aparece a saudação e a bênção. No texto está escrito dessa forma:

12 Ἀσπάσασθε ἀλλήλους ἐν ἁγίῳ φιλήματι. Ἀσπάζονται ὑμᾶς οἱ ἅγιοι πάντες.

13 Ἡ χάρις τοῦ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ καὶ ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ καὶ ἡ κοινωνία τοῦ ἁγίου πνεύματος μετὰ πάντων ὑμῶν.

12 Cumprimentai-vos uns aos outros com beijo santo. Todos os santos vos cumprimentam.

13 A graça do Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós.

1.5. Cotexto Próximo

De acordo com Silva o contexto próximo que é também chamado de contexto imediato, “trata-se da articulação da perícope que estudamos com a que imediatamente a precede e com a que imediatamente a segue”¹⁵⁵. Neste caso, o capítulo 8 é uma continuação do argumento do capítulo 7 e, o capítulo 9 é uma continuação do argumento do capítulo 8. Segundo Kistemaker, “entre o capítulo 8 e o precedente, contudo, o elo é de vocabulário e tema semelhantes”¹⁵⁶. O autor mostra que Paulo cita no capítulo 7 e 8 os seguintes vocábulos e expressões:

“alegria abundante (7.4, 7, 13; 8.2);

privilégio, conforto, apelo (7.4, 7, 13; 8.4, 17);

sinceridade, boa vontade, prontidão (7.11, 12; 8.7, 8, 16)”¹⁵⁷.

O autor ainda acrescenta que:

¹⁵⁴Ibid, p. 599.

¹⁵⁵SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 275.

¹⁵⁶KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 376.

¹⁵⁷Ibid, p. 376.

Em ambos os capítulos ele faz referência a Tito (7.6, 13, 14; 8.6, 16, 23) e à Macedônia (7.5; 8.1) e escreve sobre encorajarem-se mutuamente (7.6, 7, 13; 8.6) Além disso, o capítulo 7 contém várias referências à coleta para os santos. Embora não explícitas, estão sempre transparecendo (4, 5, 7, 16).¹⁵⁸.

Desta forma, é evidente que há um fluxo contínuo de argumento entre o capítulo 7 e 8, pois além de aparecer um vocabulário semelhante também aparece a figura de Tito nos dois capítulos. Todavia, qual foi o papel de Tito entre os coríntios?

Segundo Kistemaker,

As cartas e a visita de Paulo objetivavam expulsar o homem imoral do meio do povo de Deus (1Co 5.13), mas ele ainda não tinha visto nenhum resultado. Enviou Tito para resolver o problema, mas enquanto isso ele mesmo viveu a incerteza de saber se as pessoas de Corinto iriam dar atenção às palavras de Tito.

Quando o emissário de Paulo voltou de Corinto com as boas notícias, Paulo não só foi confortado, como também alegrado enormemente. O pêndulo oscilou do desespero ao regozijo, por assim dizer. Não é difícil imaginar Paulo e Tito conversando sobre o clima espiritual em Corinto, o ofensor e seus partidários, e o arrependimento do povo cristão. Podemos imaginar o entusiasmo de Paulo quando, além do encorajamento inicial que recebeu, ele ouviu em detalhe como os coríntios tinham se arrependido¹⁵⁹.

De acordo com Martin, “o que está claro é que Tito foi reconhecido como um emissário de Paulo e de Deus e, portanto, respeitado e obedecido como Paulo esperava ser obedecido (2:9)”. Este reconhecimento por parte dos coríntios legitimou a tarefa que Tito foi realizar em Corinto (cf. 2Co 8 e 9). Portanto, Martin diz que “assim, 7:16 pode ser entendido em termos de uma transição. Os versículos anteriores descreveram o retorno da confiança de Paulo nos coríntios (7:4-16). O que se segue nos caps. 8, 9, é uma oportunidade para os coríntios demonstrarem confiança em termos práticos”¹⁶⁰.

Em suma, Paulo se alegra por causa do arrependimento e da obediência dos coríntios às suas palavras (cf. 2Co 7,12-16). A convocação de Paulo para que os coríntios completassem a coleta aos irmãos de Jerusalém (cf. 2Co 8 e 9) está conectada com a chegada de Tito, a fim de recolher toda a ajuda dos coríntios. “Possivelmente isso fazia parte da obediência, que os coríntios respondessem de maneira positiva à sua instrução

¹⁵⁸Ibid, p. 376.

¹⁵⁹Ibid, p. 366.

¹⁶⁰MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 245.

quanto à coleta. Tito ficou tão impressionado com a ação dos coríntios que ele mesmo iniciou uma visita subsequente (8:17)”¹⁶¹.

Por tanto, no capítulo 8, Paulo mostra um exemplo de generosidade por parte das igrejas da Macedônia que mostraram um enorme desejo de ajudar os irmãos pobres de Jerusalém (cf. 2Co 8,1-4). No entanto, a ajuda consistiu em primeiro lugar no entregar-se a Deus e depois no entregar-se aos homens (cf. 2Co 8,5). Portanto, Paulo lembra que os coríntios começaram a reunir as doações para os irmãos de Jerusalém, mas precisavam completar o que começaram. Esta atitude está de acordo com a vontade de Deus (cf. 2Co 8,5) e ela também reflete o dom indescritível de Deus (cf. 2Co 9,15). Todavia, a doação deve ser voluntária, com alegria e não por obrigação (cf. 2Co 8,3; 9,7). Por fim, Tito junto com outros irmãos (cf. 2Co 8,16-24; 9,3-5) são enviados para Corinto, a fim de receberem estas doações.

2. Coesão Formal

A virada pragmática ocorre através dos escritos de Austin, Searle e Grice. Aquilo que está registrado em um texto não é somente uma declaração, mas é uma declaração que traz explícito uma ação. Nasce, então, a teoria dos atos de fala. Segundo esta teoria, dizer algo é mais que declarar algo, ou seja, “dizer algo é fazer algo”. Em outras palavras, quando um emissor diz algo para o seu interlocutor, ele realiza uma ação por meio das suas palavras. Por isso, quando um chefe ordena que se faça algo, ele está a realizar um ato exercitativo que tem como objetivo decidir que alguma coisa tem de ser de tal modo. Isto é uma evidência que a declaração do chefe não é apenas um dizer, mas um fazer por meio do dizer.

No entanto, no mundo acadêmico Bíblico, os adeptos do método histórico-crítico priorizaram a análise histórica dos escritos bíblicos, de modo que houve a tentativa de alcançar a forma primeira do texto e, conseqüentemente, a historicidade do texto. Todavia, não se levou em consideração o mundo do próprio texto. Então, surge outras metodologias de análise textual como a narratologia e a pragmática. A partir destas metodologias, o texto bíblico é interpretado no seu próprio contexto literário, de modo que o mais importante é compreender a construção do texto final. Assim sendo, o texto é visto

¹⁶¹Ibid, p. 244.

como uma estrutura narrativa e comunicativa coesa que foi arranjado intencionalmente para um determinado objetivo.

A pragmática, então, é utilizada pelos biblistas como uma metodologia exegética, a fim de interpretar o texto bíblico no seu contexto comunicativo. A palavra-chave para estes eruditos é a comunicação. A comunicação pode ser efetuada de diversas maneiras e, uma delas, é a pragmática. Ao se comunicar, o autor bíblico, realiza atos de fala ou ações por meio da fala. Sendo assim, a pragmalinguística propõe analisar o texto bíblico através das ferramentas teórica da pragmática que conseguem extrair do texto as intenções comunicativas do emissor em relação com o interlocutor.

A metodologia trabalha com três pilares, a saber, a coesão formal ou linguística, a coerência semântica e a dimensão ou focalização pragmática. A primeira é a análise do cotexto literário da perícopes, juntamente, com a análise morfológica, sintática e retórica elaborada pelo autor em um contexto específico de comunicação. Em outras palavras, como o autor constrói formalmente sua intenção comunicativa no texto. Já, a segunda é a análise do contexto semântico dos elementos textuais da perícopes, buscando o significado de cada um deles no contexto social, cultural e econômico da época em que foi escrito o texto. Por fim, a terceira é a análise da função e do objetivo do enunciado.

É importante destacar que os três pilares que Grilli propõe, a saber, a coesão formal, a coerência semântica e a dimensão pragmática, segundo o autor, “não devem ser consideradas como três âmbitos separados em esplêndido isolamento, mas três perspectivas em relação dialógica, dentro de um único processo comunicativo”¹⁶².

Diante do exposto, é de suma importância entender os mecanismos da exegese pragmática, a fim de conseguir extrair do texto bíblico as estratégias comunicativas que o autor elaborou para atingir seu objetivo.

A seguir será apresentado a estrutura formal sintática de (2Co 8,8-25):

8,8 a Οὐ κατ’ ἐπιταγὴν λέγω (oração principal)	8,8 a Não falo conforme uma ordem,
b ἀλλὰ διὰ τῆς ἐτέρων σπουδῆς (oração coordenada adversativa)	b mas pelo zelo de outros

¹⁶²GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 183.

c καὶ τὸ τῆς ὑμετέρας ἀγάπης γνήσιον δοκιμάζων· (oração reduzida de participio)	c e provando a autenticidade do vosso amor.
8,9 a γινώσκετε γὰρ τὴν χάριν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, (oração principal)	8,9 a Pois, conheceis a graça do nosso Senhor Jesus Cristo,
b ὅτι δι' ὑμᾶς ἐπτώχευσεν πλούσιος ὢν, (oração relativa)	b que por causa de vós, sendo rico se tornou extremamente pobre,
c καὶ τὸ τῆς ὑμετέρας ἀγάπης γνήσιον δοκιμάζων· (oração reduzida de participio)	c a fim de que vós vos tornásseis ricos pela pobreza dele.
8,10 a καὶ γνώμην ἐν τούτῳ δίδωμι· (oração principal)	8,10 a E nisto dou minha opinião;
b τοῦτο γὰρ ὑμῖν συμφέρει, (oração completiva)	b pois isto convém a vós
c οἵτινες οὐ μόνον τὸ ποιῆσαι (oração relativa)	c que começastes desde o ano passado não somente o fazer,
d ἀλλὰ καὶ τὸ θέλειν προενηύξασθε ἀπὸ πέρυσι· (oração coordenada adversativa)	d mas também o querer;
8,11 a νυνὶ δὲ καὶ τὸ ποιῆσαι ἐπιτελέσατε, (oração principal)	8,11 a E também agora, completai o fazer,
b ὅπως καθάπερ ἡ προθυμία τοῦ θέλειν, (oração adverbial final)	b a fim de que, assim como a prontidão do desejar,
c οὕτως καὶ τὸ ἐπιτελέσαι ἐκ τοῦ ἔχειν. (oração adverbial comparativa)	c assim também completar a partir do que vós possuís.
8,12 a εἰ γὰρ ἡ προθυμία πρόκειται, (oração principal)	8,12 a Pois, se a prontidão está presente,

<p>b καθὸ ἐὰν ἔχη εὐπρόσδεκτος, (oração condicional eventual prótase)</p> <p>οὐ καθὸ οὐκ ἔχει. (oração condicional eventual apódose)</p>	<p>b conforme o que se tiver é aceitável, não conforme o que não tem.</p>
<p>8,13 a οὐ γὰρ (oração principal)</p>	<p>8,13 a Pois, não (digo estas coisas),</p>
<p>b ἵνα ἄλλοις ἄνεσις, ὑμῖν θλίψις, (oração adverbial final)</p>	<p>b a fim de que para outros haja alívio, (e) para vós tribulação,</p>
<p>c ἀλλ' ἐξ ἰσότητος· (oração coordenada adversativa)</p>	<p>c mas para igualdade.</p>
<p>8,14 a ἐν τῷ νῦν καιρῷ τὸ ὑμῶν περίσσευμα εἰς τὸ ἐκείνων ὑστέρημα, (oração principal)</p>	<p>8,14 a No tempo presente, a vossa abundância (seja) para a necessidade deles,</p>
<p>b ἵνα καὶ τὸ ἐκείνων περίσσευμα γένηται εἰς τὸ ὑμῶν ὑστέρημα, (oração adverbial final)</p>	<p>b a fim de que também a abundância deles seja para a vossa necessidade,</p>
<p>c ὅπως γένηται ἰσότης, (oração adverbial final)</p>	<p>c a fim de que haja igualdade,</p>
<p>8,15 a καθὼς γέγραπται· ὁ τὸ πολὺ οὐκ ἐπλεόνασεν, (oração principal)</p>	<p>8,15 a Como está escrito: O que muito (colheu) não teve mais do que o necessário,</p>
<p>b καὶ ὁ τὸ ὀλίγον οὐκ ἠλαττόνησεν. (oração coordenada aditiva)</p>	<p>b e o que pouco (colheu) não teve de menos.</p>

A segmentação segue o princípio de divisão das orações em grego, a fim de mostrar que cada oração tem uma função no discurso argumentativo do autor. A função pode ser principal, subordinada ou coordenada. A ideia principal rege as ideias que a complementam, já as ideias subordinadas complementam a ideia principal. Desse modo, a subdivisão do texto argumentativo em unidades menores, tais como as orações, permite observar como o texto foi construído e qual o seu objetivo.

No texto de (2Co 8,8-15), aparece a fala do locutor (Paulo) em direção aos seus interlocutores (a igreja em Corinto). O objetivo principal é fazer com que os destinatários ajudem aos seus irmãos mais pobres em Jerusalém. Todavia, Paulo utiliza uma estratégia comunicativa, a fim de persuadir a comunidade de Corinto.

No v. 8, Paulo afirma que sua fala não é uma ordem, no entanto, no versículo 11, ele emite uma ordem ao utilizar o verbo “completai” que está no imperativo. A estratégia dele é mostrar que se os coríntios começaram a contribuir, eles devem terminar o que começaram. Mas, ele não começa dizendo isso no v.8. Pelo contrário, ele apela para consciência dos coríntios, de modo que eles devem ajudar os seus irmãos por causa do seu amor genuíno por eles e para garantir-lhes dignidade. Isto é evidente por causa do uso do verbo “provar” no particípio presente. Este provar a autenticidade do vosso amor deve ser feito continuamente.

No v. 9, Paulo continua o argumento anterior, por meio da partícula anafórica explicativa **γάρ**. Ele relata que Jesus é o maior exemplo de amor e cuidado ao próximo, uma vez que ele sendo rico (Deus), se tornou pobre (se tornou humano), a fim de que os seres humanos pecadores se tornassem ricos (alcançassem por meio dele sua salvação). A partir deste exemplo, Paulo legitima sua fala anterior e posterior.

Os v.10-15 fazem parte do conselho de Paulo aos coríntios baseado no seu argumento anterior. No v. 10, aparece a conjunção **καί** que indica a ênfase na fala de Paulo, ou seja, “também, de fato, dou minha opinião”. Então, segue-se a opinião dele. É adequado, correto que vocês efetuem a contribuição financeira no presente, uma vez que vocês já haviam desejado e começado a ajudar no ano passado.

O v. 11 começa com as partículas **δὲ καὶ** que marcam novamente a ênfase e a continuação do discurso paulino. Neste momento do discurso, Paulo efetua uma ordem explícita ao utilizar o verbo **ἐπιτελέσατε** que é um verbo imperativo aoristo ativo na segunda pessoa do plural do verbo **ἐπιτελέω** (completar, terminar). Mas, completar o que? O objeto do verbo aparece na forma infinitiva **τὸ ποιῆσαι** (fazer). Os coríntios

devem finalizar o que desejaram e começaram no ano passado, ou seja, devem completar sua contribuição. Mas, devem fazer isso de acordo com o que possuem.

No v. 12, aparece a partícula anafórica explicativa **γάρ**. Neste momento será explicado o que foi dito na oração anterior. A explicação é que a contribuição deve ser motivada pelo desejo de ajudar e deve ser efetuada segundo a posse de cada um. Por isso, Paulo utiliza duas orações condicionais eventuais para dizer que se há desejo de contribuir que seja dessa maneira: “A doação é aceita se você tem a condição de doar, mas ela não é aceita se você não tem a condição de doar”.

No v. 13, Paulo continua a explicação do seu argumento anterior. Por isso, aparece novamente a partícula anafórica explicativa **γάρ**. O objetivo dele é mostrar que deve haver uma ajuda mútua entre os irmãos para que não falte nada para ninguém e conseqüentemente para que haja **ισότητος** de **ισότης** (igualdade).

No v. 14, Paulo amplia seu argumento anterior quando diz que no momento presente é os coríntios que têm a capacidade de ajudar os irmãos de Jerusalém, mas amanhã, pode ser os irmãos de Jerusalém que terão a capacidade de ajudar os coríntios. Quando um ajuda o outro, todos são satisfeitos e ocorre a igualdade.

Por fim, no v. 15, Paulo termina seu argumento com um exemplo da Septuaginta de Êxodo 16,18. Por isso, ele utiliza a fórmula **γέγραπται** (está escrito), ou seja, como está no perfeito passivo, a ideia é que “foi escrito e permanece escrito”. É comum em suas cartas, Paulo utilizar o Antigo Testamento (Septuaginta) para fundamentar o seu discurso. Então, baseado em Êxodo 16,18, Paulo mostra a importância da contribuição dos bens materiais entre os cristãos, a fim de que haja igualdade entre todos.

3. Coerência Semântica

O objetivo desta etapa é “pesquisar o significado, ou seja, o conteúdo semântico (do verbo *semainō* = significar) de unidades textuais individuais e do texto como um todo”¹⁶³. De acordo com Obara, “passando agora a tratar da coerência, a análise

¹⁶³GRILLI, Massimo. *II Seminário de Bíblia e Pragmática Linguística*, ministrado pelo Prof. Massimo Grilli, Pontifícia Universidade Gregoriana/Roma. Atividade promovida pelo Grupo de Pesquisa Bíblia: Interpretação e Práxis – PUC Minas em parceria com o Grupo de Pesquisa Lepralise – PUC-SP, no dia 17 de dezembro de 2020.

concentrar-se-á no desenvolvimento do discurso do ponto de vista da articulação e do desenvolvimento do pensamento”¹⁶⁴.

Como já visto anteriormente, o capítulo 8 pode ser dividido em quatro blocos maiores que mostram o argumento de Paulo, a fim de persuadir os coríntios a concluírem sua contribuição para os irmãos mais pobres de Jerusalém. Os quatro blocos são estes:

- 1) vv. 1-5: A contribuição das igrejas da Macedônia;
- 2) vv. 6-7: O pedido de contribuição à igreja de Corinto;
- 3) vv. 8-15: A contribuição por amor;
- 4) vv. 16-24: A retirada da contribuição.

O discurso paulino começa com o exemplo do cuidado das igrejas da Macedônia para com a igreja de Jerusalém, de modo que este ato de amor é o modelo a ser seguido pelas demais igrejas, inclusive a igreja de Corinto (cf. vv. 1-5). Em seguida, Paulo pede aos coríntios que manifestem a vontade de contribuir, pois esta prática é uma atitude de entrega a Deus e depois de entrega aos homens (cf. vv. 5-7). Consequentemente, o motivo para ajudar ao próximo deve ser o amor (cf. vv. 8-15). Por fim, é estabelecido a busca da ajuda dos irmãos de Corinto para os irmãos de Jerusalém (cf. vv. 16-24).

No terceiro bloco, Paulo estabelece uma ordem no seu discurso, a fim de mostrar aos coríntios a importância da contribuição deles perante Deus e perante os homens. No entanto, Paulo busca persuadí-los por meio de um argumento que os faça visualizar o motivo, o modo e a consequência da contribuição financeira ao próximo.

O discurso de Paulo pode ser estruturado desta forma:

- 1) vv. 8-10: O motivo da contribuição
- 2) vv. 11-12: O modo da contribuição
- 3) vv. 13-15: A consequência da contribuição

1) O motivo da contribuição

Segundo Andemicael, a “perícopé (2 Cor. 8:8-15) que tem pouca semelhança com as mensagens de arrecadação de fundos de hoje. Nela, Paulo apresenta três enigmas

¹⁶⁴GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 141.

hermenêuticos que, juntos, estabelecem a estrutura teológica de seu apelo financeiro”¹⁶⁵.

O autor descreve os três enigmas desta forma¹⁶⁶:

O primeiro enigma diz respeito à ligação de Paulo da *charis* (graça, presente) de nosso Senhor Jesus Cristo à *charis* que é a coleta de fundos para o socorro dos cristãos em Jerusalém. Por que Paulo faz esse vínculo e, em seguida, aparentemente o enfraquece, afirmando que ele não quer empobrecer os coríntios por causa dos habitantes de Jerusalém?

No segundo enigma, Paulo clama por *isotes* (igualdade) entre a atual abundância dos coríntios e a necessidade dos habitantes de Jerusalém. No entanto, ele ilustra seu ponto com uma citação da narrativa do Êxodo sobre a distribuição do maná - uma passagem que, embora descreva um estado de suficiência universal, parece manter, em vez de nivelar, as disparidades de riqueza.

Em terceiro lugar, o uso de Paulo do texto do Êxodo apresenta uma “dificuldade lógica aparente” em que “a história do Êxodo não ordena nem narra qualquer compartilhamento de bens entre as pessoas: a igualdade é imposta por meio da dispensação miraculosa de Deus”¹⁶⁷.

O primeiro enigma está dentro do discurso a respeito do motivo da contribuição por parte dos coríntios. Já o segundo e o terceiro enigma fazem parte do discurso da consequência da contribuição. Estes enigmas podem ser esclarecidos à luz da intenção comunicativa de Paulo a qual tem como objetivo principal mostrar que a ajuda ao próximo está de acordo com a prática graciosa de Jesus.

No v. 8, segundo Plummer, “**Κατ’ ἐπιταγήν**”¹⁶⁸ é uma frase paulina e é usada em dois sentidos diferentes. Com um negativo, como aqui e 1Cor. 7:6, significa “não por meio de comando”; não há nada de ditatorial no que ele diz; ele não está dando ordens ou estabelecendo regras”¹⁶⁹. Paulo deixa claro que o objetivo do seu discurso não é emitir um mandamento para os coríntios, a fim de que eles devam seguir sem compreender o motivo dele. Por isso, Paulo diz que “não fala conforme uma ordem, mas ele fala pelo zelo de outros e provando a autenticidade do vosso amor”. A expressão **ἀλλὰ διὰ τῆς ἐτέρων σπουδῆς** (mas pelo zelo de outros) pode ser interpretada de duas maneiras. A primeira maneira é esta: “Isso é geralmente (e certamente correto) visto como uma referência aos macedônios. Seu zelo, Paulo espera, servirá de estímulo aos coríntios, para

¹⁶⁵ANDEMICAEL, Awet I. “Grace, Equity, Participation: The Economy of God in 2 Corinthians 8:8-15”. *Anglican Theological Review*, Vol. 98, Issue 4, 2016, p. 622.

¹⁶⁶Ibid, p. 622.

¹⁶⁷Citado por: Richard B. Hays, *Echoes of Scripture in the Letters of Paul* (New Haven, Conn: Yale University Press, 1989), 88. Hays está aqui se referindo a Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of Paul to the Corinthians* (Edimburgo: T&T Clark, 1915). In: Ibid, p. 622.

¹⁶⁸Opta-se por colocar em negrito todas as palavras que estão em grego.

¹⁶⁹PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915, p. 239.

que dêem uma prova prática de seu próprio amor”¹⁷⁰. A segunda maneira é esta: “Uma possibilidade alternativa é, no entanto, às vezes sugerida, isto é, que o zelo é o dos coríntios, e os “outros” (ἑτῶν) são os cristãos de Jerusalém. Paulo estaria testando o amor dos coríntios observando seu zelo pelo bem-estar dos cristãos de Jerusalém”¹⁷¹. O genitivo ἑτέρων não pode ser subjetivo, mas de fato deve ser objetivo porque “os ‘outros’ são aqueles a quem o zelo é dirigido”¹⁷². No contexto próximo aparece a citação da atitude de ajuda das igrejas da Macedônia para os irmãos em Jerusalém (cf. 2Co 8,1-5). Eles são um modelo de igreja que os coríntios devem seguir. Por isso, a expressão (pelo zelo de outros) de ser entendida como referência a dedicação das igrejas da Macedônia. Paulo, então, diz que ele não está comunicando uma ordem, mas ele está testando a autenticidade do amor dos coríntios em comparação com a dedicação dos macedônios, ou seja, se os coríntios realmente amam ao próximo, eles devem concluir a coleta assim como os macedônios efetuaram. Neste versículo aparece um dos motivos da contribuição, a saber, ἀγάπη (o amor). Paulo afirma que:

3 κἂν ψωμίσω πάντα τὰ ὑπάρχοντά μου καὶ ἐὰν παραδῶ τὸ σῶμά μου ἵνα καυχῆσμαι, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, οὐδὲν ὠφελοῦμαι. (1Co 13,3)¹⁷³.

3 E toda vez que eu distribua todas as minhas posses e toda vez que eu entregue o meu corpo para que eu me vanglorie, mas não tenha amor, nada eu estou tirando proveito¹⁷⁴.

O vocábulo ἀγάπη neste contexto significa “a qualidade de consideração calorosa e interesse pelo outro, estima, afeto, consideração, amor (sem limitação para relacionamentos muito íntimos, e muito raramente em grego geral de atração sexual)”¹⁷⁵. Portanto, o objetivo da ajuda ao próximo é mudar a condição de vida dele. Só quem busca alcançar este objetivo verdadeiramente tem consideração pelo outro. Assim sendo, se os coríntios amam os seus irmãos de Jerusalém, eles devem demonstrar este amor, por meio da sua contribuição e se a motivação em ajudar é o amor e não o orgulho, a vaidade ou a obrigação, eles contribuirão, a fim de que haja mudança na condição de vida dos irmãos de Jerusalém.

¹⁷⁰THRALL, Margaret E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of the Corinthians*. Vol 1 e 2. London; New York: T&T Clark International, 2004, p. 531.

¹⁷¹Ibid, p. 532.

¹⁷²Ibid, p. 532.

¹⁷³Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28ª Edição (Bible Works 10).

¹⁷⁴(Tradução Nossa).

¹⁷⁵BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 6.

Outro motivo para contribuição está registrado no v. 9. Paulo mostra aos coríntios o que eles já conhecem a respeito do maior exemplo de doação, a saber, Jesus. Por isso, ele utiliza o verbo **γινώσκετε** indicativo present ativo 2ª pessoa plural de **γινώσκω**. Concorda-se, então, quando Betz afirma que “o verbo inicial que Paulo empregou, “você conhece” (**γινώσκετε**), indica que a doutrina já era conhecida dos leitores”¹⁷⁶. Além disso, Kistemaker acrescenta que “eles tiveram experiência pessoal e já tinham vindo a conhecer a graça que Jesus concede. Realmente, podiam falar de experiência própria e testificar desse conhecimento. Pertenciam a Jesus Cristo e recebiam dele indizíveis bênçãos espirituais e materiais”¹⁷⁷. O conhecimento não foi somente racional, mas também experiencial. Assim sendo, os coríntios aprenderam sobre Jesus através da experiência com ele. O objeto do conhecimento é **τὴν χάριν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ** (a graça do nosso Senhor Jesus Cristo). De acordo com Martin esta expressão é “um título litúrgico completo, sugerindo o uso de uma frase de credo”¹⁷⁸. Na mesma linha de raciocínio Kistemaker diz que esta expressão é “uma fórmula litúrgica que conclui muitas das epístolas de Paulo (Romanos 16.20, 24; 1 Coríntios 16.23; 2 Coríntios 13.14; Gálatas 6.18; Filipenses 4.23; 1 Tessalonicenses 5.28; 2 Tessalonicenses 3.18; Filemom 25)”¹⁷⁹. Mas, qual é esta graça? Segundo Harris,

ἡ χάρις aqui é a qualidade pessoal de benevolência exibida na ação graciosa de “tornar-se pobre”. Visto que **χάρις** aqui é tanto um atributo quanto um ato, “benevolência-em-ação”, o genitivo que segue τοῦ κυρίου... Ἰησοῦ Χριστοῦ deve ser considerado como subjetivo ao invés de meramente possessivo¹⁸⁰.

Para Kistemaker, “graça abrange a mensagem da morte e ressurreição de Jesus, a obra expiatória de Cristo, a paz com Deus, a remissão do pecado e a presença do Senhor habitando em nós (Mt 28.20)”¹⁸¹. Compreende-se que **ἡ χάρις** (a graça) neste versículo faz referência ao hino cristológico de (Filipenses 2,6-11), segundo o qual mostra a atitude de Jesus (sendo rico-Deus) em assumir a forma humana (se tornar pobre), a fim de ser o

¹⁷⁶BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 61.

¹⁷⁷KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 392.

¹⁷⁸MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 263.

¹⁷⁹KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 392.

¹⁸⁰HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 578.

¹⁸¹KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 392.

substituto da humanidade caída para aplacar a ira divina sobre ela (a humanidade se tornar rica). Assim sendo, Jesus nasceu como Deus-Homem (sem a maldição do pecado), ou seja, de uma união entre uma semente divina e um útero humano para sofrer o castigo de morte que trouxe reconciliação entre aqueles que creem nele e Deus. Isso mostra que Jesus teve uma atitude benevolente em se doar para que os seres humanos tivessem comunhão com Deus. Da mesma forma, os coríntios devem seguir o exemplo de Jesus e contribuir para os irmãos mais pobres de Jerusalém, a fim de que a condição de vida deles seja mudada. Portanto, Jesus é o maior exemplo que os coríntios devem imitar.

No v. 10, o apóstolo Paulo inicia seu discurso enfático **καί** (e, também, de fato) sobre a continuidade e a motivação da contribuição. Ele faz questão de dizer que sua fala não é uma ordem, mas é uma **γνώμη** (“um ponto de vista ou forma de pensar sobre um assunto, opinião, julgamento”¹⁸²). Segundo Thrall “o positivo **γνώμην δίδωμι** complementa o negativo **οὐ κατ’ ἐπιταγὴν λέγω** do v. 8. É um conselho que Paulo está dando, não qualquer tipo de ordem”¹⁸³. Se Paulo não fala conforme uma ordem (cf. v. 8), então, é porque ele emite um ponto de vista (cf. v. 10). Ele explicará sua forma de pensar na sequência, por isso, ele utiliza a partícula anafórica explicativa **γάρ**. O **τοῦτο** (isto) pronome demonstrativo nominativo neutro singular “pode referir-se, em geral, à participação na coleta (Windisch 254; Barrett 216), mas é mais provável que resuma o que vem imediatamente antes, ou seja, “eu te dou meu conselho” (Lietzmann 134; Héring 60)”¹⁸⁴. Todavia, Kistemaker diz que “a questão é saber se é a opinião de Paulo ou a participação dos coríntios na coleta que é benéfica. A segunda opção é preferida: Quando as pessoas de Corinto tomarem parte na arrecadação, elas receberão uma rica bênção”¹⁸⁵. O pronome demonstrativo **οὗτος** (isto) é utilizado duas vezes no versículo 10. Os dois pronomes se referem a tudo o que foi dito anteriormente, pois os dois estão no gênero neutro. Em primeiro lugar, Paulo afirma que “eu dou minha opinião nisto”, ou seja, “eu penso desta forma sobre isto (aquilo que é o tema do capítulo 8), a saber, a coleta para os irmãos de Jerusalém. Na continuação do versículo 10, Paulo explica o que ele pensa sobre a contribuição. Então, ele começa seu argumento afirmando que “isto” (a coleta) é

¹⁸²BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 202.

¹⁸³THRALL, Margaret E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of the Corinthians*. Vol 1 e 2. London; New York: T&T Clark International, 2004, p. 535.

¹⁸⁴HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 581.

¹⁸⁵KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 397.

vantajosa para vós, ou seja, é vantajoso para vocês contribuírem para a igreja de Jesusalém. Esta vantagem será exposta nos versículos 13-15. Para contribuir deve-se ter em primeiro lugar o amor pelos irmãos (cf. v. 8), depois, despertar o desejo de contribuir sem a imposição de alguém. E isto aconteceu na igreja de Corinto. Paulo diz que os coríntios “no ano passado” mostraram o desejo **τὸ θέλειν** do verbo **θέλω** que significa (ter algo em mente para si mesmo, de propósito, resolução, vontade, desejo, querer, estar pronto¹⁸⁶) de contribuir e, conseqüentemente, começaram a ajuntar as doações. De acordo com Thrall, “a intenção dos coríntios de contribuir é anterior a 1 Coríntios (ver 1 Coríntios 16:1-4), enquanto eles começaram a colocá-la em prática apenas durante a visita de Tito, à qual Paulo se refere no cap. 7 e também em 8:6”¹⁸⁷. Se Paulo escreveu a primeira carta aos coríntios, provavelmente, no segundo semestre de (55 d.C.) e a segunda carta aos coríntios, provavelmente, em (56 d.C.), pode-se considerar que a informação sobre o começo da reunião da coleta (no ano passado – cf. 1Co 16,1-4) seja coerente, pois há um intervalo entre a composição das duas cartas de aproximadamente um ano. Entretanto, a informação mais importante diz respeito a motivação da contribuição. Ela deve ser motivada pelo amor, pelo exemplo de Jesus e pelo próprio desejo. Desta forma, ninguém deve persuadir o outro a contribuir, uma vez que a contribuição deve ser efetuada pela livre escolha.

2) O modo da contribuição

O discurso paulino sobre o modo da contribuição continua no versículo 11. Ele faz parte da opinião de Paulo que começou no versículo 10. Neste momento do discurso, Paulo profere uma ordem **ἐπιτελέσατε** (completai), verbo imperativo aoristo ativo 2ª pessoa plural de **ἐπιτελέω**. O verbo utilizado é composto da preposição **ἐπί** mais o verbo **τελέω** que neste contexto tem o significado de “terminar algo iniciado”¹⁸⁸. O objeto do verbo é o verbo infinitivo **τὸ ποιῆσαι** (fazer) que se refere ao início da coleta reunida pelos coríntios no ano passado. Deste modo, o locutor-sujeito (Paulo) emite uma ordem

¹⁸⁶BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 448.

¹⁸⁷THRALL, Margaret E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of the Corinthians*. Vol 1 e 2. London; New York: T&T Clark International, 2004, p. 536.

¹⁸⁸BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 383.

para seus interlocutores-destinatários (terminem aquilo que vocês começaram no ano passado). De acordo com Harris,

Esta ausência de múltiplos imperativos (cf. 8:8a, “Isto não é uma ordem,” NEB, REB) não é nenhuma indicação de que Paulo havia perdido muito de sua autoridade em Corinto devido especialmente à influência dos intrusos, mas é um testemunho de seu tato pastoral; o recurso a comandos está fora de lugar quando se trata de doações voluntárias¹⁸⁹.

Como já mencionado anteriormente, a motivação da contribuição não deve ser pela imposição de alguém, mas deve ser pelo amor e pelo próprio desejo. Por isso, Paulo não impõe que os coríntios devem contribuir, uma vez que a contribuição é voluntária (cf. v. 8). No entanto, Paulo pronuncia uma ordem no v. 10. Mas, a ordem é para que os coríntios “terminem aquilo que eles começaram a fazer no ano passado” e não para que eles comecem a contribuir. Isto fica claro na continuação da frase do versículo 10. Na oração principal, Paulo diz que os coríntios devem terminar o que começaram, na sequência, ele utiliza uma oração adverbial final para mostrar a finalidade de terminar o que começaram. Assim sendo, se eles desejaram e começaram a contribuir no ano passado, agora (no presente momento da fala de Paulo), eles devem terminar sua contribuição. Em outras palavras, se alguém começa uma ação voluntária para ajudar outras pessoas, este alguém deve terminar o que começou. Outro indício de que a ordem de Paulo não é para que os coríntios comecem a contribuir é o uso do substantivo **προθυμία** que significa o “interesse excepcional em servir, boa vontade, prontidão”¹⁹⁰. Ao utilizar esta palavra dentro de uma estrutura oracional comparativa, Paulo mostra que se há o interesse em contribuir, também deve haver o interesse em terminar o que começou. Em seguida, Paulo expõe o modo da contribuição que os coríntios devem seguir. De acordo com Betz, “a frase **ἐκ τοῦ ἔχειν** nos apresenta problemas porque não ocorre em nenhum outro lugar, e o significado é ambíguo. Significa “fora do que você tem” ou “na proporção do que você possui?”¹⁹¹. Na mesma linha de pensamento, Plummer diz que a expressão **ἐκ τοῦ ἔχειν** é “ambígua; pode significar ‘fora daquilo que vocês têm’(AV); que tem pouco sentido: se eles dão, deve ser com o que eles possuem.

¹⁸⁹HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 583.

¹⁹⁰BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 870.

¹⁹¹BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 65.

O próximo versículo mostra que isso significa “em proporção ao que você possui”¹⁹². Em conformidade com o que foi dito anteriormente, Harris afirma que “por meio do adendo **ἐκ τοῦ ἔχειν** (literalmente, “fora do ter”), ele assegura aos coríntios que não espera que eles dêem “além de suas possibilidades” (**παρὰ δύναμιν**, 8:3) como os macedônios fizeram”¹⁹³. Portanto, levando em consideração o versículo 12, a expressão **ἐκ τοῦ ἔχειν** significa (de acordo com ou conforme o que vocês possuem). Paulo, então, esclarece que o modo da contribuição deve ser conforme o que os coríntios possuem e não além disso.

No v. 12, Paulo esclarece o seu argumento anterior a respeito do modo da contribuição. Por isso, ele utiliza no começo do seu discurso a partícula anafórica explicativa **γάρ**. Ele estrutura seu argumento através de três orações condicionais, a saber, “pois, se a prontidão está presente, (oração principal) que rege as outras duas orações; conforme o que se tiver é aceitável (oração subordinada prótase), não conforme o que não tem (oração principal apódose). “Todas as condicionais são compostas de uma prótase (a oração subordinada, que terá o **εἰ** se houver algum) e de uma apódose (a oração principal)”¹⁹⁴. Desta forma, um período condicional é composto de duas orações, a prótase que é “a oração condicional, ou subordinada, expressando um caso suposto ou assumido (se)”¹⁹⁵ e a apódose que é “a conclusão, ou oração principal, expressando o que se segue se a condição for realizada”¹⁹⁶. Além disso, “a verdade ou o cumprimento da conclusão/oração principal dependem da verdade ou do cumprimento da cláusula condicional”¹⁹⁷. No v. 12, Paulo começa novamente com o substantivo **προθυμία** (interesse em servir, ajudar). Ele estrutura seu argumento da seguinte forma: ele emite uma suposição geral: se há o interesse em ajudar, o modo como deve ser feita esta ajuda é de acordo com o que você possui e não de acordo com o que você não possui. A verdade ou o cumprimento da prótase (de acordo com o que você possui) depende da verdade ou o cumprimento da apódose (não de acordo com o que você não possui). Em outras palavras, a ajuda só é aceitável se não for além das suas condições e, conseqüentemente, se for conforme o que você possui. Mas, a suposição geral depende da oração principal

¹⁹²PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915, p. 243.

¹⁹³HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 584.

¹⁹⁴DICKEY, Eleanor. *An Introduction to the Composition and Analysis of Greek Prose*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 73.

¹⁹⁵SMYTH, Herbert Weir. *Greek Grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1956, p. 512.

¹⁹⁶Ibid, p. 512.

¹⁹⁷Ibid, p. 512.

regente para estar completo. Então, a verdade ou o cumprimento da prótase (se há o interesse em ajudar) depende da verdade ou o cumprimento das apódoses (é aceitável de acordo com o que se tiver e não de acordo com o que você não tem). Em outros termos, se você tem como ajudar, então, você pode desejar e praticar a ajuda. Se você não tem como ajudar, então, você pode ter o desejo de ajudar, mas não pode praticar a ajuda. Desta forma, se você não pode ajudar e tenta ajudar além das suas possibilidades, a sua ajuda não é aceita pelos destinatários. Por isso, Betz diz que “embora a disposição seja básica para o ato de dar uma oferta, ainda mais importante é a questão da aceitabilidade da oferta (εὐπρόσδεκτος) para o destinatário”. O desejo de ajudar é uma das motivações que os coríntios devem ter para contribuir aos irmãos mais pobre de Jerusalém, todavia, o modo da contribuição deve ser conforme a possibilidade de cada um. Se este princípio estabelecido por Paulo não for seguido, a consequência para quem efetua a doação é desastrosa, pois ele ou ela ficará na mesma condição ou pior do que a condição daquele que precisa de ajuda. Portanto, será visto a seguir a consequência correta de uma doação feita de modo adequado.

3) A consequência da contribuição

A opinião de Paulo continua reverberando nos versículos subsequentes. Nos versículos 13, 14 e 15, ele mostrará a consequência da contribuição tanto na vida de quem doa quanto na vida de quem recebe a doação. No v. 13, ele dá continuidade na sua opinião que começou a ser emitida no v. 10. Mas, agora, ele afirma que não disse todas as coisas anteriores, como o motivo e o modo da contribuição, para que haja desigualdade entre os doadores e os beneficiários. Ele deixa claro que não pode haver ἄνεσις “alívio de algo oneroso ou problemático, descanso, relaxamento”¹⁹⁸ para os irmãos de Jerusalém que receberão as ofertas em virtude da θλίψις “problemas que infligem angústia, opressão, aflição, tribulação”¹⁹⁹ aos coríntios. A doação tem como finalidade auxiliar quem precisa, mas não pode ser a causa que gera pobreza ao doador. Como bem diz Kistemaker, “os beneficiários das doações não devem viver no luxo à custa do doador que, privado de seus

¹⁹⁸BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 77.

¹⁹⁹Ibid, p. 457.

bens, enfrenta pobreza séria”²⁰⁰. De fato, isso gera desigualdade entre os irmãos, por isso, Kistemaker afirma que “esse tipo de doação transfere recursos do doador para o beneficiário e necessidades do beneficiário para o doador. Mas, no processo, nada fica resolvido”²⁰¹. Para evitar a desigualdade entre os irmãos, Paulo afirma em seu discurso que a consequência da contribuição é promover a **ἰσότης** “estado de coisas sendo mantido em equilíbrio adequado, igualdade”²⁰². Segundo Harris,

Quando Paulo apela para a necessidade de igualdade, ele pressupõe o compromisso dos coríntios com o conhecido princípio de igualdade e justiça (cf. Colossenses 4:1) e, em particular, sua consciência da comunhão, amizade e solidariedade em Cristo que uniu os cristãos gentios e judeus²⁰³.

Deste modo, Paulo mostra que os coríntios, por meio da coleta, promovem a justiça e a igualdade entre eles que possuem a condição de ajudar e os irmãos pobres de Jerusalém. Todavia, Plummer nos alerta que em relação a doação “deve haver reciprocidade, dar e receber mútuo, de modo que, no final, cada lado tenha prestado o mesmo tipo de serviço ao outro”²⁰⁴. Portanto, Paulo estabelece dois princípios em relação a contribuição. O primeiro é que aquele que doa não pode ficar sem condições financeiras para viver e o segundo é que aquele que recebe a doação possa também ajudar aquele que efetuou a contribuição quando ele necessitar de ajuda. Em suma, o princípio do círculo de contribuição acontece quando o doador ajuda o beneficiário e quando o beneficiário se torna doador, a fim de ajudar o doador que se tornou o beneficiário.

No v. 14, Paulo explica como o círculo de contribuição acontece entre os coríntios e os irmãos de Jerusalém. No **καιρός** “um momento ou período especialmente apropriado, o momento certo, adequado e favorável”²⁰⁵, a **περίσσευμα** “uma condição de grande abundância, fartura, plenitude”²⁰⁶ dos coríntios é um meio de suprir a **ὕστερημα** “a falta do que é necessário ou desejável, frequentemente em contraste com abundância, necessidade, desejo, deficiência”²⁰⁷ dos irmãos de Jerusalém. Deste modo, Paulo mostra

²⁰⁰KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 401.

²⁰¹Ibid, p. 401.

²⁰²BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 481.

²⁰³HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 590.

²⁰⁴PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915, p. 245.

²⁰⁵BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 497.

²⁰⁶Ibid, p. 805.

²⁰⁷Ibid, p. 1044.

que na primeira parte do círculo de contribuição, aqueles que possuem uma condição de grande abundância devem ajudar primeiro aqueles que não possuem esta mesma condição, a fim de que ocorra a segunda parte do círculo de contribuição, a saber, os beneficiários que passam a ter condições de ajudar aqueles que os ajudaram no momento de necessidade. Portanto, a finalidade do círculo de contribuição é promover um equilíbrio financeiro adequado entre os irmãos em Cristo, a fim de que ninguém tenha necessidade de alguma coisa. Segundo Harris,

Certamente Paulo não está prevendo escassez econômica em Corinto e prosperidade em Jerusalém; de fato, a pobreza crônica em Jerusalém e a prosperidade de longa data de Corinto tornavam improvável que algum dia houvesse tal reversão econômica. Mas é o princípio da partilha recíproca que Paulo está defendendo²⁰⁸.

Assim sendo, aquele que doa não pode ter como motivo a esperança de que em um momento futuro o beneficiário também o ajudará, pois Jesus disse que deve-se fazer o bem “sem esperar retorno” (cf. Lc 6,35). Todavia, Paulo mostra a importância da ajuda mútua, tendo como motivação o amor, para possibilitar a igualdade entre os irmãos.

A opinião de Paulo que começou no versículo 10 termina no v. 15. Ele fundamenta e exemplifica seu argumento anterior com um texto adaptado por ele do Antigo Testamento (cf. Êx 16,18). A modificação de Paulo pode ser vista no quadro a seguir:

SEPTUAGINTA (Êx. 16,18) ²⁰⁹	NOVO TESTAMENTO (2Co 8,15)
καὶ μετρήσαντες τῷ γομορ οὐκ ἐπλεόνασεν ὁ τὸ πολὺ καὶ ὁ τὸ ἔλαττον οὐκ ἠλαττόνησεν	ὁ τὸ πολὺ οὐκ ἐπλεόνασεν, καὶ ὁ τὸ ὀλίγον οὐκ ἠλαττόνησεν.
E quando eles mediram com o ômer, Não superabundou ao que muito (colheu) e o que pouco (colheu) não teve de menos	O que muito (colheu) não teve mais do que o necessário, e o que pouco (colheu) não teve de menos

²⁰⁸HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 592.

²⁰⁹RAHLFS, Alfred; RANHART, Robert. Septuaginta (Bible Works 10).

Segundo Harris, pode-se observar três mudanças que Paulo fez do texto da septuaginta:

Em primeiro lugar, “Paulo omite “e quando eles mediram com o ômer” porque isso não é relevante para o seu ponto central da igualdade da provisão divina, apesar das diferenças iniciais”²¹⁰.

Em segundo lugar, “ele move **ὁ τὸ πολὺ** para o início da frase para criar um paralelismo preciso entre as duas partes”²¹¹.

Em terceiro lugar, “ele substitui **ἕλαττον** (“menos”) por **ὀλίγον** para enfatizar a profunda pobreza dos pobres de Jerusalém”²¹².

Além disso, Harris afirma que

Tanto **ἐπλεόνασεν** quanto **ἠλαττόνησεν** são aoristos constativos que visualizam estados repetidos de forma resumida. Cada vez que o maná era colhido e medido, a pessoa que colheu mais do que o necessário ou permitido descobriu que não tinha nada além do limite de um ômer, enquanto a pessoa que colheu apenas uma pequena quantidade descobriu que não ficou aquém do limite²¹³.

Estas mudanças mostram a intenção paulina de comunicar sua opinião a respeito da importância da ajuda mútua para minimizar a desigualdade entre os irmãos. No texto dele, ele enfatiza os dois extremos **ὁ τὸ πολὺ** (o que muito colheu) e **ὁ τὸ ὀλίγον** (o que pouco colheu), a fim de mostrar que tanto o primeiro como o segundo devem possuir o necessário para sobreviver. Em outras palavras, Paulo argumenta que deve-se ter uma quantidade mínima para suprir a sua necessidade individual, de modo que seja garantida a sua dignidade humana, no entanto, não deve-se acumular mais do que o necessário para sobreviver. Este excedente deve ser transmitido para o irmão que necessita de auxílio.

De acordo com Harris, “a igualação da provisão de que o v. 14 falou é agora ilustrada a partir da experiência do povo de Deus no deserto”²¹⁴. Segundo Martin, “a coleta do maná nas peregrinações de Israel pelo deserto (Êxodo 16:13-36) é a história utilizada, com o detalhe registrado de que o israelita “que colheu muito não tinha muito, e quem colheu pouco não faltou nada”²¹⁵. O autor ainda explica que

Não há inferência extraída sobre a Igreja como o novo Israel sustentado pelo maná em sua jornada. Em vez disso, uma nova reviravolta é dada ao

²¹⁰HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 593.

²¹¹Ibid, p. 593.

²¹²Ibid, p. 593.

²¹³Ibid, p. 594.

²¹⁴Ibid, p. 592.

²¹⁵MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 267.

significado do AT com uma ênfase alterada das quantidades iguais reunidas para uma igualdade na oferta. Mas as duas ideias levam à mesma conclusão: provisão e necessidade devem ser combinadas²¹⁶.

Segundo o argumento paulino, a ajuda mútua, motivada pelo amor, contribui para suprir a necessidade dos irmãos e, conseqüentemente, garantir a igualdade financeira entre todos. Portanto, Paulo deixa claro que a consequência da contribuição é fazer com que ninguém tenha mais ou menos do que precisa para sobreviver, de modo que não haja nem rico e nem pobre entre os irmãos.

4. Dimensão Pragmática

Os três pilares da pragmatolinguística, a saber, a coesão formal ou linguística, a coerência semântica e a dimensão ou focalização pragmática buscam compreender o contexto comunicativo de um texto. Entende-se como contexto comunicativo a intenção ativa do texto e a sua estratégia comunicativa. A dimensão pragmática pode ser dividida em duas partes:

- Na primeira parte, “é necessário identificar o contexto comunicativo evocado pelo texto específico e pelo trabalho em geral. Não se trata do contexto literário, mas daquele horizonte contextual que emerge da comunicação leitor-texto”²¹⁷.

- Na segunda parte, “é necessário identificar a estratégia comunicativa, ou seja, as intenções comunicativas (cf. atos linguísticos e outros meios de comunicação..., através das quais o texto é comunicado), através do qual se quer mudar, corrigir, confirmar... os seus leitores”²¹⁸.

Um discurso pode utilizar uma ou algumas modalidades argumentativas. A primeira é a modalidade demonstrativa, “em que uma tese é apresentada por um locutor, num discurso monologal ou dialogal, a um auditório do qual ele quer obter a adesão pelos

²¹⁶Ibid, p. 267.

²¹⁷GRILLI, Massimo. *II Seminário de Bíblia e Pragmática Linguística*, ministrado pelo Prof. Massimo Grilli, Pontifícia Universidade Gregoriana/Roma. Atividade promovida pelo Grupo de Pesquisa Bíblia: Interpretação e Práxis – PUC Minas em parceria com o Grupo de Pesquisa Lepralise – PUC-SP, no dia 17 de dezembro de 2020.

²¹⁸Ibid.

meios da demonstração fundamentada, do raciocínio articulado apoiado em provas”²¹⁹. A segunda é a modalidade negociada, “em que os parceiros que ocupam posições diferentes, até mesmo conflitantes, esforçam-se para encontrar uma solução comum para o problema que os divide e chegar a um consenso através de compromisso”²²⁰. E a terceira é a modalidade polêmica, “que é caracterizada por um confronto violento de teses antagônicas, em que duas instâncias em total desacordo tentam superar a convicção da outra, ou de uma terceira que as ouve, atacando as teses contrárias”²²¹.

O discurso do apóstolo Paulo em (2Co) se enquadra na modalidade demonstrativa, pois ele apresenta uma tese com demonstrações fundamentadas, a fim de obter a adesão dos seus ouvintes ao que ele diz. O discurso é uma resposta aos acontecimentos que ocorreram na igreja em Corinto. Paulo mostra aos coríntios que o seu apostolado foi dado por Deus e, por isso, é legítimo. Já o “apostolado” dos superapóstolos é falso porque não tem a origem divina e tem como objetivo enganar os coríntios. Além disso, Paulo mostra, como prova do seu apostolado, o amor e o cuidado que ele tem para com os coríntios. Assim como Paulo expressa seu amor e cuidado aos coríntios, eles também devem expressar o mesmo amor e cuidado para com Paulo e seus enviados. Uma forma de expressar este amor é considerar Paulo como um líder espiritual genuíno enviado por Deus. Outra forma de mostrar um amor genuíno é ajudar financeiramente os irmãos mais necessitados de Jerusalém. Após apresentar a tese de que ele é um apóstolo genuíno e prová-la por meio das suas atitudes aos coríntios, Paulo conclui seu discurso com uma saudação e uma bênção. Em suma, o discurso argumentativo de Paulo tem começo, meio e fim, isso é evidente por causa do uso dos conectivos **γάρ** “pois, mas, etc.” e **δέ** “e” que mostram a progressão do seu argumento ao longo da carta e também por causa da sua estratégia comunicativa em utilizar uma modalidade demonstrativa no seu discurso.

Em seguida, apresentar-se-á a intenção comunicativa de Paulo em (2Co 8,8-15). Em outras palavras, será exposto como Paulo utiliza os atos linguísticos para convencer os coríntios a contribuírem aos irmãos pobres de Jerusalém. O ato linguístico possui três dimensões, a saber, a locucionária, a ilocucionária e a perlocucionária. O ato locucionário

²¹⁹AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.1, p. 131, nov. 2011.

²²⁰Ibid, p. 131.

²²¹Ibid, p. 131, 132.

ou locutório “(e dentro dele o fonético, o fático e o rético) tem um *significado*”²²². Ele “é o ato *de dizer* algo; corresponde ao proferimento de um enunciado e compreende os elementos puramente linguísticos, ou seja, aos gramaticais e lexicais”²²³. O ato ilocucionário ou ilocutório “tem uma certa *força* ao dizer algo”²²⁴. Ele “é o ato que se realiza no dizer algo; indica mais propriamente a ação que o emissor realiza em relação ao destinatário no momento do proferimento de um enunciado”²²⁵. Por exemplo: perguntar, prometer, agradecer, etc. O ato perlocucionário ou perlocutório “consiste em se obter certos *efeitos* pelo fato de se dizer algo”²²⁶. Ele “é o ato que se realiza com o dizer algo; representa os efeitos ou as consequências que a ação do emissor produziu sobre o destinatário”²²⁷. Por exemplo: persuadir (levar a fazer algo). Além disso, Searle propõe cinco categorias dos atos ilocucionários. As categorias são:

1) Assertivos: “o propósito dos membros da classe assertiva é o de comprometer o falante (em diferentes graus) com o fato de algo ser o caso, com a verdade da proposição expressa”²²⁸. Em outras palavras, “o falante aplica-se, em graus diversos, em afirmar a verdade de uma proposição, ou na realização de algo; por exemplo, quando *afirma, explica, lamenta-se, crê, conclui, nega, refere*, ele rende a adaptar as próprias palavras à situação do mundo”²²⁹.

2) Diretivos: “tentativas do falante de levar o ouvinte a fazer algo”²³⁰. Por exemplo, “quando ele *pede, desafia, ordena, insiste, suplica*, conteúdo proposicional é sempre a realização de uma ação futura da parte do destinatário”²³¹.

²²²AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. (Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 103.

²²³GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 105.

²²⁴AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. (Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 103.

²²⁵GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 105.

²²⁶AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. (Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 103.

²²⁷GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 106.

²²⁸SEARLE, John R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 19.

²²⁹GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 111.

²³⁰SEARLE, John R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 21.

²³¹GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 112.

3) Compromissivos: “atos ilocucionários cujo propósito é comprometer o falante com alguma linha futura de ação”²³². Por exemplo, “quando *garante, empenha-se, promete, jura, faz voto*, o conteúdo proposicional diz respeito a realização de uma ação futura da parte do falante”²³³.

4) Expressivos: “expressar um estado psicológico, especificado na condição de sinceridade, a respeito de um estado de coisas, especificado no conteúdo proposicional”²³⁴. Por exemplo, “quando *pede desculpas, deplora, congratula-se, agradece, dá as boas-vindas* [...] A condição indispensável para o bom êxito do ato é a sinceridade do falante. Por exemplo: “Meus parabéns pela nomeação”; “Desculpem, não me sinto bem””²³⁵.

5) Declarativos: “a realização bem-sucedida de um de seus membros produz a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade”²³⁶. Por exemplo: “Se sou bem-sucedido em realizar o ato de designá-lo presidente, então você é o presidente”²³⁷. “Trata-se do caso em que o “dizer” é plenamente um “fazer” [...] Por exemplo: “Eu vos declaro marido e mulher”; “Com este ato, você está demitido””²³⁸.

O apóstolo Paulo profere atos ilocutórios diretivo e assertivo, a fim de ocasionar um ato perlocutório. Em outras palavras, ele explica qual deve ser o motivo da contribuição, ele aconselha como deve ser o modo da contribuição e ele explica qual é a consequência da contribuição, a fim de levar os coríntios a contribuírem de forma correta aos irmãos pobres de Jerusalém.

No v. 8, o apóstolo Paulo profere um ato assertivo quando afirma que sua fala não é uma ordem. Neste momento, ele explica que o amor dos coríntios está sendo testado em

²³²SEARLE, John R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 22.

²³³GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 112.

²³⁴SEARLE, John R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 23.

²³⁵GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 113.

²³⁶SEARLE, John R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 26.

²³⁷Ibid, p. 26.

²³⁸GRILLI, M; GUIDI, M; OBARA, E. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 114.

comparação com a dedicação dos macedônios. Ele salienta ainda com esta explicação que o amor é um dos motivos válidos para a concretização da contribuição. Ao continuar a explicação no v. 9, Paulo mostra que a obra de Jesus é um outro motivo para a contribuição. Da mesma forma que Jesus se doou para a salvação da humanidade, os coríntios também devem se doar para a salvação dos seus irmãos de Jerusalém. No v. 10, ele emite um ato assertivo enfático quando expõe sua opinião a respeito do último motivo da contribuição, a saber, o querer contribuir. No v. 11, ele profere um ato diretivo que tem o objetivo de mostrar que o modo da contribuição deve ser a partir do que eles possuem. Além disso, ele ordena que os coríntios concluam o que começaram no ano passado. Neste caso, ele empenha-se em fazer com que os coríntios terminem a ação voluntária que começaram no ano passado, a fim de que os irmãos de Jerusalém sejam beneficiados. Por meio de um ato assertivo pronunciado no v.12, ele explica que o princípio da contribuição deve ser a possibilidade de cada um. A doação não deve ser ao mesmo tempo a causa da destruição do doador e a provisão para o beneficiário. Nos versículos 13-15, ele explica por meio de um ato assertivo que a consequência da contribuição é promover a igualdade financeira entre os irmãos. Deste modo, através do círculo de contribuição, quem tem mais ajuda quem tem menos para que haja um equilíbrio financeiro entre todos.

CONCLUSÃO

Este capítulo tem como proposta expor a estratégia comunicativa de Paulo para levar os seus destinatários a crerem em suas palavras a respeito da contribuição financeira. O seu percurso comunicativo no capítulo 8 tem como tema principal a “necessidade da ajuda àqueles que estão privados do mínimo para sobreviver”. Ao considerar este tema fundamental na vida cotidiana da igreja, ele propõe um discurso argumentativo, a fim de fundamentar sua opinião acerca da necessidade da ajuda mútua e persuadir os coríntios a contribuir de maneira correta. Por isso, seu discurso começa com o exemplo de doação das igrejas da Macedônia, o qual serve de modelo para os coríntios (cf. vv. 1-5). Após mostrar que a contribuição voluntária é agradável aos olhos de Deus, ele inicia uma série de atos da fala, a fim de convencer os coríntios da necessidade da contribuição aos irmãos mais necessitados de Jerusalém. O primeiro deles é o pedido de contribuição à igreja de

Corinto (vv. 6-7), se eles possuem muita fé e conhecimento, eles também podem possuir muita vontade de ajudar os irmãos, no entanto, ele deixa claro que isso não é uma ordem, mas apenas um conselho (cf. v. 8). Em seguida, ele explica que o amor, o exemplo de Jesus e a vontade de ajudar são motivos corretos para o cumprimento da doação (cf. vv. 8-10). Todavia, ele ordena que os coríntios devem terminar aquilo que começaram, ou seja, terminar a arrecadação para os seus irmãos, de modo que seja suprida a necessidade deles (cf. v. 11). Logo depois, ele explica que o modo da contribuição deve ser de acordo com aquilo que cada um possui e não além disso (cf. v. 12). Por fim, ele termina seu argumento com a explicação de que a consequência da contribuição é propiciar o equilíbrio financeiro entre os irmãos, de modo que não tenha alguns com muito e outros com pouco (cf. vv. 13-15).

CAPÍTULO 3

A Voluntariedade da Contribuição em 2 Coríntios 9,6-9

1. Considerações Preliminares

A exegese busca identificar o sentido a partir de um texto específico. Por isso, é fundamental delimitar uma unidade literária concluída, ou seja, que tem começo e fim. Todavia, é necessário utilizar os pressupostos da crítica textual para realizar a escolha de um texto bíblico. Após esta escolha o próximo passo é traduzir o texto, a fim de compreender a morfologia e a sintaxe dele. Em seguida busca-se mostrar os limites, a confiabilidade e a localização do texto. Por fim, para concluir com êxito uma análise exegética na perspectiva comunicativa é importante verificar o sentido das palavras expressas em um discurso, a fim de conhecer a intenção comunicativa do locutor.

1.1. Texto Grego e Tradução de 2 Coríntios 9,6-9

6 Τοῦτο δέ, ὁ σπείρων φειδομένως φειδομένως καὶ θερίσει, καὶ ὁ σπείρων ἐπ' εὐλογίαις ἐπ' εὐλογίαις καὶ θερίσει.

7 ἕκαστος καθὼς προήρηται τῇ καρδίᾳ, μὴ ἐκ λύπης ἢ ἐξ ἀνάγκης· ἰλαρὸν γὰρ δότιν ἀγαπᾷ ὁ θεός.

8 δυνατεῖ δὲ ὁ θεὸς πᾶσαν χάριν περισσεῦσαι εἰς ὑμᾶς, ἵνα ἐν παντὶ πάντοτε πᾶσαν αὐτάρκειαν ἔχοντες περισσεύητε εἰς πᾶν ἔργον ἀγαθόν,

9 καθὼς γέγραπται· ἐσκόρπισεν, ἔδωκεν τοῖς πένησιν, ἡ δικαιοσύνη αὐτοῦ μένει εἰς τὸν αἰῶνα²³⁹.

²³⁹Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28ª Edição (Bible Works 10).

6 E (digo) isto: O que semeia escassamente, escassamente também colherá, e o que semeia com abundância, com abundância também colherá.

7 Cada um (contribua) conforme escolheu no coração, não com tristeza ou por obrigação; pois Deus ama o doador alegre.

8 E Deus é capaz de fazer abundar toda graça para vós, a fim de que em tudo sempre, tendo toda suficiência, abundeis em toda obra boa,

9 Como está escrito: distribuiu, deu aos pobres, a justiça dele continua para sempre²⁴⁰.

1.2. Crítica Textual

O objetivo da crítica textual do Novo Testamento é buscar reconstituir o “texto original” a partir da análise das variantes textuais presentes nos diversos manuscritos gregos. Se não há um manuscrito grego que seja puramente o autógrafo, então, busca-se o autógrafo no conjunto dos manuscritos. Entretanto, se nenhum manuscrito sozinho representa completamente o autógrafo é porque todos os manuscritos apresentam erros de copistas. Por isso, “saber quais erros são prováveis e quais são improváveis ajudará a escolher entre as muitas sequências possíveis de variantes na transmissão do texto e assim decidir (o mais razoavelmente possível) qual era o texto original”²⁴¹. Estes erros podem ser acidentais ou intencionais. Os erros acidentais são os visuais, auditivos, etc. Já os erros intencionais são as tentativas de harmonizações, de correções, etc.

Em seguida apresenta-se as variantes textuais de (2Co 9,7.8) que alteram o significado do texto.

9,7: No Aparato Crítico consta uma leitura alternativa com a inclusão do verbo “**προαιρειται**” nos manuscritos D K L Ψ 048. 81. 630. 1241. 1505. (2464) ℞²⁴².

²⁴⁰(Tradução Nossa).

²⁴¹EHRMAN, Bart D; HOLMES, Michael W. *The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestionis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p. 239.

²⁴²NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2013, p. 569.

O texto estabelecido por Nestlé - Aland com a leitura de **προήρηται** é testemunhado pelos manuscritos “**Ϟ**⁹⁹ **κ** B C F G P 0243. 6. 33. 104. 365. 1175. 1739. 1881”²⁴³.

As duas leituras estão presentes tanto em manuscritos antigos como o uncial D do (século V d.C.) e o papiro 99 do (século IV d.C.) quanto em manuscritos recentes como o minúsculo 1505 do (século XII d.C.) e o minúsculo 1881 do (século XIV d.C.). O critério de antiguidade do manuscrito para escolha da variante textual pode ser usada para as duas leituras. Neste caso, a evidência externa não pode ser o fator fundamental da escolha da variante textual. A leitura alternativa traz o verbo **προαιρείται** que está na 3ª pessoa singular presente indicativo médio/passivo do verbo **προαιρέω** (escolher). Já a leitura estabelecida por Nestlé – Aland traz o verbo **προήρηται** que está 3ª pessoa singular perfeito indicativo médio/passivo do verbo **προαιρέω** (escolher). A diferença entre os dois verbos é o aspecto. O primeiro está no presente e o segundo está no perfeito. Segundo Fanning, “o presente reflete um ponto de vista interno sobre a ocorrência que se concentra em seu desenvolvimento ou progresso e vê a ocorrência em relação à sua constituição interna, sem início ou fim em vista”²⁴⁴. O autor ainda acrescenta que “variantes combinatórias como duração, incompletude, repetição e outras funções podem ser explicadas mais prontamente como efeitos secundários desse significado invariante”²⁴⁵. Para McKay “o tempo presente é assim chamado porque um de seus principais usos é descrever um processo que ocorre no tempo presente”²⁴⁶. Em relação ao tempo perfeito, Fanning diz que “o perfeito no grego do NT é uma categoria verbal complexa denotando, em seu sentido básico, um estado que resulta de uma ocorrência anterior”²⁴⁷. De acordo com Wallace, “a força do tempo perfeito descreve um evento completo no passado (falando do indicativo perfeito aqui), que tem resultados existentes no tempo presente (i.e., em relação ao tempo do enunciador)”²⁴⁸. O perfeito pode focalizar o estado resultante de uma ação passada. Por exemplo: eu escrevi no passado e, por isso, está escrito no presente (cf. 2Co 8,15). E, ele pode focalizar a ação passada. Por exemplo: o enchimento de Jerusalém com a doutrina dos apóstolos (cf. At 5,28). A

²⁴³Ibid, p. 569.

²⁴⁴FANNING, Buist M. *Verbal Aspect in New Testament Greek*. Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 103.

²⁴⁵Ibid, p. 103.

²⁴⁶McKAY, Kenneth L. *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach*. Peter Lang: New York, 1994, p. 40.

²⁴⁷FANNING, Buist M. *Verbal Aspect in New Testament Greek*. Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 119.

²⁴⁸WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: Uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009, p. 573.

utilização do verbo no presente mostra que a escolha em contribuir é uma ação contínua no presente sem especificar o início ou o fim da ação. Já a utilização do verbo no perfeito focaliza a ação passada em escolher contribuir que tem como resultado a efetivação desta escolha. Supõe-se, então, que o verbo no perfeito seja a leitura que representa a real intenção de Paulo de aconselhar aos coríntios a terminarem aquilo que eles escolheram fazer no passado, a saber, a ajuda aos irmãos de Jerusalém.

9,8: No Aparato Crítico consta uma leitura alternativa com a inclusão do verbo “**δυναται** nos manuscritos 33 81”²⁴⁹.

O texto estabelecido por Nestlé - Aland com a leitura de **δυνατεῖ** é testemunhado pelos manuscritos “**℘**⁴⁶ **κ** C D F G 104”²⁵⁰.

A primeira leitura está presente em dois manuscritos minúsculos recentes. O minúsculo 33 é do (século IX d.C.) e o minúsculo 81 é de (1044 d.C.). Já a segunda leitura consta tanto em manuscritos antigos como o papiro 46 cerca de (200 d.C.) quanto em manuscritos recentes como o minúsculo 104 de (1087 d.C.). Neste caso, os manuscritos mais antigos são relevantes para o estabelecimento da segunda variante como a leitura original. Além disso, o sujeito **ὁ θεός** mais o verbo **δυνατεῖ** que está no indicativo presente ativo 3ª pessoa singular do verbo **δυνατέω** é uma forma de escrita mais coerente neste contexto com a estrutura da língua grega do que o verbo **δυναται** que está no indicativo presente médio/passivo 3ª pessoa singular do verbo **δύναμαι**. A construção sintática do texto estabelecido por Nestlé - Aland é chamada de “Ativo Estativo”²⁵¹. De acordo com Wallace, nesta construção “o sujeito existe no estado indicado pelo verbo. Este ativo inclui os verbos de ligação (copulativos) e os que são *traduzidos* com um adjetivo no predicativo (e.g., **πλουτέω** –“eu sou rico”)²⁵². O autor ainda diz que a chave para identificação desta construção é o “verbo de ligação ou por meio da construção ser + predicativo”²⁵³. Por exemplo: (1Co 13,4): **Ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται ἡ ἀγάπη**, (o amor é paciente, o amor é bondoso). Este exemplo é parecido com o texto de (2Co 9,8) que está escrito desta forma: **δυνατεῖ δὲ ὁ θεός** (Deus é capaz). Em suma, o verbo **δυνατεῖ** é a leitura mais provável de ser a leitura original porque é atestado por

²⁴⁹NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2013, p. 569.

²⁵⁰Ibid, p. 569.

²⁵¹WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: Uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009, p. 412.

²⁵²Ibid, p. 412, 413.

²⁵³Ibid, p. 413.

manuscritos mais antigos e por estar de acordo com a estrutura sintática ativa estativa da língua grega. Deste modo, o verbo **δυναται** na voz média não pode ser a leitura original, pois o sujeito (Deus) não “está agindo em relação a si mesmo de alguma forma”²⁵⁴.

1.3. Delimitação e Unidade

O apóstolo Paulo convoca os coríntios a terminarem a coleta para os irmãos de Jerusalém no capítulo 8 e anuncia a ida de Tito juntamente com outros irmãos para receberem esta coleta (cf. 8,16-24; 9,1-5). No início do capítulo 9, Paulo comenta sobre a disposição dos coríntios em ajudar os irmãos de Jerusalém e em seguida explica o motivo do envio de Tito com outras pessoas para receber a coleta da igreja de Corinto (cf. 9,3-5). Ele conclui sua explicação no versículo 5, por isso, ele utiliza a partícula conclusiva **οὖν** (portanto). Consequentemente, ele começa outro assunto no versículo 6. Isto pode ser visto por causa da utilização de uma oração principal juntamente com duas orações subordinadas completivas:

6 **Τοῦτο δέ** (oração principal com o verbo dizer implícito), **ὁ σπείρων φειδομένως φειδομένως καὶ θερίσει, καὶ ὁ σπείρων ἐπ’ εὐλογίαις ἐπ’ εὐλογίαις καὶ θερίσει** (orações completivas).

6 E (digo) isto (oração principal): O que semeia escassamente, escassamente também colherá, e o que semeia com abundância, com abundância também colherá (orações completivas).

Do versículo 6 ao 9, Paulo aborda as consequências e a motivação da contribuição. No versículo 9, ele termina seu argumento com um exemplo do (Sl 111.9 (LXX)). É típico de Paulo começar um argumento e terminá-lo com um exemplo (cf. 2Co 8,15).

Assim sendo, o capítulo 9 pode ser dividido desta forma:

- 1) vv. 1-2: O elogio à determinação dos coríntios.
- 2) vv. 3-5: O envio dos irmãos para Corinto.
- 3) vv. 6.8.9-14: As consequências da contribuição.

²⁵⁴ROBERTSON, A. T. *A Grammar of Greek New Testament in the Light of Historical Research*. B&H Academic; Modern edition, 1947, p. 804.

4) v. 7: A motivação da contribuição.

5) v. 15: O agradecimento a Deus pelo seu dom que é indescritível.

O tema principal do capítulo 9 é a “voluntariedade da contribuição” cujo objetivo é suprir as necessidades dos irmãos e levá-los a glorificarem a Deus.

Os vv. 1-2 mostram o reconhecimento de Paulo pelas boas obras dos coríntios.

Os vv. 3-5 comunicam o envio dos irmãos para receberem a coleta da igreja de Corinto.

Os vv. 6.8.9-14 esclarecem que as consequências da contribuição são o suprimento do doador, o suprimento do beneficiário e a gratidão a Deus.

O v. 7 diz que a motivação da contribuição deve ser a escolha voluntária e não uma imposição.

O v. 15 conclui com o agradecimento a Deus pelo seu dom indescritível.

1.4. Cotexto Próximo

O apóstolo Paulo começou sua discussão a respeito da coleta no capítulo 7 (cf. vv. 4-7;13-16) e terminou-a no capítulo 9 (cf. v. 15). O capítulo 8 termina com o conselho de Paulo para que os coríntios provem o seu amor por meio da coleta aos irmãos de Jerusalém. Em (2Co 9,1), Paulo continua a discussão anterior sobre a coleta, por meio da partícula anafórica explicativa **γάρ** (pois). Entretanto, o foco dos versículos 1 e 2 é o reconhecimento de Paulo pelas boas atitudes dos coríntios. Isso mostra que “os dois capítulos pertencem à mesma carta geral e foram escritos em estreita proximidade um com o outro”²⁵⁵.

No versículo 1, Paulo não menciona que a coleta é “para os santos em Jerusalém”. Segundo Kistemaker, “convém notar que Paulo menciona Jerusalém somente uma vez em sua correspondência coríntia (1Co 16.3). Isso deixa a distinta impressão de que não são necessárias outras referências a essa cidade”²⁵⁶. De fato, Paulo utiliza a mesma expressão tanto em (1Co 16,1): **Περὶ δὲ τῆς λογείας τῆς εἰς τοὺς ἁγίους** (E, sobre a

²⁵⁵MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 281.

²⁵⁶KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 425, 426.

coleta para os santos) quanto em (2Co 9,1): **Περὶ μὲν γὰρ τῆς διακονίας τῆς εἰς τοὺς ἁγίους** (Pois, sobre o serviço para os santos). A diferença é que em (1Co 16,3), ele menciona a cidade de Jerusalém (**Ἱερουσαλήμ**). Portanto, a expressão **εἰς τοὺς ἁγίους** (para os santos) em (2Co 9,1) indica que os destinatários da carta paulina já sabiam que eram os irmãos de Jerusalém, por isso seria desnecessário a repetição do lugar da origem deles.

No versículo 2, Paulo diz que **Ἀχαΐα παρεσκευάσται ἀπὸ πέρυσι** (a Acaia está preparada desde o ano passado). A Acaia já tinha sido mencionada no início da carta:

2Co1,1: Παῦλος ἀπόστολος Χριστοῦ Ἰησοῦ διὰ θελήματος θεοῦ καὶ Τιμόθεος ὁ ἀδελφὸς τῆ ἐκκλησία τοῦ θεοῦ τῆ οὔσῃ ἐν Κορίνθῳ σὺν τοῖς ἁγίοις πᾶσιν τοῖς οὔσιν ἐν ὅλῃ τῇ Ἀχαΐα,

Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela da vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos os quais estão em toda a Acaia.

De acordo com Kistemaker, “a Acaia era a província romana que abrangia toda a região sul da Grécia. A capital dessa província era Corinto, que servia como igreja-mãe para as congregações na área circunvizinha (ver Rm 16.1)”²⁵⁷. Além disso, o autor afirma que “para ser mais inclusivo, Paulo menciona a província em vez da cidade”²⁵⁸. Por causa da citação da província, Martin afirma que o “(capítulo 8) foi dirigido a um eleitorado mais restrito e o (capítulo 9) a um eleitorado mais amplo”²⁵⁹. Todavia, Harris diz que “porque Paulo se refere à Acaia, e não aos Coríntios, alguns encontraram neste fato evidências de que o cap. 9 é uma carta circular separada para os cristãos da Acaia fora de Corinto (por exemplo, Betz 91-93, 139-40)”²⁶⁰. No entanto, o autor afirma que “existem outras explicações adequadas para esse fato”²⁶¹. As explicações são estas:

1) ““Acaia” pode se referir a todos os cristãos na província romana da Acaia, incluindo os crentes de Corinto (cf. Rom. 15:26), com Paulo escolhendo falar de “Acaia”, talvez para evitar exageros sobre “prontidão””²⁶².

²⁵⁷Ibid, p. 427.

²⁵⁸Ibid, p. 427.

²⁵⁹MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 281.

²⁶⁰HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 619.

²⁶¹Ibid, p. 619.

²⁶²Ibid, p. 619.

2) ““Acaia” pode de fato se referir simplesmente a Corinto, isto é, os crentes em Corinto. Nesse caso, Ἀχαΐα fica em vez de Κόρινθος porque Paulo acabou de mencionar os crentes em outra província romana (Macedônia)”²⁶³.

O apóstolo Paulo se refere a contribuição dos coríntios desde o capítulo 7. No início do capítulo 8, ele chama os coríntios de ἀδελφοί (irmãos). Em seguida, ele se refere aos coríntios apenas com o pronome pessoal (vós). No versículo 2 do capítulo 9, Paulo continua a se referir aos coríntios por meio do pronome (vós). Ele fala que se orgulha deles por causa do grande interesse que eles manifestaram para ajudar seus irmãos. Então, se Paulo se refere aos coríntios no versículo 2, o mais provável é que a Acaia que está no mesmo versículo seja uma referência aos coríntios (vós). Portanto, supõe-se que a Acaia é uma referência aos cristãos em Corinto.

Nos versículos subsequentes, Paulo continua seu discurso sobre a coleta para os irmãos de Jerusalém. Os leitores da sua carta continuam sendo os coríntios. No entanto, ele comunica que enviará alguns irmãos para receberem a coleta da igreja de Corinto (cf. vv. 3-5). Em seguida, ele explica que a contribuição não pode ser por pressão de alguém, mas deve ser voluntária (cf. v. 7). Nos (vv. 6.8.9-14), ele mostra que o ato de ajudar o outro gera provisão para quem doa e para quem recebe. Além disso, a ajuda ao próximo faz com que os beneficiários reconheçam a bondade de Deus e o glorifiquem por isso. Por fim, ele agradece a Deus por seu dom indescritível.

Em suma, os capítulos 8 e 9 são uma composição separada, mas escrita em torno de um mesmo argumento, a saber, a importância da ajuda ao próximo. Os dois capítulos são direcionados aos coríntios. No capítulo 8, Paulo enfatiza a contribuição motivada pelo amor ao próximo, já no capítulo 9, ele enfatiza a voluntariedade da contribuição.

2. Coesão Formal

“O discurso envolve mais de uma frase, e as frases devem ser contingentes. Assim como toda sequência de palavras não é uma frase, nem toda sequência de enunciados é considerada um “texto””²⁶⁴. Por isso, “chamar uma sequência de frases de ‘texto’ é implicar que as frases exibem algum tipo de dependência mútua; elas não estão ocorrendo

²⁶³Ibid, p. 619.

²⁶⁴MEY, Jacob L. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. Second Edition. Oxford: Elsevier, 2009, p. 206.

aleatoriamente”²⁶⁵. Esta dependência tem o nome de coesão textual, ou seja, “os laços que unem um texto”²⁶⁶. Portanto, o objetivo da coesão formal ou linguística é identificar as características linguísticas (morfológica e sintática) que estabelecem a construção de um texto e não o seu significado. Entretanto, a “coesão linguística” é vista em sua maior parte nas orações adjacentes, enquanto a “coerência temática” se refere mais a macroestruturas no nível global de organizações de enredo”²⁶⁷. Assim sendo, a tarefa nesta etapa da pesquisa é detectar como o texto está estruturado, a fim de mostrar a intenção comunicativa do emissor aos seus interlocutores.

O primeiro passo é apresentar a estrutura formal sintática de (2Co 9,6-9):

9,6 a Τοῦτο δέ, (oração principal)	9,6 a E (digo) isto:
b ὁ σπείρων φειδομένως φειδομένως καὶ θερίσει, (oração completiva)	b O que semeia escassamente, escassamente também colherá,
c καὶ ὁ σπείρων ἐπ’ εὐλογίαις ἐπ’ εὐλογίαις καὶ θερίσει. (oração coordenada aditiva)	c e o que semeia com abundância, com abundância também colherá.
9,7 a ἕκαστος (oração principal)	9,7 a Cada um (contribua)
b καθὼς προήρηται τῇ καρδίᾳ, μὴ ἐκ λύπης (oração conformativa)	b conforme escolheu no coração, não com tristeza
c ἢ ἐξ ἀνάγκης· ἰλαρὸν (oração coordenada alternativa)	c ou por obrigação;
d γὰρ δότην ἀγαπᾷ ὁ θεός. (oração coordenada explicativa)	d pois Deus ama o doador alegre.
9,8 a δυνατεῖ δὲ ὁ θεὸς πᾶσαν χάριν περισσεῦσαι εἰς ὑμᾶς, (oração principal)	9,8 a E Deus é capaz de fazer abundar toda graça para vós,

²⁶⁵CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 119.

²⁶⁶Ibid, p. 119.

²⁶⁷MEY, Jacob L. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. Second Edition. Oxford: Elsevier, 2009, p. 209.

b ἵνα ἐν παντὶ πάντοτε περισσεύητε εἰς πᾶν ἔργον ἀγαθόν, (oração adverbial final)	b a fim de que em tudo sempre abundeis em toda obra boa,
c πᾶσαν ἀτάρκειαν ἔχοντες (oração reduzida de particípio)	c tendo toda suficiência
9,9 a καθὼς γέγραπται· ἡ δικαιοσύνη αὐτοῦ μένει εἰς τὸν αἰῶνα. (oração principal)	9,9 a Como está escrito: a justiça dele continua para sempre.
b ἐσκόρπισεν, ἔδωκεν τοῖς πένησιν (oração coordenada explicativa)	b (porque) distribuiu, deu aos pobres.

A divisão do discurso argumentativo de Paulo em pequenas unidades, tais como as orações, permite a visão de conjunto do seu texto. Assim sendo, quando se fragmenta o texto em orações pode-se observar as ideias principais e subordinadas que fazem parte da estrutura do discurso paulino e, além disso, é possível verificar o vocabulário utilizado em cada unidade oracional.

No v. 6, Paulo começa seu discurso que terminará no versículo 9. A marca linguística que mostra isso é o pronome **Τοῦτο** com o verbo de dizer implícito. A afirmação de Paulo está na primeira pessoa (eu digo isto). Segue-se a oração principal (e digo isto) uma oração completiva (que completa a ideia da oração principal - o que semeia escassamente, escassamente também colherá,) e uma oração coordenada a completiva que também está subordinada a oração principal e completa o seu sentido (e o que semeia com abundância, com abundância também colherá).

No v. 7, Paulo introduz outra oração principal com o advérbio indefinido **ἕκαστος** (cada um) mais um verbo implícito (contribua). O seu discurso sai da primeira pessoa do singular (eu) e vai para a terceira pessoa do singular (ele). Na sequência aparece uma oração subordinada conformativa (conforme escolheu no coração, não com tristeza) e uma oração coordenada alternativa (ou por obrigação) que mostram qual deve ser a motivação da contribuição. Por fim, aparece uma oração coordenada explicativa indicada pela conjunção **γὰρ** (pois Deus ama o doador alegre) a qual explica o que foi dito anteriormente, ou seja, Deus ama quem dá com alegria e não com tristeza e obrigação.

Paulo continua seu argumento no v. 8. A partícula **δὲ** estabelece a continuação do argumento anterior. Ele complementa seu argumento com uma oração principal (E Deus é capaz de fazer abundar toda graça para vós). A finalidade desta afirmação está registrada na oração subordinada adverbial final (a fim de que em tudo sempre abundeis em toda obra boa). Por fim, a oração reduzida de particípio (tendo toda suficiência) também completa a ideia da oração principal. O verbo no particípio está no nominativo plural **ἔχοντες** e se refere ao (vós/os coríntios/os interlocutores), ou seja, Paulo diz que “Deus é capaz de fazer abundar toda a graça para **vós/coríntios, os que** têm toda suficiência” por causa da ação de Deus.

No v. 9, Paulo conclui seu discurso argumentativo com um exemplo do Antigo Testamento (LXX). Ele inicia com uma oração principal (a justiça dele continua para sempre) e finaliza com uma oração coordenada explicativa ((porque) distribuiu, deu aos pobres). Em outras palavras, os argumentos do “eu digo” do versículo 6 vão até o versículo 9.

3. Coerência Semântica



Nesta etapa busca-se conhecer os vocábulos que unem e fornecem significado ao discurso argumentativo de Paulo. Em outras palavras, o objetivo desta etapa é identificar o significado do discurso paulino.



A estrutura do discurso paulino é esta:

- 1) vv. 6.8.9: As consequências da contribuição.
- 2) v. 7: A motivação da contribuição.

1) As consequências da contribuição

No v. 6, o discurso de Paulo começa com um quiasmo duplo:

<p>ὁ σπείρων φειδομένως</p>  <p>φειδομένως καὶ θερίσει,</p>	<p>ὁ σπείρων ἐπ' εὐλογίαις</p>  <p>ἐπ' εὐλογίαις καὶ θερίσει.</p>
--	--

a O que semeia escassamente,  b escassamente também colherá,	a' o que semeia com abundância,  b' com abundância também colherá.
---	---

Ao utilizar o quiasmo, Paulo mostra que o elemento central do seu discurso é o semear e o colher. Se alguém semear escassamente, escassamente também colherá e se alguém semear com abundância, com abundância também colherá. Portanto, a colheita depende da sementeira. Segundo Harris, “o que segue **τοῦτο δέ** é um axioma agrícola, afirmado aforisticamente, sem consideração de diferentes circunstâncias ou exceções”²⁶⁸. Na mesma linha de pensamento, Keener afirma que:

Paulo usa um princípio agrícola difundido para fazer seu argumento em 9:6, 9-10, que ele aplica à riqueza não agrária deles em 9:7-8, 11. Que Deus recompensa os generosos (9:6-11) é frequente afirmação da sabedoria judaica (Pv 11:25; 22:9). Colher o que se semeia era um lugar-comum agrícola com uma pronta aplicação moralista (por exemplo, Jó 4:8; Pv 22:8; Os 8:7; Sir 7:3); “Fruta” normalmente significa “lucro” [...] Provérbios descreveu generosidade como sementeira, com a expectativa da bênção de Deus como aumento, em contraste com a necessidade última do mesquinho (Pv 11:21 LXX; 11:24-26). Enquanto as pessoas elogiavam a generosidade (Aristóteles N.E. 4.1.6-14, 1120a), elas ridicularizavam a pessoa mesquinha (Pv 11:26; Teofrasto Char. 10; 22)²⁶⁹.

O apóstolo Paulo utiliza este axioma agrícola duas vezes nas suas cartas. Em (Gl 6,7-9) e (2Co 9,6). De acordo com Betz, “essas passagens representam diferentes interpretações da mesma sabedoria agrária básica. Como metáforas, “semear” e “colher” são fáceis de interpretar em termos escatológicos, como Paulo fez em Gal 6:7-9”²⁷⁰. Em (Gl 6,7-9), Paulo diz que aquele que semear na carne, colherá destruição e aquele que semear no Espírito, colherá vida eterna. Já em (2Co 9,6), ele afirma que aquele que semear pouco também colherá pouco e aquele que semear muito também colherá muito. O axioma é o mesmo, mas aplicação é diferente. Em (Gl 6,7-9) se refere a conquista ou não da vida eterna, por outro lado, em (2Co 9,6) se refere a muito ou pouco suprimento de bens materiais como meio de subsistência. Mas, qual é a origem deste axioma agrícola?

²⁶⁸HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 633.

²⁶⁹KEENER, Craig S. *1 and 2 Corinthians*. (The New Cambridge Bible Commentary). Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 213.

²⁷⁰BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 105.

Alguns eruditos, tais como Keener²⁷¹ e Martin²⁷² afirmam que a origem deste axioma é o pensamento judaico expresso em (Pv 11,24-26; 22,8 LXX). Por outro lado, Betz diz que:

É mais provável que o provérbio citado em v 6a veio a ele através da tradição oral do que através da leitura do texto de Provérbios. Assim, a história da transmissão oral do provérbio é ilustrada pela preservação de três versões distintas dele: o Texto Massorético de Pv 11:24, a versão LXX e a versão Paulina²⁷³.

Concorda-se que Paulo utilizou a mesma imagem do axioma moral de (Pv 11,25 e 22,8 LXX). Em (Pv 11,24.25)²⁷⁴ está escrito:

24 εἰσὶν οἱ τὰ ἴδια σπείροντες πλείονα ποιῶσιν εἰσὶν καὶ οἱ συνάγοντες ἔλαττονοῦνται.

24 Há aqueles que semeiam e fazem mais e há aqueles que coletam e tem de menos.

25 ψυχὴ εὐλογουμένη πᾶσα ἀπλῆ [...]

25 toda alma generosa é abençoada [...]

Já em Provérbios 22,8²⁷⁵ está escrito desta forma:

8 ὁ σπείρων φαῦλα θερίσει κακὰ [...]

8 o que semeia o mau colherá calamidades [...]

Estes textos fornecem o “motivo agrícola e o princípio moral”²⁷⁶ que Paulo utiliza em (2Co 9,6), ou seja, o que a pessoa semear é isto que ela colherá. Se ela promover a justiça, ela receberá também a justiça, se ela é generosa, Deus a recompensará. Entretanto, Martin complementa que “o apelo é para um motivo que não é tanto uma recompensa, mas uma preocupação desinteressada de alcançar os santos de Jerusalém em suas necessidades, e a questão não é a quantidade da oferta, mas o envolvimento que ele reflete (8:12)”²⁷⁷. Para Plummer,

O apóstolo já mostrou (8:12) que a generosidade não depende da quantia dada, mas da mente e dos meios de quem o dá; e não devemos nos surpreender que

²⁷¹KEENER, Craig S. *1 and 2 Corinthians*. (The New Cambridge Bible Commentary). Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 213.

²⁷²MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 289.

²⁷³BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 104.

²⁷⁴RAHLFS, Alfred; RANHART, Robert. *Septuaginta (Bible Works 10)*.

²⁷⁵Ibid.

²⁷⁶MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014, p. 289.

²⁷⁷Ibid, p. 289.

ele aqui coloque diante de seus convertidos a perspectiva de uma rica recompensa no futuro como um motivo para ser generoso²⁷⁸.

Entretanto, Harris expõe que:

O que Paulo quer dizer é a correspondência entre a quantidade de semente semeada e a quantidade da colheita. Ele está insinuando que uma escassa contribuição dos coríntios produziria alguma colheita, mas seu desejo e objetivo era uma doação considerável que produzisse colheita correspondentemente substancial de benefícios para os doadores e recebedores [...] Paulo sabia que era verdade no reino da administração financeira como também na agricultura que semear generosamente significava uma colheita generosa²⁷⁹.

O apóstolo Paulo já mencionou no capítulo 8 que a motivação da contribuição deve ser pelo amor, pelo próprio desejo e de acordo com os recursos de cada pessoa. No capítulo 9, ele diz que a contribuição não deve ser feita por causa da *πλεονεξία* “o estado de desejar ter mais do que o devido, ganância, insaciável, avareza, cobiça”²⁸⁰. No versículo 5, o substantivo *πλεονεξία* significa “uma oferta que é concedida de má vontade pela avareza”²⁸¹. Neste caso, a oferta não pode ser motivada pelo desejo de receber algo em troca e nem por má vontade motivada pela avareza, pois ela é um meio de demonstração de amor ao próximo. Como diz Paulo em (1Co 13,5): *οὐ ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς* “o amor não procura os seus próprios interesses”. Deste modo, o ensinamento de Paulo sobre a sementeira e a colheita não pode ser compreendido como um meio de enriquecimento próprio, de modo que aquele que semear/doar muitos recursos, colherá/receberá muitos recursos automaticamente. Pelo contrário, o objetivo da contribuição é produzir a igualdade entre os irmãos e não o enriquecimento próprio por meio do ato de doar aos pobres. Além disso, a “colheita” não decorre mecanicamente da sementeira. É Deus quem dá a colheita tanto fora no campo e quanto na vida da igreja, por meio de suas “bênçãos”²⁸². Entretanto, Deus garante que aquele que doa com amor, vontade própria e alegria tenha o necessário para sobreviver e para ajudar ao próximo (cf. vv.8-11). Se todos se ajudam, ninguém terá falta de recursos para viver dignamente. Assim sendo, a benevolência de Deus repousa sobre o doador alegre e sobre os

²⁷⁸PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915, p. 258.

²⁷⁹HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 634.

²⁸⁰BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 824.

²⁸¹Ibid, p. 824.

²⁸²BOOR, Werner De. *Cartas aos Coríntios: 2Coríntios*. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004, p. 436.

beneficiários, pois ele acrescenta todas as coisas materiais de que os seus filhos necessitam (Mt 6,25-33). Em suma, não importa a quantidade da oferta, mas sim a qualidade. Por isso, Paulo diz em (1Co 13,3): **κἄν ψομίσω πάντα τὰ ὑπάρχοντά μου καὶ ἐὰν παραδῶ τὸ σῶμά μου ἵνα καυχῆσωμαι, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, οὐδὲν ὠφελοῦμαι** “E toda vez que eu distribua todas as minhas posses e toda vez que eu entregue o meu corpo para que eu me vanglorie, mas não tenha amor, nada eu estou tirando proveito”.

O argumento de Paulo sobre as consequências da ajuda ao próximo continua no versículo 8. Ele começa sua exposição com uma paronomásia que é a “repetição de palavras de mesma raiz e sons parecidos”²⁸³. As palavras são estas: **πᾶσαν, παντὶ πάντοτε πᾶσαν, πᾶν**. O uso desta figura de linguagem tem como objetivo conferir ênfase ao seu discurso. Neste caso, Paulo enfatiza a ação de Deus em fornecer condições materiais (fazer abundar toda graça para vós) para que os coríntios tenham o suficiente, a fim de conseguirem ajudar os seus irmãos mais pobres de Jerusalém. Isto mostra que a doação de Deus produz a doação dos coríntios. Em outras palavras, a doação dos coríntios tem origem na doação de Deus. No círculo de contribuição, Deus é aquele que garante diretamente o suprimento para o doador e indiretamente o suprimento, por meio do doador, para o beneficiário (Mt 6,25-33). Deste modo, a **χάρις** de Deus “uma disposição benéfica para com alguém, favor, graça, cuidado/ajuda graciosa, boa vontade”²⁸⁴ alcança tanto os doadores/coríntios (beneficiários diretos) como os irmãos de Jerusalém (beneficiários indiretos). Segundo Betz, “o apóstolo se referiu à noção de que toda doação humana é uma resposta aos dons recebidos, o princípio do “do ut des” (“Eu dou a você, para que você esteja disposto a dar a mim”)²⁸⁵. O autor complementa que “aplicado à religião, esse princípio implica que os presentes oferecidos como sacrifícios são a resposta humana às bênçãos recebidas do deus”²⁸⁶. Portanto, Paulo mostra que o princípio estabelecido por Deus é que o Senhor tem toda a capacidade de fornecer suprimentos aos seus filhos, mas eles devem estar dispostos com toda alegria e amor a repassar estes recursos para as outras pessoas em resposta de gratidão às bênçãos recebidas.

²⁸³KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 176.

²⁸⁴BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 1079.

²⁸⁵BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985, p. 109.

²⁸⁶Ibid, p. 109.

Como visto anteriormente, Deus é o originador dos recursos materiais para os coríntios. Por isso, eles possuem *πᾶσαν αὐτάρκειαν* (toda a suficiência). De acordo com Kruse, “na filosofia cínica e na estoica, essa palavra era utilizada para caracterizar a pessoa auto-suficiente”²⁸⁷. Todavia, o autor afirma que “para o apóstolo, *autarkeia* denota não a auto-suficiência humana, mas a suficiência oriunda da graça de Deus; como tal, *autarkeia* possibilitava não a independência dos outros, mas a capacidade de abundar em boas obras a favor dos outros”²⁸⁸. Da mesma forma, Kistemaker diz que “isso não pode ser interpretado como auto-suficiência ou autoconfiança no sentido de “autodependência”, pois somos todos completamente dependentes de Deus para suprir-nos em cada necessidade”²⁸⁹. A estrutura sintática da frase mostra que Deus abençoa com a finalidade de que os coríntios tenham o necessário para eles sobreviverem e para ajudar o próximo. Por isso, concorda-se quando Kistemaker diz que “Deus nos provê suficiência para o propósito de nossa dependência dele e para o apoio a nossos semelhantes”²⁹⁰.

O apóstolo Paulo expõe por meio do seu argumento que o objetivo de Deus em abençoar os coríntios é duplo, a saber, que eles tenham recursos para seu sustento e que eles doem parte destes recursos para o sustento dos irmãos de Jerusalém. Portanto, por causa da provisão divina, os coríntios têm a responsabilidade de mostrar em abundância boas ações aos seus irmãos. Segundo Kistemaker,

Um cristão que por causa da graça de Deus sempre tem tudo em quantidade suficiente (comparar com 1Tm 6.6-8) precisa doar dentro da estrutura de amar Deus e o próximo (Mt 22.37-40). O fluxo espiritual e material de dádivas que vêm de Deus ao crente nunca pode parar com o beneficiário. Deve ser passado adiante para aliviar as necessidades de outras pessoas na igreja e na sociedade (Gl 6.10; 1Tm 6.17, 18; 2Tm 3.17). O crente deve ser sempre um canal humano por meio do qual a graça divina flui para enriquecer a outros²⁹¹.

Para Harris, “na verdade, Paulo está dizendo: “Dê generosamente agora e você descobrirá que Deus mantém seu desejo de dar e aumenta seus recursos para dar mais.””²⁹² Em suma, Deus abençoa com riquezas espirituais e materiais as pessoas que motivadas pelo amor e a alegria ajudam ao seu próximo, uma vez que o amor ao próximo praticado através de boas ações é o cumprimento da lei de Cristo (Gl 5,14; 6,2). Todavia,

²⁸⁷KRUSE, Colin G. *2 Coríntios: Introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 177.

²⁸⁸Ibid, p. 177.

²⁸⁹KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 438.

²⁹⁰Ibid, p. 439.

²⁹¹Ibid, p. 438.

²⁹²HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 639.

a consequência da doação em amor ao beneficiário não é o enriquecimento incontrolado do doador, ao invés disso, ela é a continuidade da provisão divina para o doador que deve ser um canal para que esta provisão também chegue aos outros. Deste modo, se cumpre o objetivo da contribuição que é produzir a igualdade de recursos entre os irmãos.

O argumento de Paulo sobre as consequências da contribuição termina com um exemplo do Antigo Testamento. No v. 9, Paulo diz: Como está escrito: distribuiu, deu aos pobres, a justiça dele continua para sempre. Ele cita o (Sl 111,9a-LXX) literalmente:

SEPTUAGINTA ²⁹³	NOVO TESTAMENTO
<p>ἐσκόρπισεν ἔδωκεν τοῖς πένησιν ἢ δικαιοσύνη αὐτοῦ μένει εἰς τὸν αἰῶνα [...] distribuiu, deu aos pobres, a justiça dele continua para sempre.</p>	<p>ἐσκόρπισεν, ἔδωκεν τοῖς πένησιν, ἢ δικαιοσύνη αὐτοῦ μένει εἰς τὸν αἰῶνα. distribuiu, deu aos pobres, a justiça dele continua para sempre.</p>

O Salmo começa com a seguinte afirmação: **μακάριος ἀνὴρ ὁ φοβούμενος τὸν κύριον ἐν ταῖς ἐντολαῖς αὐτοῦ θελήσει σφόδρα** (111,1-LXX) – “Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor, ele desejará extremamente os seus mandamentos”. O verso 1 mostra que o conteúdo do Salmo é sobre as consequências benéficas para o homem que teme ao Senhor. Se ele cumpre os preceitos da aliança sinaítica, ele é recompensando com as bênçãos de Deus (cf. Dt 28). Segundo Kraus, “o v. 9 corresponde ao que é dito no v. 5a e v. 6b (cf. 2 Cor 9,9)”²⁹⁴. Para o autor, “no estilo de um macarismo, o v. 5 menciona as marcas de uma vida que está em conformidade com o pacto de Deus e está enraizada na *tsedakah*. O homem justo dá graciosamente e empresta (cf. também o v. 9)”²⁹⁵. De acordo com Allen, o v 9a está em:

“Conformidade geral com os padrões da aliança e, em particular, a generosidade como o resultado da dádiva da riqueza de Deus (v 3). Como no v 5, há um movimento do particular para o geral na virtude expansiva. O Deus que dá (Sl 111:5) espera que o destinatário seja como Deus ao dar. Em consequência, tal abertura para Deus e para os outros ocasionará sucesso na vida e o respeito dos outros²⁹⁶.”

²⁹³RAHLFS, Alfred; RANHART, Robert. Septuaginta (Bible Works 10).

²⁹⁴KRAUS, Hans Joachim. *Los Salmos: Sal 60-150*. Vol II. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995, p. 536.

²⁹⁵Ibid, p. 536.

²⁹⁶ALLEN, Leslie C. *Psalms 101-150*. (Word Biblical Commentary). Dallas: Zondervan, 2002, p. 131.

O autor conclui com a afirmação de que a “perspectiva de prosperidade como recompensa da virtude é reforçada pela referência final ao desgosto frustrado dos “ímpios”, que não veriam nenhuma de suas próprias ambições se tornar realidade”²⁹⁷. De acordo com o entendimento judaico primitivo, o homem que teme ao Senhor deve cumprir todos os seus mandamentos estipulados pela aliança sinaítica, de modo que receberá a recompensa de Deus por causa desta atitude. Deste modo, o (Sl 111-LXX) salienta que o homem *χρηστός* “bom” e *δίκαιος* “justo” (cf. vv.4-5) que tem compaixão e empresta para os outros será recompensado por Deus com a prosperidade material (cf. vv.2-4;6-9). Como diz Kraus, a recompensa está dentro do contexto deste mundo (Prov 8,18)²⁹⁸. Mas, qual é o significado da expressão “a justiça dele continua para sempre”? Segundo Briggs, “[sua justiça], sem dúvida no sentido de prosperidade, como Prov. 8:18, Joel. 2:23 – [dura para sempre], não terá fim”²⁹⁹. Entretanto, para Allen “justiça”, aqui se refere ao comportamento moral consistente com a aliança³⁰⁰. Da mesma forma, Kraus diz que a “justiça” “significa uma conduta conforme ao pacto com Deus”³⁰¹. Por outro lado, Gestenberger afirma que:

O bem-estar econômico é essencial para famílias e indivíduos, e o conceito de “justiça” (*sedāqāh*) neste contexto é claramente um sinônimo para essa benção terrena (v. 3). Observe que nosso versículo corresponde diretamente a 111:3: a “glória e majestade” de Deus equivalem, no lado humano, a “abundância e riqueza” (v. 3a). Sendo o v. 3b idêntico a 111:3b, também temos que fazer um paralelo com a *sedāqāh* de Deus e dos humanos. A glória de Yahweh permanece constante, e - por causa da graça de Deus - o alto padrão de vida para os “justos” também³⁰².

Diante do exposto, compreende-se que a expressão a “justiça dele continua para sempre” no (Sl 111,3.9) é uma referência as benções de Deus como recompensa ao cumprimento das leis estabelecidas pela aliança sinaítica. Enquanto o homem que teme ao Senhor cumprir os preceitos da Torá, ele continuará sendo recompensado pelas benções previstas na aliança (cf. Dt 28).

A citação utilizada por Paulo do (Sl 111,9) pode ser compreendida desta forma: “a justiça dele continua para sempre (porque) distribuiu, deu aos pobres”. O sujeito da

²⁹⁷Ibid, p. 131.

²⁹⁸KRAUS, Hans Joachim. *Los Salmos: Sal 60-150*. Vol II. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995, p. 535.

²⁹⁹BRIGGS, Charles A; BRIGGS, Emilie Grace. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms*. New York: C. Scribner's Sons, 1906, p. 385.

³⁰⁰ALLEN, Leslie C. *Psalms 101-150*. (Word Biblical Commentary). Dallas: Zondervan, 2002, p. 131.

³⁰¹KRAUS, Hans Joachim. *Los Salmos: Sal 60-150*. Vol II. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995, p. 535.

³⁰²GESTENBERGER, Erhard S. *Psalms, Part 2, and Lamentations*. (The Forms of the Old Testament Literature). Vol. XV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co, 2001, p. 275.

frase tanto no (Salmo 111) como em (2Co 9,9) é o homem e não Deus, neste caso Paulo se refere aos coríntios que são os homens bons e justos que temem a Deus. Ele inicia com uma oração principal (a justiça dele continua para sempre) e finaliza com uma oração coordenada explicativa ((porque) distribuiu, deu aos pobres). Deste modo, a consequência da ajuda aos pobres é a continuidade da justiça dos coríntios. Mas, o que significa “justiça” neste versículo? De acordo com Plummer,

Entre os possíveis significados para toda a declaração, esses merecem consideração; (1) os atos justos do homem bom continuam enquanto ele viver, pois Deus sempre o supre com os recursos; (2) a prosperidade que recompensa sua justiça continua enquanto ele viver; (3) sua bondade sempre será lembrada entre os homens; (4) sua bondade sempre será lembrada e recompensada por Deus aqui e depois; (5) os efeitos de sua bondade viverão para sempre, influenciando geração após geração. A maldade será destruída, mas a justiça nunca pode perecer. Destes cinco, os dois últimos são os melhores e, destes dois, o último talvez não seja suficientemente óbvio; a quarta é mais simples e é um princípio frequentemente insistido nas Escrituras³⁰³.

Segundo Harris, a interpretação mais plausível é que ““a sua benevolência dura para sempre” (NEB), no sentido de que a sua generosidade para com os pobres continuará a ser um modo de vida, não uma ação isolada ou irregular, porque Deus constantemente o supre com os recursos para dar (vv. 8, 10)”³⁰⁴. Concorda-se com Plummer que o significado mais coerente é que a “(4) sua bondade sempre será lembrada e recompensada por Deus aqui e depois”, uma vez que a citação do (Sl 111) se refere a recompensa dada por Deus para o homem que pratica a Torá. Além disso, os versículos 8 a 11 tratam da provisão de Deus ao doador, a fim de que ele transmita esta benção para os outros. Portanto, Paulo diz que Deus é poderoso para fornecer os meios de subsistência ao doador/os coríntios que deve doar parte destes recursos conforme sua capacidade para os outros/os irmãos de Jerusalém. Quando o ato de doar se torna constante, Deus o recompensa com a constância de recursos para que este ato não tenha fim (cf. vv. 10-11). Por fim, Paulo mostra por meio do seu argumento que as consequências da contribuição por amor, alegria e livre escolha são o suprimento para o doador, para os beneficiários e o reconhecimento da bondade Deus (cf. vv. 11-12).

³⁰³PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915, p. 262.

³⁰⁴HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005, p. 641.

2) A motivação da contribuição

No v. 7, o discurso de Paulo sai da primeira pessoa do singular (eu) e vai para a terceira pessoa do singular (ele). Ele continua a dizer sua opinião (eu digo isto) que terminará com um exemplo no v. 9. No entanto, o seu discurso no v. 7 vai para a terceira pessoa do singular porque o seu argumento é sobre a motivação correta da contribuição que cada um dos coríntios deve ter. O conselho de Paulo aos coríntios é que “cada um contribua conforme escolheu no coração”. O verbo **προαιρέω** na voz média significa “chegar a uma decisão antecipadamente, escolher (por si mesmo), comprometer-se a, preferir”³⁰⁵. Da mesma forma, Louw e Nida dizem que o significado deste verbo é “chegar a uma decisão com antecedência, decidir de antemão, determinar previamente, decidir com antecedência”³⁰⁶. A contribuição deve ser uma escolha previamente pensada (**καρδία** – “coração” com o significado de mente)³⁰⁷ pelo doador. Além disso, a contribuição não pode ser com **λύπη** “dor de mente ou espírito, tristeza, pesar, aflição, com relutância”³⁰⁸. Segundo Louw e Nida **λύπη** é “um estado de tristeza caracterizado por um pesar que resulta daquilo que se fez – (2Co 9.7)”³⁰⁹. Deste modo, a orientação de Paulo é que a pessoa não deve contribuir sem vontade, pois gera arrependimento do que se fez e, conseqüentemente, faz com que ela fique em um estado de tristeza. Segundo Plummer, Paulo aconselha que “cada um deve decidir seriamente sobre o que deve dar, e então dar com alegria. Não deve haver doação impensada ou relutante”³¹⁰. Segundo Paulo, a contribuição também não pode ser por **ἀνάγκη** “pressão de qualquer tipo”³¹¹, “coerção, coação”³¹². De acordo com Balz e Schneider “a combinação com a preposição **ἐξ ἀνάγκης** (duas vezes) significa sob compulsão (2 Cor 9:7)”³¹³. Da mesma forma, Louw

³⁰⁵BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 865.

³⁰⁶LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015, p. 323.

³⁰⁷Ibid, p. 288.

³⁰⁸BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 604, 605.

³⁰⁹LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015, p. 285.

³¹⁰PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915, p. 259.

³¹¹BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 61.

³¹²RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. Tradução: Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2005, p. 41.

³¹³BALZ, Horst Robert; SCHNEIDER, Gerhard. *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Vol 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 78.

e Nida traduzem ἐξ ἀνάγκη em (2Co 9,7) por “obrigação”³¹⁴. O substantivo ἀνάγκη também aparece na carta a Filemon 1,14. Ele tem o mesmo significado de 2Co 9,7, a saber, (pressão, compulsão, força, obrigação). Assim sendo, Paulo afirma que os coríntios não podem ser forçados a contribuir pela opinião de alguém, inclusive a dele. Desta forma, ninguém deve obrigar o outro a contribuir, uma vez que a contribuição deve ser motivada pelo amor, pelo exemplo de Jesus e pela escolha voluntária.

Por fim, Paulo termina seu argumento com a oração coordenada explicativa indicada pela conjunção γὰρ (pois Deus ama o doador alegre) a qual explica que Deus ama quem dá com alegria e não com tristeza e obrigação. Ele cita (Pv 22,8a (LXX)):

SEPTUAGINTA ³¹⁵	NOVO TESTAMENTO
<p>ἄνδρα ἰλαρὸν καὶ δότην εὐλογεῖ ὁ θεός (Prov. 22,8)</p> <p>Deus abençoa um homem alegre que é também um doador.</p>	<p>ἰλαρὸν γὰρ δότην ἀγαπᾷ ὁ θεός. (2 Co. 9,7)</p> <p>Pois Deus ama o doador alegre.</p>

Segundo Plummer, “São Paulo está citando de memória. Ele não teria alterado deliberadamente εὐλογεῖ para ἀγαπᾷ”. Entretanto, supõe-se que o apóstolo Paulo mudou o texto com o objetivo de convencer os coríntios de que o amor de Deus repousa sobre àquele que expressa este amor ao próximo através da contribuição efetuada com alegria. Por isso, ele omite a palavra ἄνδρα (homem) e a conjunção καὶ (e, também) e ele substituiu o verbo εὐλογεῖ (abençoa) pelo verbo ἀγαπᾷ (ama).

Então, Paulo diz que “Deus ama o doador ἰλαρός “alegre, feliz com as coisas, aquele que dá com alegria, de boa vontade (= sem relutância) 2 Cor 9:7 (cf. Pr 22:8a)”³¹⁶. Portanto, o doador que Deus ama é aquele que distribui os seus recursos aos outros sem relutância, mas de boa vontade. Em suma, a motivação da contribuição deve ser o amor, o exemplo de Jesus, a escolha voluntária e a alegria/prazer/boa vontade. Por outro lado, quanto à atitude e à motivação, a contribuição não deve ser relutante, por obrigação externa, por avareza, por ganância e não deve esperar receber algo em troca.

³¹⁴LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015, p. 285, 701.

³¹⁵RAHLFS, Alfred; RANHART, Robert. *Septuaginta (Bible Works 10)*.

³¹⁶BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000, p. 473.

4. Dimensão Pragmática

“O estudo do discurso é geralmente considerado a competência da pragmática no sentido de que envolve o uso de frases (os produtos de uma sintaxe), quando as pessoas tentam comunicar informações”³¹⁷. Esta comunicação é efetuada por meio da linguagem que é ação e produz uma ação. Quando um empresário diz que um funcionário está demitido, ele faz o que ele diz. Neste caso, a linguagem se mostra com um poder de ação. No entanto, ao emitir uma palavra que expressa sentimento como por exemplo: eu amo você, o locutor exige uma posição afetiva do interlocutor, neste caso, a linguagem tem a força de fazer a outra pessoa a efetuar uma ação. No primeiro caso tem-se um ato ilocutório e no segundo caso tem-se um ato perlocutório. Em (2Co 9,6-9), Paulo emite ato ilocutório assertivo ou expositivo³¹⁸ com o objetivo de gerar um ato perlocutório sobre os seus destinatários.

O apóstolo Paulo começa com uma afirmação no v. 6 que expõe sua opinião a respeito da contribuição financeira na igreja. O seu argumento terminará no v. 9 com um exemplo do Antigo Testamento. Segundo Paulo, a ajuda ao próximo produz consequências benéficas tanto para o doador como para o beneficiário. Ao doador não faltará suprimento para sobreviver e para ajudar ao próximo e para o beneficiário não faltará também os recursos para sobreviver que foram enviados pelo doador. Deus garante o suprimento para todos os seus filhos (cf. Mt 6,25-33). Portanto, Paulo esclarece que a doação constante gera uma recompensa constante de Deus, a fim de que a ajuda não tenha fim e todos os irmãos estejam em igualdade de recursos.

Ainda de acordo com a sua opinião, Paulo esclarece aos coríntios que a motivação da contribuição deve ser uma escolha voluntária e não por obrigação externa e, além disso, deve ser de boa vontade e não por relutância/tristeza.

Diante do exposto, Paulo, através de um ato expositivo, tem o objetivo de esclarecer as consequências e a motivação correta da contribuição, e, conseqüentemente, tem a intenção de levar os coríntios a ofertarem aos irmãos de Jerusalém de forma correta. Em suma, o ato expositivo de Paulo exige uma posição responsiva dos coríntios.

³¹⁷MEY, Jacob L. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. Second Edition. Oxford: Elsevier, 2009, p. 207.

³¹⁸AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. (Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 130, 131.

CONCLUSÃO

O propósito deste capítulo é mostrar que a estratégia comunicativa de Paulo em (2Co 9,6-9) possui dois objetivos. O primeiro é convencer os coríntios da importância da contribuição tanto na vida deles como na vida dos beneficiários que são os cristãos de Jerusalém. A contribuição é uma forma de expressão do cuidado e do amor de Deus para com seus filhos, por isso, ele supre as necessidades tanto dos doadores como dos beneficiários, de modo que não falte recursos para sobrevivência de todos (cf. vv. 6.8.9).

O segundo objetivo é levar os coríntios a contribuírem aos irmãos de Jerusalém de forma correta. A contribuição deve ser efetuada levando em consideração duas condições necessárias para o seu êxito: a primeira condição é que a ajuda precisa ser motivada pela voluntariedade e não por obrigação externa, já a segunda condição é que a ajuda precisa ser motivada pela boa vontade e não por relutância (cf. v. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da proposta metodológica desta pesquisa que é estudar a contribuição financeira em (2Co 8,8-15 e 9,6-9) e levando-se em consideração a hipótese e os objetivos da pesquisa foi possível chegar a algumas conclusões.

Em primeiro lugar, foi satisfatório verificar que o apóstolo Paulo conhecia os problemas que afligiam a igreja em Corinto. O maior deles era a influência dos falsos apóstolos que deturpavam a mensagem do verdadeiro evangelho. Todavia, Paulo faz questão de mostrar que o verdadeiro apostolado é de origem divina e não humana. Além disso, ele expõe aos coríntios que a ajuda ao próximo é uma forma de expressão do amor de Deus.

Em segundo lugar, constata-se, por meio do estudo exegético-teológico na perspectiva comunicativa de (2Co 8,8-15), que Paulo busca convencer os coríntios da importância do amor como a principal motivação para efetuar a contribuição aos irmãos mais necessitados de Jerusalém. Ele também tenta conscientizar os coríntios de que o objetivo do círculo de contribuição é produzir a igualdade entre todos. Em virtude dos fatos mencionados, Paulo deseja fazer com que os coríntios não desistam de continuar a coleta para os cristãos da Judéia.

Em terceiro lugar, comprova-se, através do estudo exegético-teológico na perspectiva comunicativa de (2Co 9,6-9), que Paulo tenta persuadir os coríntios a ajudarem os seus irmãos. No entanto, esta ajuda não deve ser feita de qualquer forma. Por isso, ele busca convencer os coríntios de que a doação de recursos deve ser efetuada de forma voluntária e de boa vontade.

Tendo em vista os aspectos observados, confirma-se a hipótese de que o dízimo não era o modelo de contribuição financeira praticado no Cristianismo Primitivo Paulino, ao invés disso, o modelo ideal para contribuição era voluntário, movido pelo amor aos domésticos da fé e sem predefinição de valores.

Finalmente, espero que esta pesquisa contribua para uma melhor compreensão da verdadeira motivação e do verdadeiro objetivo da contribuição financeira no Cristianismo Primitivo Paulino. E, portanto, que seja útil tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito eclesiástico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

AMADOR, J. D. H. “Revisiting 2 Corinthians: Rhetoric and the Case for Unity”. *New Test. Stud.* 46, 2000, p. 92-111.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011.

ANDEMICAEL, Awet I. “Grace, Equity, Participation: The Economy of God in 2 Corinthians 8:8-15”. *Anglican Theological Review*, Vol. 98, Issue 4, 2016, p. 621-638.

GUERVÓS, Javier de Santiago. Retórica, Pragmática Y Lingüística De La Comunicación. *Revista de investigación Lingüística*. Vol. VIII – 2005, p. 177-208.

JENNINGS, Mark A. “Patronage and Rebuke in Paul’s Persuasion in 2 Corinthians 8-9”. *Journal of Greco-Roman Christianity and Judaism* 6, (2009), p. 107-27.

JOUBERT, S J. “Shifting styles of church leadership: Paul’s pragmatic leadership style in 1 and 2 Corinthians during the organization of the collection for Jerusalem”. *Verbum Et Ecclesia* JRG 23 (3) 2002, p. 678-688.

LAMBRECHT, Jan. “Paul’s Boasting about The Corinthians a Study of 2 Cor. 8:24-9:5”. *Novum Testamentum*, Vol. 40, Fasc. 4 (Oct., 1998), p. 352-368.

LEIGHTNER, Jonathan E. “Property, Ethics, and God”. *Journal of Markets & Morality* Volume 12, Number 2 (2009), p. 337-358.

LIM, Kar Yong. “Paul the Economist? Economic Principles in Pauline Literature with the Jerusalem Collection as a Test Case”. *ERT* (2017) 41:1, p. 19-31.

LINS, Maria da Penha Pereira. A Pragmática e a Análise de Textos. v. 2 n. 2 (2008): *Revista (Con) Textos Linguísticos*, p. 177-197.

LOPES, Richard Jean; NEF ULLOA, Boris A. “O Discipulado Segundo Mateus: Uma Abordagem pragmática-comunicativa”. *Revista de Cultura Teológica*, Ano XXVI, N° 92, Jul/Dez 2018, p. 103-125.

MBAMALU, A. ““Prosperity a part of the atonement”: An interpretation of 2 Corinthians 8:9”, *Verbum et Ecclesia* 36(1) (2015), Art. #1418, 8 pages. <http://dx.doi.org/10.4102/ve.v36i1.1418>.

NICCACCI, A. Dall’ Aoristo All’ Imperfetto o Dal Primo Piano Allo Sfondo: Un paragone tra sintassi greca e sintassi ebraica. *LA* 42 (1992) 85-108.

NOEDA, Belén Saiz. La Dimensión Pragmática de La Lingüística Del Texto. *E.L.U.A.*, 11, 1996-97, pp: 303-324.

STOWERS, Stanley K. “Peri Men Gar and Integrity of 2 Cor. 8 and 9”. *Novum Testamentum* XXXII, 4 (1990), p. 340-348.

NEF ULLOA, Boris A; LOPES, Jean R. Análise da estratégia literáriopragmática em 1Cor 8,1-13. *Revista de Cultura Teológica*. Ano XXVIII - N° 97 - Set - Dez 2020, p. 233-251.

_____. Epistolografia Paulina: Origem e Estrutura. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 48, n. 3 - Set./Dez. 2016, p. 583-604.

Bíblias

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt. KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M; METZGER, Bruce M. *The Greek New Testament*. Fifth Revised Edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada).

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

RAHLFS, Alfred; RANHART, Robert. *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

KITTEL, Rudolf. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27 ed. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.

_____. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

REESE, Edward; KLASSEN, Frank. *A Bíblia em Ordem Cronológica: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

Livros

ADAMS, Samuel L. *Wisdom in Transition: Act and Consequence in Second Temple Instructions*. Leiden/Boston: Brill, 2008.

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt. *O Texto do Novo Testamento: Introdução às Edições Científicas do Novo Testamento Grego bem como à Teoria e Prática da Moderna Crítica Textual*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALLEN, Leslie C. *Psalms 101-150*. (Word Biblical Commentary). Dallas: Zondervan, 2002.

ANGLADA, Paulo. *Manuscritologia do Novo Testamento: História, Correntes Textuais e o Final do Evangelho de Marcos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2014.

ASHTON, John. *The Religion of Paul the Apostle*. New Haven and London: Yale University Press, 2000.

AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. (Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BABBS, Arthur V. *The Law of the Tithes: As Set Forth in the Old Testament, Illustrated, Explained and Enforced From Biblical and From Extra-Biblical Sources*. New York/Chicago/Toronto: Fleming H. Revell Company, 1912.

BAILEY, James L.; BROEK, Lyle D. Vander. *Literary Forms in The New Testament*. Louisville: Westminster/ John Knox Press, 1992.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000.

BALZ, Horst Robert; SCHNEIDER, Gerhard. *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Vol 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo(I)*. Tradução: José Maria de Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

BARCLAY, John M. G. *Paulo e o Dom*. Tradução: Fabrizio Zandonadi Catenassi, Fabiana Beckert, Jefferson Zeferino. São Paulo: Paulus, 2018.

BARNETT, Paul. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Commentary on the New Testament). Grand Rapids/Michigan: Eerdmans, 1997.

BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia Judaica e A Bíblia Cristã: Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BARRETT, C.K. *Essays on Paul*. Philadelphia: The Westminster Press, 1982.

BAUER, W; ARNDT, W; GINGRICH, F.W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3rd ed. Chicago Press, 2000.

_____. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 4rd ed. Chicago Press, 2001.

BECKMAN, Gary. *Hittite Diplomatic Texts: SBL (Writings from the Ancient World Series, v. 7)*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1996.

BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2010.

BEKER, J. Christiaan. *Paul the Apostle. The Triumph of God in Life and Thought*. Philadelphia: Fortress Press, 1988.

BERGER, Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. Tradução: Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. *Psicologia Histórica do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2011.

BERNABÉ, Alberto. *Manual de Crítica Textual y Edición de Textos Griegos*. Madrid: Ediciones Akal, 2010.

BETZ, Hans Dieter; MacRae, George W. *2 Corinthians 8 and 9: A Commentary on Two Administrative Letters of the Apostle Paul*. (Hermeneia). Philadelphia: Fortress Press, 1985.

BIBLEWORKS. *BibleWorks 10*. Norfolk, VA: BibleWorks, 2015. (software).

BLANCO, J. García; RAMÓN, J. L. García. *Geografía de Estrabón: Libros I-II*. Madrid, Editorial Gredos, 1991.

BLANCO, José Inácio. *Personagens do Antigo Testamento 1, Volume 1 – Coletânea de Textos*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R. A. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

BOAS, Evert V. E; RIJKSBARON, Albert; HUITINK, Luuk; BAKKER, Mathieu DE. *The Cambridge Grammar of Classical Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

BOER, Roland. *The Sacred Economy of Ancient Israel*. Louisville/Kentucky: Westminster John Knox Press, 2015.

_____. *Tracking The Tribes of Yahweh: On the Trail of a Classic*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002.

BOOR, Werner De. *Cartas aos Coríntios: 2Coríntios*. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004.

BOURQUIN, Yvan; MARGUERAT, Daniel. *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BOX, G. H. 4 Ezra. In: *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Vol 2. Oxford: Claredon Press, 1913.

BRIGGS, Charles A; BRIGGS, Emilie Grace. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms*. New York: C. Scribner's Sons, 1906.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, Raymond A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRUCE, F. F. *O Cânon das Escrituras*. São Paulo: Hagnos, 2011.

CAMBRAIA, César. N. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (orgs.). *Peantateuco: Da Formação à Recepção*. São Paulo: Paulinas, 2016.

CARSON, D.A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAN, Alan Kam-Yau. *Melchizedek Passages in the Bible: A Case Study for Inner-Biblical and Inter-Biblical Interpretation*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016.

CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*, Vol.1 e 2. New Jersey: Hendrickson Publishers, 2010.

CHARLES, Robert H. The Book of the Secrets of Enoch. In: *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Vol 2. Oxford: Claredon Press, 1913.

_____. The Book of Jubilees. In: *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Vol 2. Oxford: Claredon Press, 1913.

CHRISTENSEN, Duane L. *Deuteronomy 21:10-34:12*. (Word Biblical Commentary 6B). Dallas: Word, 2002.

COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*: Tradução: Gordon Chown, Volume II. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COHEN, Shaye J. D. *The Beginnings of Jewishness: Boundaries, Varieties, Uncertainties*. California: University of California Press, 2001.

_____. *From the Maccabees to the Mishnah*, second edition. Kentucky: Westminster John Knox Press, 2006.

Concordance to the New Testament Graece of Nestle Aland 26 Edition and to the Greek NT. Third Edition. Berlin/New York, 1987.

COLLINS, John J. *The Invention of Judaism: Torah and Jewish Identity from Deuteronomy to Paul.* Oakland, California: University of California Press, 2017.

CONCANNON, Cavan W. “*When You Were Gentiles*”: *Specters of Ethnicity in Roman Corinth and Paul’s Corinthian Correspondence.* New Haven: Yale University Press, 2014.

COTHENET, Edouard. *São Paulo e o seu tempo.* Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CROSSAN, J. Dominic; REED, L. Jonathan. *Em Busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano.* São Paulo: Paulinas, 2007.

CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language.* Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DAVIES, W.D. *Paul and Rabbinic Judaism. Some Rabbinic Elements in Pauline Theology.* London: S.P.C.K, 1965.

DENNISTON, J. D. *The Greek Particles.* Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1996.

DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. *Paulo, uma teologia em construção.* Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

Dicionário de Latim – Português. 3a edição. Portugal: Porto Editora, 2008.

DICKEY, Eleanor. *An Introduction to the Composition and Analysis of Greek Prose.* Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

DUBOIS, Jean... [et al]. *Dicionário de Linguística.* São Paulo: Cultrix, 2014.

DUCROT, O. *Princípios de Semântica Linguística.* São Paulo: Cultrix, 1972.

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo.* São Paulo: Paulus, 2003.

- DURHAM, John I. *Exodus*. (Word Biblical Commentary 3). Dallas: Word, 2002.
- EHRMAN, Bart D; HOLMES, Michael W. *The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestionis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.
- ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo: A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998.
- ENGELS, Donald. *Roman Corinth: An Alternative Model for The Classical City*. Chicago: Rhe University of Chicago, 1990.
- EPSTEIN, Isadore. *The Soncino Hebrew-English Babylonian Talmud*. 30 vols. London: Soncino, 1948.
- ESBARRANCH, Juan J. T. *Geografía de Estrabón: Libros VIII-X*. Madrid, Editorial Gredos, 2008.
- FANNING, Buist M. *Verbal Aspect in New Testament Greek*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- FEAR, A. T. *Orosius Seven Books of History against the Pagans*. Liverpool: Liverpool University Press, 2010.
- FISCHER, Alexander A. *O Texto do Antigo Testamento: Edição Reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernst Würthwein*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- FISHER, Loren R (ed.). *Ras Shamra Parallels. The Texts from Ugarit and the Hebrew Bible*. Volume II. Rome: Pontificium Institutum Biblicum, 1975.
- FINE, Steven. *Art, History and the Historiography of Judaism in Roman Antiquity*. Boston: Brill, 2014.
- FINGUERMAN, Ariel. *A Eleição de Israel: A polêmica entre judeus e cristãos sobre a doutrina do "povo eleito"*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Edição Paulinas, 1992.

FORBES, Nevill; CHARLES, Robert H. *The Book of the Secrets of Enoch*. In: *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Vol 2. Oxford: Clarendon Press, 1913.

FOULKES, Irene. *Problemas Pastorales en Corinto. Comentario Exegetico-Pastoral a I Corintios*. San Jose-Costa Rica: DEI, 1996.

FREEDMAN, David Noel (editor). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.

FUNARI, Pedro P. A; MACHADO, Jonas. *Os Manuscritos do Mar Morto: Uma Introdução Atualizada*. São Paulo: Annablume Editora, 2013.

FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians: Translated with Introduction, Notes, and Commentary*. New Haven/London: Yale University Press, 2008.

GARCÍA-BELLIDO, M.^a Paz de Hoz. *Geografía de Estrabón: Libros XI-XIV*. Madrid, Editorial Gredos, 2003.

GARLAND, David E. *2 Corinthians*. (The New American Commentary 29), electronic ed. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no tempo dos persas. Séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. *Psalms, Part 2, and Lamentations*. (The Forms of the Old Testament Literature). Vol. XV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co, 2001.

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford at the Clarendon Press, 1968.

GRADL, Felix; STENDEBACH, Franz J. *Israel e Seu Deus: Guia de Leitura para o Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001.

GRANEROD, Gard. *Abraham and Melchizedek: Scribal Activity of Second Temple Times in Genesis 14 and Psalm 110*. Berlin/New York: De Gruyter, 2010.

GREENLEE, J. H. *Introduction to New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: Baker Academic, 1995.

GRICE, H. P. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 2015.

GUMMERE, Richard M. *Seneca Epistles 93-124*. (Loeb Classical Library). Cambridge: Harvard University Press, 1925.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. Tradução: João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel*. São Paulo: Teológica: Loyola, 2005.

HALLO, William W. *Origins: The Ancient Near Eastern Background of Some Modern Western Institutions*. Leiden/New York/Koln: E. J. Brill, 1996.

_____. *The Context of Scripture: Canonical Compositions, Monumental Inscriptions, and Archival Documents from the Biblical World*. Leiden/Boston: Brill, 2003.

HARRIS, Murray J. *The Second Epistle to the Corinthians*. (The New International Greek Testament Commentary). Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2005.

HARRIS, R. L; ARCHER J. R; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARTLEY, John E. *Leviticus*. (Word Biblical Commentary 4). Dallas: Word, 2002.

HATCH, Edwin; REDPATH, Henry A. *A Concordance to the Septuagint and Other Greek Versions of the Old Testament (Including the Apocryphal Books)*. Part I. Oxford: Clarendon Press, 1897.

HAWTHONE, G. F; MARTIN, R. P; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008.

HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. Tradução: Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 1995.

HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: Religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

INGELMO, María C. H. *Descripción de Grecia de Pausanias: Libro II Corinto Y Argólide*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

ISAAC, Ephraim. *O Livro de Enoque Etíope ou 1 Enoque*. Tradução de Orlando Iannuzzi Filho. São Paulo: Entre os Tempos, 2015.

JEWETT, Robert. *Romans*. Hermeneia, Philadelphia, Fortress Press, 2006.

JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS (JACT). *Reading Greek – grammar and exercises* (second edition). Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JONES, Horace Leonard. *The Geography of Strabo*. Vol IV. Cambridge: Harvard University Press, 1951.

JONES, W. H. S. *Pausanias's Description of Greece*. In Six Volumes. London: William Heinemann, 1918.

JR, HORTON, Fred L. *The Melchizedek Tradition: A Critical Examination of the Sources to the Fifth Century A.D. and in the Epistle to the Hebrews*. London/ New York/Melbourne: Cambridge University Press, 2005.

KEENER, Craig S. *1 and 2 Corinthians*. (The New Cambridge Bible Commentary). Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KIRST, Nelson. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. Petrópolis: Sinodal e Vozes, 1987.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição da Segunda Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, Wm. Eerdmans Pub. Co., 1964-1976. 10 Vols.

KIAUCK, Hans-Josef. *Entorno religioso do cristianismo primitivo I - Religião civil e religião doméstica, cultos de mistérios, crença popular*. São Paulo: Loyola, 2011

_____. *Entorno religioso do cristianismo primitivo II - Culto aos governantes e imperadores, filosofia, gnose*. São Paulo: Loyola, 2011.

KOEHLER & BAUMGARTNER. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. 2 vols. Boston: Brill Academic, 2001.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. 2 Vols. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

KRAUS, Hans Joachim. *Los Salmos: Sal 60-150*. Vol II. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995.

KRUSE, Colin G. *2 Coríntios: Introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1997.

LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2016.

LASOR, William S. *Gramática sintática do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

LETE, Gregorio Del Olmo. *Mitos y Leyendas de Canaan Segun la Tradicion de Ugarit*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.

LEVINE, Baruch A. *Leviticus*. (The JPS Torah Commentary). Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989.

LIDDEL, H. G.; SCOTT, F., *A Greek-English Lexicon*. Oxford, The Clarendon Press, 1996.

LOPES, Daniel R. N. *Górgias de Platão*. Obras II. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

MACHO, Alejandro D. *Apócrifos Del Antiguo Testamento*. Tomo I, II, III, IV, V, VI. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

MARSHALL, I. Howard. *Teologia do Novo Testamento: Diversos testemunhos, um só evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MARTÍNEZ, Florentino Garcia. *Textos de Qumrán*. Madrid: Editorial Trotta, 1992.

_____. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *The Dead Sea Scrolls: Translated The Qumran Texts in English*. Second Edition. Leiden, New York: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1996.

MARTÍNEZ, Florentino Garcia; BARRERA, Julio Trebolle. *Os Homens de Qumram. Literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. (Word Biblical Commentary). Second Edition. Grand Rapids/Michigan: Zondervan, 2014.

McCARTHY, Dennis J. *Treaty and Covenant: A Study in Form in the Ancient Oriental Documents and in the Old Testament*. New Edition completely Rewritten. Rome: Biblical Institute Press, 1981.

McKAY, Kenneth L. *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach*. Peter Lang: New York, 1994.

MEANA, M.a José; PIÑERO, Félix. *Geografía de Estrabón: Libros III-IV*. Madrid, Editorial Gredos, 1992.

MEEKS, Wayne A. *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. Tradução: I. F. L. Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

_____. (ed.). *The writings of St. Paul*. Nova York: W.W. Norton, 1972.

METZGER, BRUCE. M. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. New York e Oxford: Oxford University Press, 2005.

_____. *Un Comentario Textual Al Nuevo Testamento Griego*. Tradução: Moisés Silva e Alfredo Tepox. Stuttgart: Sociedades Bíblicas Unidas, 2006.

MEY, Jacob L. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. Second Edition. Oxford: Elsevier, 2009.

MILGROM, Jacob: *Leviticus 23-27: A New Translation With Introduction and Commentary*. New Haven/ London: Yale University Press, 2008.

MORRIS, Charles. *Fundamentos da Teoria dos Signos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

MOULTON, James Hope; TURNER, Nigel: *A Grammar of New Testament Greek*. Volume 3: Syntax. Edinburgh: T. & T. Clark, 1963.

MOULTON, Harold K. *Léxico Grego Analítico*. Tradução: Davi Miguel Manço e Everton César Aleva de Oliveira. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MURACHCO, Henrique. *Língua Grega: Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. Volume I. São Paulo: Discurso Editorial / Editora Vozes, 2001.

MURPHY – O’CONNOR, Jerome. *Paulo Biografia Crítica*. Tradução: Barbara Theodoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *St. Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1983.

NEF ULLOA, Boris A. *A apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22-39): o testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2012.

NEUSNER, Jacob. *Ancient Judaism and Modern Category – Formation – “Judaism”, “Midrash”, “Messianism”, and Canon in the past quarter century*. New York, University Press of America, 1986. (Studies in Judaism).

_____. *Formative Judaism: Religious, Historical and Literary Studies – Third Series: Torah, Pharisees, and Rabbis*. Chico, California, Scholars Press, 1983. (Brown Judaic Studies).

_____. *Invitation to the Talmud: A Teaching Book*. San Francisco, Harper & Row, Publishers, 1984.

_____. *Major Trends in Formative Judaism – Society and Symbol in Political Crisis*. Chico, California, Scholars Press, 1983. (Brown Judaic Studies).

_____. *The Mishnah – A New Translation*. New Haven, Yale University Press, 1988.

_____. *The Tosefta: Translated from the Hebrew with a New Introduction*. Atlanta: Hendrickson Publishers, 2014.

_____. *Um Rabino conversa com Jesus – Um diálogo entre milênios e confissões*. Rio de Janeiro, Imago, 1994. (Coleção Bereshit).

O'BRIEN, Mark A. *The Deuteronomistic History Hypothesis: A Reassessment*. Göttingen: Vandenhoeck u. Ruprecht, 1989.

O'MAHONY, Kieran J. *Pauline Persuasion: A Sounding in 2 Corinthians 8–9*. Sheffield: Sheffield Academic Press Ltd, 2000.

OMANSON, Roger L. *Variantes Textuais Do Novo Testamento: Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”*. Tradução: Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

_____. *Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PATTE, Daniel. *Paulo, sua Fé e a força do Evangelho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

PESCE, Mauro. *As Duas Fases da Pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

PICKERING, Wilbur N. *The Identity of the New Testament Text IV*. WNP, 2014.

PITTA, Antonio. *La Seconda Lettera ai Corinzi*. Roma: Borla, 2006.

PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. New York: Scribner, 1915.

PORTER, Stanley E; ADAMS, Sean A. *Paul and the Ancient Letter Form*. Leiden/Boston: Brill, 2010.

PORTER, Stanley E; PITTS, Andrew W. *Fundamentals of New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2015.

PORTER, Stanley E. (Organizador). *Paul and His Opponents (Pauline Studies 2)*. Leiden: Brill, 2005.

RAGON, E. *Gramática Grega*. São Paulo: Odysseus, 2016.

RAISANEN, Heikki. *Paul and the Law*. Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2010.

REGA, Lourenço Stelio. *Noções do Grego Bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ROBERTSON, A. T. *A Grammar of Greek New Testament in the Light of Historical Research*. B&H Academic; Modern edition, 1947.

ROMER, Thomas. *A Chamada História Deuteronomista: Introdução sociológica, histórica e literária*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

ROSNER, Brian S. *Paul and the Law: Keeping the Commandments of God. (New Studies in Biblical Theology)*. Illinois: IVP Academic, 2013.

ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Paulus, 2004.

ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

ROTHAUS, Richard M. *Corinth: The First City of Greece an Urban History of Late Antique Cult and Religion*. Leiden: Brill, 2000.

ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. Tradução: Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2005.

RUSSEL, D. S. *Desvelamento divino*. São Paulo: Paulus, 1997.

SAMPLEY, J. Paul. *Paulo no Mundo Greco-Romano. Um Compêndio*. São Paulo: Paulus, 2008.

SANDERS, E. P. *Paul: The Apostle's Life, Letters, and Thought*. Philadelphia: Fortress Press, 2015.

SARNA, Nahum M. *Exodus*. (The JPS Torah Commentary). Philadelphia: Jewish Publication Society, 1991.

SARNA, Nahum M. *Genesis*. (The JPS Torah Commentary). Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989.

SCHMIDT, Francis. *O Pensamento do Templo de Jerusalém a Qumran*. São Paulo: Loyola, 1998.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3ª Edição. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

SCHNELLE, Udo. *A evolução do pensamento Paulino*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *Paulo Vida e Pensamento*. São Paulo: Academia Cristã & Paulus, 2010.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã & Paulus, 2010.

SCHNELMELCHER, Wilhelm. *New Testament Apocrypha, Vol.2: Writings Relating to the Apostles Apocalypses and Related Subjects*. Louisville & Kentucky: Westminster John Knox Press, 2003.

SCHOKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Edições Paulus, 1997.

SCHOWALTER, Daniel N; FRIESEN, Steven J. *Urban Religion in Roman Corinth*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

SEARLE, John R. *Expressão e Significado: Estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Os Actos de Fala: Um Ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (Org.); GARGANO, Innocenzo; SKA, Jean L; PISANO, Stephen. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SKA, Jean-Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco: Chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. *O Canteiro do Pentateuco: Problemas de composição e de Interpretação, Aspectos Literários e Teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2016.

SMYTH, Herbert Weir. *Greek Grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual: História, Metodologia, Exercícios*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. São Paulo: Edusp, 1994.

STARK, Rodney. *The Rise of Christianity: How the Obscure, Marginal Jesus Movement Became the Dominant Religious Force in the Western World in a Few Centuries*. HarperSanFrancisco: Harper Collins Publishers, 1997.

STONE, Michael E. *Jewish Writings of the Second Temple Period: Apocrypha, Pseudepigrapha, Qumran Sectarian Writings, Philo, Josephus*. Assen/ Philadelphia: Van Gorcum/Fortress Press, 1984.

STOWERS, Stanley Kent. *The Diatribe and Paul's Letter to the Romans*. Society of Biblical Literature. Dissertation Series: Number 57. Scholars Press, 1981.

SUETÔNIO. *A Vida dos Doze Césares: Texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1994.

THRALL, Margaret E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of the Corinthians*. Vol 1 e 2. London; New York: T&T Clark International, 2004.

TIGAY, Jeffrey H. *Deuteronomy*. (The JPS Torah Commentary). Philadelphia: Jewish Publication Society, 1996.

TURNER, Max. *The Holy Spirit and Spiritual Gifts in the New Testament Church and Today*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 1998.

VAAN, Michiel de. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden/Boston: Brill, 2008.

VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Editora Mercuryo, 1991.

_____. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. Revised Edition. New York: Penguin Classics, 2004.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: Uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WEINFELD, Moshe. *Deuteronomy 1-11*. The Anchor Bible. New Haven: Yale University Press, 2008.

WENHAM, Gordon J. *Genesis 1-15*. (Word Biblical Commentary 1). Dallas: Word, 2002.

WEST, Martin L. *Textual Criticism and Editorial Technique*. Springer Fachmedien Wiesbaden 1973.

YONGE, C. D. *The Works of Philo: Complete and Unabridged*. New Updated Version. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1993.

Metodologia da Exegese

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos Métodos Linguísticos e Histórico-Críticos*. Tradução: Johan Konings e Inês Borges. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta. M. *Comunicação e Pragmática na Exegese Bíblica*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese Bíblica. Teoria e Prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.

MORA PAZ, Cesár; GRILLI, Massimo; DILLMANN, Rainer. *Lectura Pragmalingüística de La Biblia: Teoría y aplicación*. Estella: Verbo Divino, 1999.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulus, 2002.